

POESIAS

...quelle singulière et triste impression
Produit un manuscrit! Tout á l'heure, á ma table
Tout ce que j'écrivais me semblait admirable.
Maintenant, je ne sais — je n'ose y regarder.
Au moment du travail chaque nerf, chaque fibre
Tressaille comme un luth que Ton vient d'accorder
On n'écrit pas un mot que tout T'être ne vibre.
(Soit dit sans vanité, c'est ce que Ton ressent)
On ne travaille pas — on ecoute — on attend.
C'est comme un inconnu qui vous parle á voix basse.
On rest quelque fois une nuit sur la place.
Sans faire un mouvement et sans se retourner.
On est comme un enfant dans sea habits de fête,
Qui criant de se salir et de se profanar.
Et puis et puis — enfin! — On a mal á la tete,
Quel étrange réveil! Comme on se sent boiteux!
Comme on voit que Vulcain vient de tomber des éteux.

(Alfred de Musset — *Premieres poésies*)

Rien, à mon avis, de si insupportable que la lecture suivie d'un recueil de vers; ils ne peuvent se lire que fort à *batons rompus*; cependant en les reprenant et les quittant souvent, on les lit tout entiers et quelque foi on y trouve de très jolies choses.

Essais dans le goût de ceux de Montagne, on les loisirs
d'un ministre d'État (pág. 388).

Nota do Autor. — Havia muito tempo que eu pensava isto mesmo em relação aos volumes de poesias.

PRIMEIRA PARTE

A MEU IRMÃO
(JOSÉ JOAQUIM GOMES COELHO)

Também tu, meu irmão, inda aos vinte anos,
Dizes ao mundo teu extremo adeus!
Deixas-me só e partes! os arcanos
Vais da vida sondar aos pés de Deus?

Inda há bem pouco aspirações ridentes,
Despertadas ao sol da juventude,
Te apontavam futuros resplendentes
De mil glórias, de amor e de virtude.

Há pouco em devaneios tão risonhos,
Cantavas em sentida poesia
As meigas ilusões, dourados sonhos
Que te adejavam sempre à fantasia.

Há pouco tu julgavas do horizonte
Ver dum belo porvir sorrir-te a aurora,
Bem como a áurea luz c'roando o monte,
Do Sol precede a chama animadora.

Tudo isso era ilusão, simples quimera,
Que aos vinte anos sonhamos acordados;
Curta página a sorte te escrevera
No grande livro incógnito dos fados I

E enquanto descuidado te entregavas
Aos sonhos da exaltada fantasia,
Sob a florea vereda que trilhavas
A morte, a fria morte, se escondia!

Tu viste uma por uma emurhecerem
As mais viçosas flores da tua vida;
E as esperanças seu verdor perderem
Com a aridez da existência desflorida.

E a vida te pareceu áspero deserto,
Assim desguarnecida de ilusões,
De laços materiais cedo liberto
Remontaste às celestes regiões.

Não te lamento, irmão; a tua sorte,
Ao que padece, inveja só produz;
Porque às trevas finais da hora da morte
Seguem-se anos sem fim de imensa luz.

Eras justo, no Céu gozas a palma,
Que ao mundo, aqui de balde pedirias,
E os anjos acolheram a tua alma
Num coro de suaves harmonias.

Mas eu, que te amei, pra quem tu eras
Mais que irmão, mais que pai, mais que amigo,
Eu, a quem desde infante ofereceras,
Pra suprir o de mãe fraterno abrigo.

Mais infeliz fui eu; junto a meu lado
Vago está o lugar que abandonaste.
Vivo só, com as saudades do passado,
Do tempo que de encantos povoaste.

Nesta acerba aridez do meu presente
Recordo-me da vida que passou,
E bem vejo que a sorte fatalmente
Na vida do infortúnio me lançou.

Como a do nauta desditosa sorte,
Que o mar arrosta em tormentosa viagem,
E viu nas ondas que enfurece a morte
Sucumbir todo o resto da equipagem;

Tal o destino meu; entrei no mundo
E saudei-o com hinos de alegria;
Nos êxtases dum júbilo profundo,
O dom da vida a Deus agradecia.

Em ambiente de amor desabrocharam
Na infância as flores da existência minha.
Amor de pai, de mãe, de irmãos, douraram
A amena senda, que ante mim eu tinha.

E depois... ai, irmão! que acerbas dores
Juntos sofremos! Murchas, ressequidas,
Desfolharam-se as mais viçosas flores,
Ceifou a dura morte aquelas vidas.

O belo céu, que nos sorriu na infância,
Em breve se mostrou turbado e triste;
A terna mãe pedira a outra estância
A paz, que neste mundo não existe.

E ai daquele, que no alvor da vida
Perdeu pra sempre maternais afagos,
Ai, que bem cedo a vê ser consumida
Por mil anelos, mil desejos vagos.

Ai, bem cedo o sentimos! Separados
Do sol que a infância em luz nos envolvia,
Quais estioladas plantas, assombrados,
A fronte inda infantil, já nos pendia.

E assim viveste! e quando a idade ardente
De mil aspirações te enchia o peito,
Olhaste, e vendo a isolação somente,
Cansado, te deitaste em frio leito.

E eu, em vão no ataúde me curvava,
Em vão hei procurado a tua campa;
A morte de mistérios te falava,
Mas nos lábios do morto o dedo estampa.

Em vão te perguntei: Nessa morada
Outros fúlgidos sonhos imaginas?
Ao sair da vida deparaste o nada?
Ou acordaste em regiões divinas?

Mudo ficaste. Os ventos perpassaram,
Soltando queixas no volver das folhas,
E teus lábios imóveis não falaram,
Nem sequer o irmão saudoso olhas.

Meu Deus! permite que através da lousa
Possas ele ouvir a minha voz ainda,
E desse leito, onde afinal repousa,
Me diga: A vida neste pó não finda;

Me diga: A crença que na leda infância
Aprendemos da mãe é verdadeira;
Há outra vida, há uma outra estância,
Tão feliz, quanto esta é passageira;

Que se encontram os entes mais queridos,
E em eterno amplexo a Deus se humilham;
Que os prazeres em sonhos concebidos
Só há no espaço onde as estrelas brilham.

E então, ó Senhor, com a fé mais pura
Eu ansiarei pelo supremo instante
Em que, livre da humana desventura,
Demandar tua estância radiante.

Deixa que o amigo ao amigo só revele
Os segredos que a morte lhe confia,
Esta incerteza... em vão a fé repele,
A dúvida cruel continuo a cria.

Porque negas, Senhor, ao peregrino
 Que vai cumprindo só esta romagem ,
 Um raio ao menos do saber divino,
 Que lhe brade na dúvida: Coragem !?

Porque não ha-de a lousa funerária
 Erguer-se à voz saudosa da amizade,
 Para falar à alma solitária
 Que anela por saber toda a verdade?

Porquê?... Mas, Deus, perdoa! eu creio! eu creio!
 No seu leito de morte o conheci:
 Sim, nesse instante de tormentos cheio,
 No peito a voz da crença bem ouvi!

E por isso prostrei-me de joelhos,
 E os lábios murmuravam a oração,
 E cri então no Deus dos Evangelhos,
 E a dúvida deixou-me o coração.

Repousa, irmão, à sombra do cipreste;
 Não repousar na terra é desventura.
 Dorme no mundo e acorda à luz celeste,
 Cruzando o limiar da sepultura.

Dezembro de 1859.

Nota do Autor. — Duvidar da verdade desta poesia, era duvidar dos meus sentimentos mais puros, dos meus mais queridos affectos e nesse caso, não sei de palavras que me pudessem justificar.

A MORTE DO POETA

(A memória de A. A. Soares de Passos)

Calou-se a lira! E a criação nos coros
De menos uma voz aos céus revoa!
Na imensa harpa, em que o universo entoa
Seus cânticos, de menos uma corda!
Que foi? que nota falta às harmonias?
Que foi? que mão deixou quebrar a lira?
O poeta morreu, o canto expira,
Cessam seus hinos do sepulcro à borda!

Morreu o teu cantor, ó Armamento!
Teu sacerdote ardente, ó poesia!
Ó Deus, ó Pátria, a última agonia
Gelou a voz que hosanas vos sagrara!
Crente inspirado, os brados do entusiasmo
Não lhe esfriou dos homens a indiferença,
E a venenosa taça da descrença
Dos generosos lábios arrojara!

O poeta morreu! E o Sol e os astros
Que ele cantou, e a abóbada celeste
De ltuosas trevas se não veste;
E tu, ó Pátria, que ele amava tanto,
Tu dormes inda esse gelado sono?!
Não te acorda o seu último gemido?
Sente-lhe a morte, se não hás sentido
De animação e glória o eterno canto.

Mas não; os homens vêem pasmar o féretro,
 Vêem do sepulcro alevantar-se a lousa,
 E, olhando a nobre frente que repousa,
 — Quem é? perguntam com cruel frieza.
 — É um poeta, lhes respondem poucos.
 Um poeta! palavra incompreensível!
 Por ele a multidão passa insensível,
 E a campa desampara com presteza.

E um poeta morreu! listas palavras
 Nada vos dizem, povos, que as ouvistes?
 Não as há mais solenes nem mais tristes.
 Oh! nelas reflecti um só momento!
 Não sabeis o que diz a morte do homem
 Que se encaminha à campa que lhe ergueram
 Seguido apenas dos que ainda veneram
 O culto da poesia e pensamento?

Não ouvís esse dobre, que o lamenta?
 É como a voz do século, que brada:
 — «Chorai, ó multidões, que na cruzada
 Da civilização vos alistastes,
 Chorai, um dos soldados que hã caído,
 Deus lhe dera a bandeira que vos guia,
 O estandarte da idéia, a poesia;
 Mas vós na heróica empresa o abandonastes !

«Lamenta, ó liberdade, o teu apóstolo!
 Amor, o coração que te entendia!
 Tu, Pátria, o filho que melhor podia
 Entre as nações da terra engrandecer-te!
 Religião, ai! chora o sacerdote,
 Que, entoando no templo os sacros hinos,
 Chamara os povos aos altares divinos
 E cultos sem iguais pudera erguer-te!»

E tu, O mundo, o vês quase indiferente!
 Curva a cabeça ante essa campa aberta,
 Ajoelha-te, e a frente descoberta,
 Venera as cinzas que deixou na Terra;
 Os restos são da mais violenta chama,
 Que o fogo do Céu no mundo ateia;
 A chama ardente de inspirada idéia,
 Fogo que a mente do poeta encerra I

Verte, oh! verte uma lágrima na tumba;
Uma lágrima só. Outros desejam
Soberbos mausoléus onde se vejam
Fulgir os nomes seus em letras d'ouro;
Ele não. Flores e lágrimas, eis tudo!
Eis o diadema a que o poeta aspira;
Porque lho negas? Que paixão te inspirar
Delas fizeste, ó mundo, o teu tesouro?

Ai, não; umas e outras as desprezas:
As flores procuram as campinas,
Porque a turba, ao passar, calca as boninas,
E o sopro das cidades as murchava.
As lágrimas, as flores do sentimento,
Não as diviso já nos olhos do homem,
Ou das paixões as lavas as consomem,
Ou morto é o sentimento que as gerava.

Fazes bem em passar, mundo, se ignoras
Desta cena a solene majestade,
Impassível ficar era impiedade.
Parte, vai; a indiferença era um insulto.
Oh! mil vezes mais grato o isolamento...
Mas não, o isolamento não existe:
Junto da campa se reúne triste
Longo cortejo de lutuoso vulto.

Ei-los; do vasto templo se avizinham,
Trazem no rosto a dor, que os consome.
Esses veneram do poeta o nome,
Do féretro ao passar, curvam a fronte,
Respeitai esse pranto, que é sentido;
Longe, indiferentes, que o lugar é santo!
Os que entenderam seu sublime canto,
Saúdam-no ao sumir-se no horizonte I

Silêncio! A Pátria do seu sono acorda!
Sono talvez, que precursor da morte,
Do filho só lamenta a triste sorte,
3eme saudosa com magoado acento!
Ai, nos seus dias de passada glória,
De mãe o desespero a voz lhe erguera,
E, em seu clamor, às praias estendera
Das nações mais longínquas o alto alento.

Mas hoje, já de forças exaurida,
É fraca a sua voz ante essa tumba;
Do peito vem, porém já não retumba
Nos ecos das nações mais poderosas.
Apenas sua irmã, a mais vizinha,
Que quase a mesma linguagem fala,
Compassiva parece lamentá-la,
Ouvindo suas queixas dolorosas.

Poeta, dorme pois: a tua campa
Não ficará sem lágrimas nem flores,
As liras soltam fúnebres clamores
E os ventos reproduzem suas queixas.
Dorme, dorme, poeta, que teu sono
A turba inquietaria com seus passos;
Mas qual o infante nos maternos braços,
Dorme ao som dessas lânguidas endeixas.

Dorme, dorme em sossego... mas, silêncio!
Para que solto a voz? Cala-te ó lira!
Se o gênio da poesia não te inspira,
Para que o seu cultor lamentas triste?
Diante da mudez deste sepulcro
Teus ais de dor, ó coração, suspende;
Vê em silêncio o Sol, que ao ocaso pende
Como em silêncio no zénite o viste.

Março de 1860.

Nota do Autor. — Obedeci a um impulso irresistível escrevendo esta poesia. Admirei Soares de Passos durante a vida, como poeta, no seu livro; como homem, nas sempre lembradas noites em que, entre poucos mas escolhidos amigos, víamos em sua casa correrem as horas como instantes e passarem as longas noites de Inverno como um sonho delicioso e aprazível. Foi então que pudemos apreciar a pureza daquele character, aquella rigidez de princípios, que nesta época de indiferentismo e egoísta especulação, causava assombro a quantos o ouviam. Por isso, quando morreu, senti-o. como todos que prezavam as letras pátrias e como todos que respeitam os caracteres elevados; mas senti-o também, como ninguém, pela dor que a sua morte deixava no coração de seu irmão, o mais sincero, desinteressado e generoso amigo que nunca hei encontrado. Tudo isto me levou a lamentar a sua morte, temerária empresa de onde me não podia sair bem.

UMA RECORDAÇÃO

Lembra-me ver-te inda infante,
Quando nos campos corrias
Em folgedos palpitantes;
Eras bela! e então sorrias.

Depois, na infância, eras inda,
Junto ao cadáver rezavas
De tua mãe, com dor infinda;
Eras bela! e então choravas.

Num baile vi-te valsando
Da juventude nos dias,
Todos de amor fascinando;
Eras bela! e então sorrias.

Dias depois encontrei-te;
Nos céus os olhos fitavas;
Sem me veres contemplei-te;
Eras bela! e então choravas.

Quando ao templo caminhando
Entre flores e alegrias,
De esposa a vida encetando,
Eras bela! e então sorrias.

Quando na campa do esposo
Com teu filho ajoelhavas,
Grupo inocente e saudoso!
Eras bela! e então choravas.

Num ataúde deitada
Eu te vi em breves dias,
Mimosa flor desfolhada!
Eras bela! e então sorrias.

Sorrindo, na vida entraste,
Sorrindo deixaste a vida;
Alguma flor que encontraste
A espinhos a viste unida.

Sim, às vezes tu sorrias,
E os sorrisos o que são?
Quase sempre profecias
Das penas do coração.

1857.

Nota do Autor. — Sorrisos e lágrimas andam muitas vezes acompanhados, uns por os outros, na vida. Olhada por este lado, esta poesia é verdadeira. Alguma coisa me podiam dizer as minhas recordações, para o provar, mas não seria absolutamente o que escrevi. Neste ponto é ela mentirosa. É pecado de que me confesso arrependido.

ÉS BELA

Es bela, sim, quando, corando, foges
Dum beijo perseguida;
Ou quando cedes com mais pejo ainda,
Mas na luta vencida.

És bela, sim, quando, banhada em lágrimas,
Soltas mimosas queixas;
Ou quando, comovida por maus prantos,
Já ameigar-te deixas.

És bela, sim, à luz do Sol nascente
Regando tuas flores,
Ou com os olhos no ocaso e o pensamento
No país dos amores.

És bela sempre, e o mesmo fogo acendes
No coração do poeta;
És bela sempre, ó linda flor do prado,
Ó mimosa violeta,

Quem te disse o segredo destas lágrimas,
Pra assim me consolares?
Quem te disse que a dor que me angustiava
Cedia aos teus olhares?

Criança, onde aprendeste essa ciência,
Ignorada de tantos?
Algum anjo do Céu é quem te inspira
Do conforto os encantos?

Oh! vem, vem junto a mim com teus sorrisos
Livrar-me destas trevas,
Rir-te do meu ar lúgubre, falar-me,
Vem, que só tu me enlevas.

Protegido por ti em círculo mágico,
Desafio a tristeza,
Que onde a infância se mostra tudo folga,
Homens e natureza;

Pra ti, pra tua idade descuidosa
Semeou Deus as flores,
Deu-te o cantar das aves por cortejo,
Deu-te o Céu por amores.

Vem, pois, os teus cabelos d'ouro puro
A pousar-me na frente,
Como os raios do Sol cingindo as serras
Ao surgir no horizonte.

Vem, que junto de ti nem compreendo
Estes falsos tormentos;
Mensageira celeste, sê bem-vinda,
Longe meus pensamentos!

Quando, baixando a frente, os olhos pousam
Em sorrisos de infantes,
Esquece-se o infortúnio, os risos voltam
E erguemo-nos radiantes.

Assim como nos rimos de teus ogos,
Tu ris das nossas penas;
Ambos somos crianças, variando
Nosso brinquedo apenas.

Tu criaste uma vida imaginária
Que cede à fantasia.
Nós co'a vida real também brincamos,
Porém sem alegria.

3 de Junho de 1862.

SAUDADE E ESPERANÇA

Ai não foi sonho, não. Era na infância,
 Duas visões queridas
Ao lado do meu berço me sorriam
De uma amorosa auréola cingidas;

Eu sorria também. Vendo-as tão belas,
 Por anjos as tomava,
E acordando dum sonho de inocência,
Inda a mais gratos sonhos me entregava.

E repetindo as orações ferventes,
 Que à voz da mãe ouvia,
Olhava-as, e julgava que era a elas
Que tão sentidas preces dirigia.

Quando as via, tão jovens e já tristes,
 Olhar a mãe chorando,
Eu cismava, e o infortúnio pressentia,
Vago ainda, os meus dias ameaçando.

E o infortúnio chegou. Era uma noite,
 E eu ainda infante
Despertei aos gemidos dolorosos
Das órfãs junto à mãe agonizante!

Transportaram-me ao leito aonde a triste
Lutara na .agonia,
Era tarde! A primeira vez na vida,
Ao beijá-la, suas bênçãos não colhia I

E as lágrimas, tao fluentes na infância
Meus olhos não banhavam!
Então senti que os dias de ventura
Com ela para sempre me deixavam.

Depois os mesmos anjos, que na infância
No berço me sorriam,
Em vez das vestes cândidas d'outrora,
Agora negras túnicas cingiam.

Nunca mais como a flor na Primavera
Eu as vi radiantes;
Mas sim como no Outono ela se ostenta,
Pendendo as alvas pétalas fragrantas.

Pobres flores! tão cedo sem abrigo,
Dia a dia enlanguescem
Como as que adornam virginais capelas,
E ao fim dum baile pelo chão fenecem.

Como cândidas pombas surpreendidas
Por furiosa tormenta,
Voam amedrontadas a acolher-se
Junto à mãe que no seio as acalenta,

Assim elas também amedrontadas
Das tormentas da vida
Voam pro Céu, e no materno seio
Procuram contra elas fiel guarida.

Um dia eu vi-me só! junto ao meu berço
Os anjos não sorriam,
Nem sequer suas lágrimas saudosas
Uma a uma nas faces me caíam.

Passaram tempos, e da infância aos dias
Seguiu-se uma outra idade;
Mas nem o tempo, nem paixões mais vivas
Me extinguiram a imagem da saudade.

Ainda as vejo a ambas, quando às vezes
Em sonhadas delicias,
Recordo o tempo da passada infância,
Recordo seu amor, suas carícias.

Outras vezes, mais vago o pensamento,
Num só anjo as confunde;
E então adoro essa visão querida,
Que n'aima ignotas sensações me infunde.

Se a imagem delas é como o crepúsculo
Dum dia já passado,
A nova imagem será ainda aurora
Dum dia ardentemente desejado?

Meu Deus! a flor dos campos também murcha
Vive um momento apenas;
Mas depois nova quadra veste os prados
De outro manto de rosas e açucenas.

Também as flores de infantil idade
Eu vi cair sem vida:
Deixa que a nova quadra dos vinte anos
Se adorne de uma túnica florida.

VISÃO

Não és real. Para o seres
Não foras, ó flor, tão bela;
Se à mente Deus te revela,
Não te cria o mundo, não.
Vegetas no peito do homem,
Mas não há viçoso prado
Onde te beije embriagado
O sopro da viração.

MORENA

Morena, morena
Dos olhos castanhos,
Quem te deu morena,
Encantos tamanhos?

Encantos tamanhos
Não vi nunca assim.
Morena, morena
Tem pena de mim.

Morena, morena
Dos olhos rasgados,
Teus olhos, morena,
São os meus pecados.

São os meus pecados
Uns olhos assim.
Morena, morena
Tem pena de mim.

Morena, morena
Dos olhos galantes,
Teus olhos morena
São dois diamantes.

São dois diamantes
Olhando-me assim.
Morena, morena
Tem pena de mim.

Morena, morena
Dos olhos morenos,
O olhar desses olhos
Concede-me ao menos.

Concede-me ao menos
Não seja assim.
Morena, morena
Tem pena de mim.

De As Pupilas do Sr. Reitor.

MOMENTO DECISIVO

O Sol descia ao poente,
E florente estava o prado;
Ouviam-se auras suaves
E das aves o trinado.

Tu sentada ao pé da fonte
O horizonte contemplavas
Vias o Sol declinando
E, corando, suspiravas.

E depois... seria acaso?
Do ocaso a vista ergueste,
E, ao olhar-me, mais coraste,
Suspiraste e emudeceste.

Foi bem rápido o momento
Dum alento repentino;
Porém nesse olhar de fogo
Eu li logo o meu destino.

Nesse olhar, no rubor vivo,
No furtivo respirar...
Diz, tu mesma nessas letras
Não soletras já: amar?

1860.

Nota do Autor. — Não é muito fácil esta espécie de leitura, o sentido das letras é diferente, conforme os desejos do que as pretende decifrar e daí mil decepções e amargos desenganos.

Eu não sei se li bem ou mal; mas é certo que depois disso, o livro parece fechado... não descubro caracteres novos.

CULTO SECRETO

Ouve, lânguida virgem das cidades,
A paixão que me inspiraste.
Curvada, como a flor em vaso d'ouro,
Tu, bela, me encantaste.

Eu vi-te assim pendida; a estrela d'alva
Ao surgir do oriente
Não nos envia mais saudosos raios
Do seu leito fulgente.

A viração da tarde, mais amena
No bosque, não murmura;
A alva açucena, que o vergel enfeita,
Não tem a cor mais pura.

Eu vi-te, e desde então sempre em meus sonhos
Surges, e magoadá
Pareces ver as vagas desta vida
Na margem debruçada

Vejo-te então ainda, e pensativa,
Os lábios entreabertos,
Murmurando em sentida linguagem
Pensamentos incertos.

Vejo-te ainda, as lágrimas ferventes
Dos olhos rebentando,
E, ao correrem nas faces, indiscretas,
Segredos revelando.

Que segredo é o teu, lânguida virgem,
Ideal dos meus amores?
Que imaginas nos sonhos dessas noites
Tão cheias de fulgores?

Que mistério procuras no ocidente
Ao desmaiar do dia?
Ou que visão esperas, quando a aurora
Com rosas se anuncia?

Que oculto sentimento reprimido
Te faz ansiar o seio?
Que íntima dor, que pensamento acerbo?
Que indefinido enleio?

Olha, se o coração te pede amores,
Virgem, não chores, canta,
Para ti é que são as flores da vida
E a luz que nos encanta.

Tu, sim, podes amar; nas sacras aras
Dessa chama inquieta,
Ateia o sacro fogo com que inflamas
O coração do poeta.

Tu sim, podes amar; mas eu... se ao ver-te
Interrogo o futuro,
Uma voz me murmura: «Adora, mártir,
Adora, e morre obscuro».

ENFIM!

Enfim! enfim! encontrei-te.
Luz há tanto suspirada!
Raiaste, aurora fadada
Dum longo dia de amor!
Resplandece, Sol brilhante
Da primavera da vida!
Surge, surge, estrela querida,
Que tão grato é teu fulgor!

Se soubesses como ansioso
Aguardava este momento,
Que há tanto no pensamento
Me aprazia em conceber!
Se soubesses, minha esp'rança,
Que anelar ardente e incerto
Na aridez deste deserto
Me fazia esperar e crer!

Ai, bem-vinda, mensageira
Duma indizível ventura!
A uma vida de amargura,
Ridente imagem, põe fim!
Para longe esta tristeza,
Vejo enfim formosos dias!
Oh! dá-me, dá-me alegrias,
Que me cansa a vida assim!

Qual a terra desflorida
Pelas mãos do Inverno agreste,
Que de gelos a reveste,
E lhe afrouxa a luz do Sol;
Cinge as vestes de verdura,
Toda de amor palpitante,
Qual virgem junto do amante
Da Primavera ao arrebol;

Tal minh'alma envolta em trevas
Dum passado de incerteza,
Rasga o seu véu de tristeza,
Ao ver-te surgir, amor!
E num hino de alegria
Saúda a risonha aurora,
Que deslumbrante a namora
Com fatídico fulgor,

Bela flor, fragrante rosa
Nos agros campos da vida,
Entre as outras escondida,
Como pudeste florir!
Como os vendavais furiosos
Das tempestades humanas,
Em suas fúrias insanas
Te não puderam ferir?

Foi condão do Céu por certo,
Foi talvez aura celeste
Que, ao nasceres, recebeste
E em ti se difundiu;
E, forte, desceste ao mundo,
Brilhando de luz divina;
Essa luz que me fascina,
Que nas trevas me sorriu I

Também, tu, bela, aspiravas
A um futuro vago ainda?
Também uma dita infinda
Te pedia o coração?
Ai, conta-me os teus segredos,
Os teus sonhos, teus anelos,
Conta-me, quero sabê-los:
Teus sentimentos meus são.

Diz-me se naquele instante,
Em que te vi meiga e bela,
Quando tu, formosa estrela,
Te elevaste no meu céu,
Uma voz misteriosa,
Prendendo-te em doce enleio,
Segredar-te ao ouvido veio:
«Ama! teu dia nasceu!»

Diz-me, se ao viver inquieto
Por não sei que oculta chama
Não sucede, quando se ama,
Uma existência de paz?
Se no horizonte sombrio,
Novo astro fulgurando,
Longínquas praias mostrando,
Venturas ver-te não faz?

Conta-me a vida passada
Antes do mágico instante
Em que te vi radiante
Meiga visão a sorrir.
Diz-me os teus jogos da infância
As lágrimas que verteste,
As penas que padeceste,
Sem eu as poder sentir.

Tu choravas! quando longe
Eu de ti, talvez sorria!
Tu choravas! e eu podia
Tão indiferente viver!
Oh! não! mística influência,
Que dois entes num só liga,
Embora longe, os obriga
Um com outro a padecer.

E é esse, esse o segredo
Da tristeza indefinida,
Que em certas horas da vida
Nos oprime o coração;
Esse o segredo das lágrimas,
Que de olhos virgíneos correm,
E dos suspiros que morrem
Nas asas da viração

Mas deixemos o passado,
Suas penas, suas dores,
Deixemos auras melhores
Nos manda o porvir de além,
Qual no meio do oceano,
Após longínqua viagem,
Ao nauta fragrante aragem
Da Pátria falar-lhe vem.

Em que mago encantamento
Esta dita a alma me embebe!
Só quem o sente o concebe;
Não se exprime este prazer!
Bem hajas, cândida virgem!
Bem hajas tu, que no seio
De aspirações todo cheio,
O amor fizeste nascer!

*

Adeus pois, passado triste,
Longas horas de amargura;
Adeus, paz da sepultura,
Sem encantos para mim;
Adeus sofrimentos vagos,
Adeus, febris pensamentos;
Esperam-me outros momentos,
Que o amor surgiu enfim.

Acorda pois, ó minh'alma,
Chegou enfim tua festa;
E qual se adorna a floresta
Da manhã ao grato alvor,
Veste também tuas galas,
O teu mais florido manto
E leva um sentido canto
Ao sol da vida, ao amor!

Julho de 1859.

Nota do Autor. —Em vez de —enfim— antes lhe devera chamar —rebate falso. A ser mais de que um sonho, não passou de um desejo. Não se deve portanto tirar ilações arrojadas porque seriam falsas.

METAMORFOSE

Repara: — a imóvel crisálida
Já se agitou inquieta,
Cedo, rasgando a mortalha,
Ressurgirá borboleta.

Que misteriosa influência
A metamorfose opera!
Um raio de Sol, um sopro
Ao passar, a vida gera.

Assim minh'alma, inda ontem
Crisálida entorpecida,
Já hoje treme, e amanhã
Voará cheia de vida.

Tu olhaste — e do letargo
Mago influxo me desperta;
Surjo ao amor, surjo à vida,
À luz de uma aurora incerta.

Onde vai teu pensamento
Quando, os olhos elevando,
Segues das aves ligeiras
Esse harmonioso bando?

Que te dizem os gorjeios
Dessas pobres foragidas,
Que vão procurar ao longe
Outras selvas mais floridas?

Acaso temes, como elas,
As nuvens negras, pesadas,
E os ventos que descem rápidos
Das altas serras nevadas?

Acaso invejas as asas
Desses plumosos viajantes?
Acaso aspiras à vida
Noutros climas mais distantes?

Não, querida, não receies
Do Inverno os duros rigores;
Quando do Sol falta a chama
Brilha a chama dos amores.

Não são para nós mais lúcidas
As noites que o próprio dia?
Que onde a luz do céu falece,
A paixão é que alumia.

E o gelo, que as pobres aves
Na relva prostra sem vida,
Fundir-se-á ao fogo ardente
Da nossa paixão, querida.

18 de Outubro de 1862.

A CABREIRA

Andava a pobre cabreira
O seu rebanho a guardar
Desde que rompia o dia
Até a noite fechar.

De pequenina nos montes
Não tivera outro brincar.
Nas canseiras do trabalho
Seus dias vira passar.

Sentada no alto da serra
Pôs-se a cabreira a chorar.
Porque chorava a cabreira
Ides agora escutar:

«Ai! que triste a sina minha,
Ai! que triste o meu penar,
Que não sei de pai nem mãe
Nem de irmãos a quem amar,

«De pequenina nos montes
Nunca tive outro brincar.
Nas canseiras do trabalho
Meus dias vejo passar.»

Mas, ao desviar seus olhos
Viu coisa que a fez pasmar:
Uma cabra toda branca
Se lhe fora aos pés deitar I

Branca toda, como a neve,
Que nem se deixa fitar,
Coberta de finas sedas
Que era coisa singular!

Nunca a tinha visto antes
No seu rebanho a pastar,
E foi a fazer-lhe festa...
E foi para a afagar...

Eis vai a cabra fugindo
Pelos vales sem parar ;
Ia a cabreira atrás dela
Mas não a pôde alcançar.

E andaram assim três dias
E três noites, sempre a andar!
Até que às portas de uns paços
Afim foram parar.

Chorava o' rei e a rainha
Há dez anos, sem cessar,
Que lhe roubaram a filha
Numa noite de luar.

E dez anos são passados
Sem mais dela ouvir falar;
Eis chega a cabreira à porta
A porta se foi sentar.

«Ai que bonita cabreira
Que lá em baixo vejo estar!
E uma cabra toda branca
Que nem se deixa fitar.

«Meus criados e escudeiros,
Ide a cabreira buscar.»
Isto dizia a rainha,
Este foi o seu mandar.

Foram buscar a cabreira
E a cabra de a acompanhar
Até às salas do paço
Onde o rei a viu chegar.

«Pela minha c'roa de ouro
Eu quero agora apostar,
Que é esta a filha roubada
Numa noite de luar.»

Milagre! quem tal diria!
Quem tal pudera contar!
A cabrinha toda branca
Ali se pôs a falar:

«Esta é a filha roubada
Numa noite de luar,
Andou dez anos no monte
Quem nasceu para reinar!»

Que alegrias vão nos paços!
E que festas sem cessar!
A filha há tanto perdida
No trono os pais vão sentar.

E vêm damas pra vesti-la
E vêm damas pra calçar;
E as mais prendadas de todas
Para as trancas lhe enfeitar.

Vão procurar a cabrinha...
Ninguém a pôde encontrar;
Mas um anjo de asas brancas
Viram aos Céus a voar.

NUVENS

Vês as nuvens no azul do firmamento
De brancuras ofuscantes,
Como impelidas por tufão violento
Se formam em legiões extravagantes?

Olha; acolá, reunidas uma a uma,
Um trono simbolizam;
Ali, rasgam-se em flocos, como a espuma
Das vagas crespas que em areais deslizam.

Mais longe, vês? as massas vaporosas
Informe monstro imitam,
E além, tingidas pela cor das rosas,
Paços que ocultas mágicas habitam.

Agora, vastos pórticos, ogivas,
E um longo peristilo,
Colunas, capiteis, arcadas vivas,
Arquitecturas de ignorado estilo.

Logo por esses plainos dispersadas
Pelo sopro do vento,
Como nívicos cordeiros às manadas
Sucedem-se velozes cento a cento:

Ora parecem gigantescas serras
Com seus eternos gelos;
Ora planícies de nevadas terras,
E das águas boreais os caramelos:

Ali nos representam funda gruta
E rochas diamantinas;
Acolá, mil exércitos em luta;
Mais além, mil cidades em ruínas.

E sabes tu no que essas formas vagas
Perto de nós se tornam!
Dize, quando no prado a sós divagas,
Tens visto as gotas que o vergel adornam?

Pois são esses os tronos deslumbrantes,
A ogiva preciosa,
Os fustes das colunas de diamantes,
E encantados palácios cor-de-rosa.

Esse vasto espectáculo dos ares,
Essas mágicas cenas,
A que presos estão nossos olhares,
Vê-los ao perto? são orvalho apenas.

Bem assim os projectos, áureos sonhos
Que na vida sonhamos;
Belos fantasmas, fúlgidos, risonhos,
Que nos céus do futuro divisamos.

Pois que junto de nós, essas imagens,
Essa visão querida,
Desvanecem-se, pérfidas miragens,
Fundem-se como a neve derretida;

Esp'rança no porvir, nuvens formosas,
Em que assim te deleitas,
Com esse orvalho que humedece as rosas
Hás-de vê-las em lágrimas desfeitas.

LAVA OCULTA

Não me entendes? não suspeitas
Que esta frieza é fingida?
Não vês, .cega, que envolvida
Está nela ardente paixão?
Quando teus olhares evito,
Quando julgas que medito,
Não compreendes que me agito
Em profunda inquietação?

E julgas isto frieza?
Julgas que o meu peito é gelo?
Se o que sinto não revelo,
Julgas que isso é não sentir?
Ai, louca, que assim te iludes;
Um momento que me estudes,
Verás que tortmentas rudes
Me estão no peito a brarnir.

Se a mão te cinjo à partida,
Não a sentes vacilante?
Diz, não vês como inconstante
Busco e evito o teu olhar?
Chamas a isto indiferença?
Não é, não, repara, pensa;
E o amor que se condensa
Para mais me devorar.

E tu não sentes... nem podes;
Pra que os olhos vejam tanto,
E, sob indiferente manto,
Descubram violento amor,
Não, não basta olhar somente;
O que o peito não presente,
Só quando fora rebente
Pode aos olhos ter valor...

E o teu coração... outrora
Esperei que me entendesse;
Julguei que nunca esquecesse
O que na infância nasceu,
E com os olhos no futuro
Caminhei firme e seguro,
E nunca este culto puro
No peito me adormeceu-

Mas tu... Essa flor singela
Da afeição que nos unia
Se definhava e morria
Desde que outra flor surgiu;
Cenas da infância, folguedos,
Seus sorrisos, seus segredos,
Passam, como nos olmedos,
A folha que ao chão caiu.

E por isso as esqueceste;
Eu não; que então já no seio
Ocultava com receio
Mais do que infantil amor.
Quando, só, em ti pensava,
E só contigo me achava,
Não te lembras? já corava,
Nem pra mais tinha valor.

Cresci, e esta idéia sempre
Afangava na lembrança;
Sempre, sempre esta esperança,
Sempre, sempre esta ilusão!
Ilusão, sim, era apenas;
Todas as passadas cenas
E recordações amenas
Riscou-tas nova paixão.

Foi uma noite. Esta idéia
Inda a conservo bem viva,
Cada dia mais se aviva
Pra mais me fazer sentir;
Desde então já não me iludo,
Foi uma noite; vi tudo,
E fiquei gelado, mudo,
Sem esperanças, sem porvir I

Um outro estranho, que importa?
Te falava com meiguice
E às palavras que te disse
Tu sorriste e ele sorriu,
E, desumana, não vias
Que o amigo de outros dias,
De cada vez que sorrias,
Cruéis angústias sentiu!

Ai, noite de insónia aquela!
Tu caiçaras o passado,
Nem talvez nunca pensado
Havias nele como eu;
Quis esquecer-te, vingar-me,
A outro amor entregar-me,
Mas só consegui cansar-me;
Este amor permaneceu.

Até quando? Só Deus sabe.
Comprimido ele floresce,
Mas vive, mas não fenece,
Que já da infância ele vem;
Tu não vês, que uma outra chama
Há muito teu seio inflama,
E quando deveras se ama,
Vê-se o amante e mais ninguém?

Bom é pois que não suspeites
Que esta frieza é mentida,
Que não vejas que envolvida
Oculta ardente paixão.
Quando teus olhares evito,
Quando julgas que medito,
Nunca saibas que me agito
Em profunda inquietação.

Abril de 1860.

Nota do Autor. — Esta poesia é um enigma, que eu não decifrarei. Isto quase equi-
vale a dizer que ficará sendo um enigma para todos e para sempre talvez.

Foi escrita o ano passado e esquecida. Encontrei-a, fiz-lhe algumas modificações
• incluí-a nesta colecção. É em grande parte imaginária.

PRESSÁGIO

Era em florente Junho;
A Lua se ostentava
Serena em seu brilhar;
A brisa na alameda
Saudosa suspirava
Nas folhas ao passar.

Contigo, eu só no bosque
Ouvia-te, tao triste,
Soltar, mais triste, a voz;
Falavas magoada
Da paz que só existe
Da fria morte após.

E os olhos lacrimosos
Fitavas nos espaços
Da mais amena cor,
Como se desejassem
Romper terrenos laços
E o azul do céu transpor.

Calado eu te fitava,
Porém ao ver-te o pranto
Banhar-te a face assim,
Não sei que dor pungente,
Não sei que mago encanto,
Me fez falar-te enfim.

E disse-te: «Não chores,
Na Terra é tudo flores,
No Céu é tudo luz.
Escuta os sons do bosque,
Respira os seus odores,
O aroma que seduz.»

Olhaste-me e sorriste;
E quanto não diziam
Então os olhos teus!
Quão íntima tristeza,
Que dor não reflectiam
Quando os erguestes aos céus!

E eu ficava mudo,
Olhando-te inquieto,
Sem bem te compreender;
E um ramo de cipreste,
O arbusto teu dilecto,
Vieste-me oferecer.

«Bem vês, da campa à beira
Também a flor rebenta»,
Disseste-me a sorrir,
«Também no chão da morte
De seiva se alimenta,
Também a vês florir.

«Quem vir esta campina
Virente e matizada
Viçar à luz do Sol,
Dirá, que neste manto
Se envolve a fria ossada
Do morto em seu lençol!»

De novo emudeceste,
E eu, triste, contemplei-te:
Mas não, não te entendi,
Parecia que na mágoa
Achavas um deleite,
Qual nunca igual senti!

Mas cedo teus perfumes
Da Terra aos Céus subiram,
E soube tudo então!
Era uma voz profética
Das que o poeta inspiram,
Falando ao coração.

No meio dos festejos
Da estiva natureza,
Sentias só a dor,
Vias a campa aberta
E em sua profundez
Sumir-se a esp'rança em flor.

E hoje, sim, compreendo
Tua conversa triste,
Quando comigo a sós...
E porque a entende agora?
Não sei. Talvez existe
Em mim a mesma voz.

Oh! sim, ele me mostre
No meio destas galas,
Que vejo em torno de mim,
A terra húmida e fria,
Do cemitério as valas
E o esquecimento enfim.

Abril de 1860.

Nota do Autor. — Esta é filha de um momento de *spleen*. Pareceu-me verdadeira então, hoje não. Estes pensamentos lúgubres acometem-me de quando em quando, mas passam. Estando dominado por eles, acho nesta produção um valor que, depois, de balde lhe procuro. Não é decerto no primeiro caso que melhor a avalio no que ela vale.

Não há ninguém que não tenha os seus momentos de hipocondria, muitos com menos razões do que eu. Desculpem-me portanto os efeitos de um desses momentos.

JUNTO A UMA CAMPA

Que seria de ti, se desfolhada
Não fosses, linda flor, no chão da morte?
Quem pode ler na página cerrada
Do livro do futuro a ignota sorte?

Ninguém; e quantas vezes iludidos
Choramos o que é nuncio de ventura?
Quantas, na esperança de prazeres mentidos,
Vemos luz onde tudo é noite escura?

Que seria de ti? Não sei. Se escuto
A voz do coração, fala de amores.
Mas quem me diz que a dor com que hoje luto
Não findará com o aroma doutras flores?

Que me diz que minh'alma, que palpita
Ao recordar-te, ó virgem desditosa,
Não viria inda um dia a ser precita
Ao fogo da paixão mais poderosa?

Quem sane? Tudo muda: o peito do homem
Como a ondulante face do oceano;
A um volvem as paixões que nos consomem,
A outro as fúrias do vento vário e insano.

Tudo muda! E meu seio não se exime
Da eterna lei que rege este universo:
Bênção ou maldição. Ela se exprime
Sem cessar na existência desde o berço.

E então se no porvir o ardente culto
Que eu te votava, ó sombra idolatrada,
Tivesse de findar, antes sepulto
Seja todo este amor na urna gelada.

Foste feliz talvez, talvez na vida
Tivesses de provar amarga taça,
E hoje à sombra da campa, adormecida
Colhes a prece e o pranto de quem passa.

Vivias para amar, morreste amando,
Morreste rodeada do perfume
Da divindade, e virgem, não ansiando
No pungir aflitivo do ciúme.

Morreste amando e amada. Sobre o leito
Onde tombaste inânime, sentiste
A sacra chama que me enchia o peito
E na extrema agonia inda sorriste.

Não devo lamentar-te, não. Podias
Sentir na vida dores que ignoraste;
E eu mesmo, a quem do túmulo sorrias,
Talvez te desse a coroa, que enjeitaste;

A coroa do martírio, que a não colhe
Quem verga, como tu, tão cedo à terra;
Mas sim quem vive e ao túmulo se colhe
Depois de transes de porfiada guerra.

Eu li na descrição de antigas viagens
O destino de um naufrago, que os ventos
Sobre parcéis e incógnitas voragens
De longe arremessaram violentos.

Ia a desfalecer, no húmido abismo
Buscando o último leito e o eterno olvido,
Mas no esforço do extremo paroxismo
Firmou-se às rochas de um penhasco erguido.

E salvou-se! prostrado sobre as
Ao Eterno com júbilo agradece;
E, olhando ao longe as furiosas vagas,
Do destino dos mais se compadece.

Mas bem cedo na estéril penedia
Colheu o triste amargo desengano,
Vendo seguir-se um dia após um dia,
E tudo só na vastidão do oceano.

Era a mudez da campa! Em passos lentos
Se aproximava a descarnada fome;
Longos dias de horríficos tormentos
A preceder-lhe um túmulo sem nome!

Até que enfim o pobre, quase louco,
Pra fugir à tortura que o devora,
Nas próprias ondas, que evitara há pouco,
Busca o refúgio, o passamento, agora!

Nos naufrágios da vida, quantas vezes
Nós, pobres nautas, o furor das vagas
Vencemos, pra mais ríspidos reveses
Irmos sofrer em solitárias plagas!

Feliz o que sucumbe na tormenta;
Um instante de angústia... e o eterno sono
O livra do martírio que experimenta
O que sofre na Terra o abandono.

Feliz pois tu, que cedo desfolhada
Caíste, ó bela flor, no chão da morte;
Quem sabe o que na página cerrada
Do livro seu te reservava a sorte?

A ESPERANÇA

No passado, uma saudade,
No presente, uma amargura,
E no futuro, uma esp'rança
De imaginária ventura;

Eis no que consiste a vida
Imposta por Deus ao homem.
Nisto se consomem dias!
Nisto anos se consomem!

Saudade é flor sem perfumes
Quando ainda verdejante,
Mas à medida que murcha,
Ai, que aroma inebriante!

A amargura é duro espinho
Que nas carnes penetrando,
Faz desesperar da vida,
Suas flores definhando.

A esperança é frouxa luz
Que nas trevas nos fulgura;
Vendo-a, ousados caminhamos:
Mas, ai, que bem pouco dura;

Quantos mais passos andados
Na agra senda desta vida,
Mais amargo é o presente,
E a saudade mais sentida.

Mas a esperança não; os anos
Fazem-lhe perder o brilho;
Caem-lhe uma a uma as folhas
Da existência pelo trilho.

A velhice nada espera,
Nada da esperança lhe dura...
Mas não, cansada da vida,
Tem a paz da sepultura.

Tem a morada fulgente
Da inteligência divina;
Tem as regiões sagradas,
Que eterno sol ilumina.

Bendito sejas, meu Deus!
Que nos dás na vida inteira
A filha dos céus, a esperança,
Por suave companheira.

Ela nos enxuga o pranto
O pranto alegre e amargoso;
Não a acusemos de pérfida,
Esperar já é um gozo.

A mente, esperando, concebe,
Concepção sempre iludida,
Prazeres talvez entrevistos
Nas cenas duma outra vida.

Esperemos, pois, companheiros
Desta fadigosa viagem!
Se a esp'rança é a imagem do gozo,
Adoremos essa imagem.

E cruzando este oceano
Com os olhos no porvir.
Esqueçamos no presente
Seu horroroso bramir.

E quando enfim, já cansados,
Reclinarmos nossa frente.
Que a esperança nos revele
Mais dilatado horizonte.

Agosto de 1859.

ILUDAMO-NOS

Desenganos *do* passado,
Não servireis ao porvir?
Sempre a perder ilusões
Sempre ilusões a sentir!

Não mais, não mais; nesta vida
Ainda esperar é loucura.
Sofrer: eis nosso destino!
Sonhar: eis toda a ventura!

Soframos pois... Não, sonhemos,
Criando mundos ideais,
E com mentidos prazeres
Curemos penas reais.

Ilusões, sede bem-vindas,
Povoi-me o pensamento:
Convosco, sim, a ventura
Se goza per um momento.

O ANJO DA GUARDA DA INFÂNCIA

Desci dor celestes coros,
Por Deus mandada escutar
Da infância as queixas e os choros,
Para lhos ir confiar.

Desci. Na terra, nos mares
Tanta miséria encontrei,
Que os meus magoados olhares
De terra e mar desviei.

Desci. E tantos gemidos,
Tão dolorosos ouvil
Que, turbados os sentidos,
Quis recuar... mas desci.

Nesta colheita de dores
Pelo mundo todo andei,
No pranto dos pecadores
As minhas vestes molhei.

Vagueando dias e dias
Chegara à Judeia enfim,
Quando um clamor de agonias
Veio de longe até mim.

O Sol, o Sol inflamado
Destas terras orientais
Tinha no disco afogueado
Não sei que estranhos sinais.

Soavam menos distantes
Sinistros brados de dor
Choros de mães e de infantes
Cantos de morte e terror.

Vi anjos de asas nevadas
Em bandos subir ao Céu,
Quais pombas amedrontadas
Fugindo à voz de escarcéu.

«Onde ides? Quem vos persegue?
A que tormentos fugis?»
Um que triste o bando segue,
Estas palavras me diz:

Somos as almas de infantes
Mortos em guerra feroz;
Inda das mães delirantes
Nos chama a sentida voz.

« Só a materna saudade
Nossa carreira detém,
Embora no Céu, quem há-de
Esquecer o amor de mãe?»

Disse e o semblante formoso
Com as asas encobriu,
E ao bando silencioso
Silencioso se uniu.

Eu segui. Na ampla cidade
Aterrada penetrei...
Ai, da fera humanidade
Os meus olhos desviei!

Que cena! Corre nas praças
Sanguinária multidão
Como nuvem de desgraças
Semeando a desolação.

Caem por terra, sem vida,
Tenras crianças às mil,
E uma turba enfurecida
Corre à matança, febril.

As mães pálidas, chorosas,
Suplicam, pedem em vão!
Nessas feras sanguinosas
Não palpita um coração.

Outros tentam, em delírio,
Os seus filhos disputar
E com eles no martírio
Gostasas se vão juntar.

Sobre a terra ensangüentada
Eu soluçando, ajoelhei,
E de intensa dor magoada,
A Deus piedade implorei.

Findava a prece, e uma estrela
No horizonte despontou,
Pura, cintilante, ela
O caminho me traçou.

À humilde e escondida estância
Da venturosa Belém
Cheguei; vi um Deus na infância
Nos ternos braços da mãe.

Minha colheita de dores
Naquele berço depus,
Da humanidade aos rigores
Pedi remédio a Jesus.

No olhar do divino infante
Raiou luz e fulgor,
Foi a aurora radiante
Que anuncia um redentor.

Publicados no romance *A Morgadinha dos Canaviais*,

HINO DA AMIZADE

(A meu primo e amigo José Joaquim Pinto Coelho)

Amigo, concede que as notas da lira
Te sagre num dia a que tantos sorri;
Se a triste, saudosa, de mágoas suspira,
Soará d'esperanças agora por ti.

Escuta-a; se as vozes são fracas, afeita
Que ela é desde muito com os cantos da dor,
Seu débil tributo, seus hinos aceita
Qual ténue perfume de lânguida flor.

Os *anos* são marcos na senda da vida,
Nos quais o viajante costuma parar,
E os olhos volvendo na estrada corrida,
As cenas passadas lhe apraz recordar.

Suspende um momento teus passos, suspende,
Na santa romagem que cumpres al,
E além, ao passado teus olhos estende,
Além, ao passado, contempla-o daqui.

Oh! pára, paremos, que as cenas doutroa,
Tão ricas de encantos, são minhas também;
Pois juntos nos vimos da vida na aurora,
E juntos passamos os anos além.

Além,- ao mais longe que avistam teus olhos,
Estende-os amigo; repara, que vês?
Formosa campina de flores, sem abrolhos,
Mais bela a distância, que ao perto talvez.

Ai — não te lembras? — correu-nos a vida,
Qual linfa tranqüila no prado em Abril,
De dia em folguedos a mente esquecida,
De noite enlevada por sonhos aos mil.

Ai tempos de encantos, ai fúlgidas cenas
Volvidas com os anos chorados em vão;
Ai, quanto mais gratas não são tuas penas,
Que a própria ventura que as outras nos dão!

Paremos, amigo, paremos ainda
A olhar esta quadra tão longe de nós;
Que a luz que a ilumina bem cedo se finda,
Que os entes que a adornam deixaram-nos sós.

Tão "gratos nos eram da aurora os fulgores,
Como o último raio do dia a findar,
Que se uns ainda ao peito nos falam d'amores,
Os outros saudades nos vem despertar.

Após esta parte da nossa jornada,
Tão bela e tão curta, lá se ergue uma cruz,
E eu, órfão mesquinho, na campa ignorada
Não pude ajoelhar-me, nem flores depus.

E as cinzas queridas... mas não, adiante,
Perdoa, perdoa, se esqueço o meu fim;
Ó lira, teus crepes arroja distante;
Ó alma, tuas dores divulgas assim?

Mas nesses instantes em que eu na orfandade
Aos ecos tão tristes falava da mãe,
Os laços ligando da nossa amizade,
As vestes de luto cingias também.

Porém nova quadra se segue. A corrente
Da vida mais turva pra nós se mostrou;
Pequenos martírios que sofre o inocente
De que hoje nos rimos, o peito provou.

No meio de estranhos eu vi-me sozinho,
E assim na carreira das letras entrei.
A mão que meus passos guiou com carinho
A morte roubou-ma, eu só caminhei.

Mas ainda então mesmo na vida de criança
A nossa amizade não pôde esfriar;
Nas horas votadas à grata folgança
De júbilo cheio te vinha encontrar.

Mais tarde a nós ambos na senda da vida
Guiou-nos os passos benévola mão.
Recordas-te dele? Da imagem querida,
Da imagem saudosa do amigo, do irmão?

Que tempo, que cenas passámos unidos! "
Prazeres, trabalhos, leituras comuns!
Ai, quantas saudades dos tempos volvidos
Me restam no peito, remorsos nenhuns!

Aquela nobre alma, já perto da morte,
Que negra adejava de si ao redor,
Mais nobre por isso, mais bela, mais forte,
Pra as lutas da vida nos dava calor.

O Sol à florinha que adorna a colina,
Já perto do ocaso não nega o luzir;
Sem ele os rigores da brisa ferina
Faziam-lhe o sopro da vida exaurir.

A estrada apontou-nos que afouto seguira,
E onde tão firme marchar sempre o vi,
Em nós verte o alento que a ele o inspira,
E pára ao dizer-nos: «Eu fico — parti!»

E a sombra seguindo do irmão, que lhe aponta,
Fugenta de esperanças a estrada do Céu,
A terra abandona, no empíreo despona,
E cedo para sempre de nós se perdeu.

Ao ver-me sem ele sozinho na vida,
Faltaram-me as forças, tentei recuar,
Que a luz que me guiava, na campa sumida,
Em trevas profundas deixou-me ficar.

Mas ainda de novo pra mim sua imagem,
Surgindo da campa, me veio sorrir,
Alento infundir-me, bradar-me: «Coragem !»
E eu, forte, sua obra não quis destruir.

Por outro caminho seguiste, contudo
De espaços a espaços cingimos as mãos:
Nas lides da vida, nas lides do estudo,
Jamais esquecemos o nome de irmãos.

Mil vezes à sombra do denso arvoredo
Falávamos ambos do nosso porvir,
Dos tempos passados, do ignoto segredo
Que dentro do peito tentava florir.

Ao fim da carreira, que ansiado trilhava,
Após mil fadigas enfim te encontrei;
Mas antes, de novo a dor nos magoava:
De um túmulo à beira contigo chorei.

Aos mares da vida teu barco lançaste:
Na margem parado, meu barco sustei.
É tempo! Partamos. Tu, forte, cruzaste
As ondas, e «Ao largo!» bradar escutei.

Mas lá que me espera? nas vagas furiosas
Veria afundar-se meu pobre baixei;
Vogando tão longe de praias formosas
Irá destruir-se num outro parcel?

Calai-vos, inquietos anelos dum peito,
Que muito receia, por muito querer;
Calai-vos, esp'ranças com que eu me deleito
Nas horas mais gratas dum triste viver.

Oh! deixa, deixemos tão longo horizonte,
Que vago e obscuro para todos ele é:
Deixemo-lo, amigo, 'té quando desponte,
Esperemo-lo fortes de esperança e de fé.

E a vista lancemos mais perto: no espaço
Bem curto em distância, de affectos maior,
Que vemos? Os entes, que um cândido laço
Reúne em família com santo fervor.

Nos rostos que anima fulgente alegria,
Amor e ventura bem fácil se lê;
E a idéia que é hoje de encantos um dia,
O seio lhes enche de júbilo. Vê.

Louvemos o Eterno, que assim te permite
Provar duma taça tao pura e sem fel;
Saudemos o dia que aos rostos transmite
Os gozos, que verte no peito fiel.

Desviemos o rosto das nuvens passadas,
Fechemos os olhos às trevas por vir,
E as horas presentes, à paz consagradas,
Gozemos; gozemos tão belo existir.

E agora perdoa se as notas da lira
Num dia como este, que a tantos sorri,
As vezes, saudosa de mágoas, suspira,
Em vez de esperanças soar só por ti.

VOZ DE SIMPATIA

Ao despontares da amena juventude,
De galas e de flores ornaste o seio.
E de mil sonhos de prazer no meio,
 Com que o peito se ilude,
Aguardaste o alvor do Sol fulgente,
Que a luz e vida ao coração dispensa,
De amores ideais, na dita imensa,
 Deleitava a mente.

Ele surgiu! esse astro rutilante!
Não;efêmera luz, que instantes brilha,
Porém cujo fulgor cedo se humilha,
 Nasce e morre inconstante.
Surgiu! não como a chama das estrelas,
Que em multidão infinda o céu povoam,
E pálidas o véu da noite coroam,
 Quais lúcidas capelas;

Mas único brilhante, duradouro,
Como o astro do dia, que surgindo,
E luminosas vagas difundindo
 Raios de fulgente ouro,
Dispersa na amplidão a imensa turba
Dos outros astros que no espaço giram,
Enquanto eles no céu sua luz admiram,
 E nenhum o perturba.

Volveram anos, risos e fulgores
Da idade juvenil se desvanecem,
Mas não morre a afeição, mas não fenecem
 Teus cândidos amores;
Não fenecem, não morrem; crescem antes,
O sentimento e a razão os gera,
Sentimento e a razão, que Deus vertera
 No teu ser, abundantes.

Volveram anos... e afinal? Gozaste
Essa ventura, esp'rança de teus dias?
Ai, não; em vez do cálix de alegrias,
 O do travor provaste.
Traíram-te! e um frio esquecimento
O prêmio foi de teu amor constante I
E a luz que te guiava fulgurante
 Sumiu-se num momento.

E a dúvida não veio na tua alma
Negar dum Deus supremo a existência,
Descrer dessa irrisória providência,
 Que aos maus concede a palma?
Oh! não; curvaste a fronte angustiada,
Escondeste tuas lágrimas ardentes,
E mostraste-te aos olhos indiferentes
 Vitima resignada.

Eles vêem em teus lábios o sorriso,
E julgam que provém do esquecimento l
Cegos! vissem-te à luz do sentimento
 Como eu te diviso.
Saberiam que angústia ele escondera,
Que pungente amargura nele oculta!
Saberiam que a dor que mais avulta
 Não é a mais sincera.

Que mundo! Àquele que sua fé trairá,
Os prazeres, os gozos, a riqueza;
A tí saudade, isolamento, tristeza!
 E não é Deus mentira?!
E o crime folga, e é vítima a inocência!...
Não folga; o Céu é justo, e o mau condena,
Dá-lhe o *remorso* por amarga pena,
 E a tí a *consciência*.

35 de Abri] de 1860.

O DESTINO DA LIRA

Cantar o amor é destino
Quando o seio pulsa ardente,
Quando no nosso horizonte
Surge a imagem resplendente
Dum sol que a aridez da vida
Transforma em jardim florente.

Mas quando a chama se extingue,
Que no peito nos ardia,
A lira não canta amores,
Nem os sonha a fantasia;
Então *natureza* e *pátria*
Só nos inspiram poesia.

Depois, os anos declinam
Como o Sol no azul dos céus;
E quando a noite da vida
Já nos estende seus véus,
Todos os cantos da lira
São consagrados a Deus!

12 de Agosto de 1860.

...

* * *

À luz do Sol nascente
Resplendem pelas selvas
Mil pérolas nas relvas,
Nos ares mil rubis; .
No azul do céu nevoado
Não brilham as estrelas,
Mas são imagens delas
As flores do tapiz.

As aves perpassando
Agitam a ramagem,
E a perfumada aragem
Nos bosques se introduz;
Aí mil vozes falam
Ao céu sereno e mudo;
No bosque é sombra tudo,
No céu é tudo luz.

Ridente madrugada,
Hora em que do oriente
Com o gládio refulgente
O arcanjo da luz vem;
E as trevas se dissipam,
Com as trevas a tristeza,
Que em toda a natureza
A noite eivado tem.

Oh! vinde, vinde ao prado
Que o orvalho inda humedece;
Ali tudo parece
À vida ressurgir.
Em vórtices contínuos,
Em doudejantes ,valsas
Elevam-se das balsas
Insectos a zumbir.

Subi do prado ao vértice
Da florida colina,
Então pela campina,
Os olhos prolongai
Ao longe, ao longe as vagas,
Lutando nos fraguados;
Mais perto os arvoredos
Que o arroio banhar vai.

A tudo anima a esp'rança
No monte e vale e praia;
No céu Vésper desmaia
Ao matutino alvor.
O cântico das aves,
Das flores o aroma
Nos diz: — O dia assoma I
Hosana ao Criador!

1 de Julho de 1862.

NOVA VÉNUS

Solta aos ventos as trancas douradas,
Meiga filha das bordas do mar,
E no meio das vagas iradas
Solta aos ventos o alegre cantar.

Não, não temas as nuvens sombrias.
Que uma a uma se elevam d'além,
Que rodeado d'amor e alegrias,
O teu céu dessas nuvens não tem.

Canta sempre; de noite às estrelas,
De manhã ao luzir do arrebol,
Ao passarem no mar as procelas,
Ao sorrir aos outeiros do sol.

Canta sempre, ó alcíone destas vagas,
Nova filha da espuma do mar,
Canta sempre, e eu sentado nas fragas,
Voltarei para ouvir-te cantar.

* * * ● ●

Hoje, quando te vi, estavas cismando;
Em que cismavas tu, virgem formosa,
Desmaiadas as faces cor-de-rosa,
E o seio, o gentil seio, inquieto arfando?

Em que cismavas tu? De quando em quando
Elevavas ao céu, triste, saudosa,
A vista amortecida, lacrimosa,
Para a baixar depois em gesto brando.

No chão jaziam murchas, desfolhadas,
As rosas, que ainda há pouco te toucavam,
Agora já por ti abandonadas.

Os últimos clarões do Sol douravam
As tuas belas tranças desatadas;
Diz, que íntimos anelos te turbavam?

DESESPERANÇA

Meu Deus, que destino!... viver isolado,
Sem ter quem no mundo me possa entender!
Não era esta a vida que tinha sonhado
Nos sonhos passados dum outro viver!

As feras, as aves, as flores, quanto existe,
Se abrasam num terno, dulcíssimo ardor!
Só eu, solitário, viver sempre triste!
Viver? — Não: que é vida, faltando-lhe o amor?

É ermo entre gelos, é hórrida noite,
Onde um só astro, sequer, nem reluz!
Como hei-de, sem crenças onde a alma se açoite,
Do Gólgota ao cimo levar minha cruz?!

O anseio, este fogo que lento me inflama
Não hei-de apagá-lo num gozo real?
E os vagos transportes que sente quem ama
Terá de abafá-los paixão mundanal?

Não ter seio amigo no qual eu repouse
A fronte cansada de ardente pensar,
Uma alma conforme com a minha, a quem ouse
Dizer quanto sinto no peito a pesar!

Ai! triste, que sorte! viver entre gelo,
Sentindo atear-se cá dentro um vulcão!
Nutrir tanto affecto no peito, e perdê-lo!...
Desejos que abrasam, mantê-los em vão!

Meu Deus! Es injusto!... mas oh! se blasfemo,
Perdoa, que a mente mal pensa o que diz!
Perdoa, perdoa-me, ó Ente supremo,
Concede-me ainda que eu seja feliz!

Oh! dá-me a ventura que em sonhos já tive!...
Uma alma que esfalma soubesse entender!
Um ente, se acaso na Terra ele vive,
Que possa este vácuo de amor preencher.

Que imenso tesouro d'affectos lhe dera!
Sorria-lhe a vida num éden gentil!
Entre outros segredos então lhe dissera
Tais falas, cortadas por beijos aos mil!

Ai! foge, deixemos da vida mundana
Seus vãos devaneios, seu fogo falaz!
Busquemos sozinhos deserta cabana,
Aonde não turve ninguém nossa paz!

Que imensos prazeres que lá nos esperam!
Que ledo futuro que então nos sorri!
Ali não há mágoas, que o peito laceram,
Dos homens o bafo não chega até 'li!

Que vida, essa vida que então lá teremos
Tão rica d'affectos, de gozo sem fim!
Que ternos enlevos, que doces extremos,
Que belos os dias, passados assim!

D'esp'ranças e flores no quadro tão lindo
No cimo do monte, da aurora ao nascer,
Iremos saudá-la, dizer-lhe: — Bem-vinda
Tu sejas, que à Terra dás luz e prazer!

Depois, vendo as aves com doce harmonia
Soltarem seus cantos no bosque além,
Na língua dos anjos, na maga poesia,
Aos Céus nossos hinos se elevam também;

Oremos ao Eterno, sagremos-lhe os cantos,
Que d'alma espontâneos prorrompem então!
Depois resolvamos provar dos encantos
Da vida inefável que anima a solidão.

Da tarde ao crepúsc'lo, nos breves instantes
Dessa hora em que se unem as sombras e a luz,
Também nossas almas unidas e amantes
Anelem delícias que a noite conduz!

Ali, o murmúrio da rápida brisa
Banhada em perfumes, roubados à flor,
A linfa, que mansa no prado desliza,
Virão segredar-nos mil falas d'amor!

— Amor — repercutam os ecos da serra!
— Amor — lá das aves se escute na voz!
E as nuvens, as fontes, os bosques, a terra,
— Amor — só respirem em torno de nós!

— Amor — alta noite veremos escrito
Com letras douradas no livro de Deus!...
Presságio divino do gozo infinito,
Que um dia teremos unidos nos Céus.

E um dia lá corre, d'amor bafejado,
Ao outro que surge prazeres iguais!
E sempre esta vida!... Mas, ai! desgraçado!...
Que assim me enlevava d'esp'ranças banais!

Debalde iludir-me procuro num sonho!
Cruel desengano, cruel que ele é!
Ele aponta o futuro, sombrio e tristonho,
Sem crenças, sem glória, sem vida, sem fé!

A mim só me resta viver isolado!
Sem ter quem no mundo me possa entender!
Ai! sonhos tão Belos que outrora hei sonhado I
Delícias passadas dum outro viver.

SIMILIA SIMILIBUS

Nova seita proclamaram
De Esculápio os descendentes;
Dão vivas os boticários,
Estremecem os doentes.

Mas que achado! Os velhos médicos
Vêm o passado com mágoa;
Estes, de novo sistema,
Aquecem água com água.

O fogo apagam com fogo,
Dão vista aos cegos, cegando,
E até pra coroar a obra,
Curam da morte... matando.

HISTÓRIA DE UNS BEIJOS

Ouvia gabar os beijos,
Dizer deles tanto bem,
Que me nasceram desejos
De provar alguns também.

Esta fruta não é rara,
Mas nem toda tem valor,
A melhor é muito cara
E a barata é sem sabor.

Colhi-os dos mais mimosos,
Provei três; mas, por meu mal,
Ao princípio saborosos,
Amargaram-me afinal.

Um colhi eu de uma bela
Que era Rosa, sem ser flor,
Se tinha espinhos como ela,
Dela também tinha a cor.

Vi-a a dormir e furtei-lhe
Um beijo, que a acordou,
Eu gostei, porém causei-lhe
Tal susto que desmaiou.

Logo que a v: sem sentidos
Fugi sem outro lhe dar,
Pois beijos sem ser pedidos
Não são coisas pra brincar.

Porém deste beijo ainda
Pouco tive que dizer,
Pois a tal rosa... era linda
E tornou a reviver.

Outra vez, duma morena,
Olhos azuis, cor do céu,
Corpo 'sbelto, mão pequena,
Um beijo me apeteceu.

Pedi-lho, e então por bom modos,
Pedi-lho do coração.
Zombou dos meus rogos todos
E respondeu-me: que *nao*.

Zombei, como ela zombava
E um beijo, à força lhe dei;
Mas... bem dado ainda não estava
E c'um bofetão o paguei.

Custou-me caro o desejo,
Que mui caro ela o vendeu.
Pagar por tal preço um beijo!
Assim não os quero eu.

Este mais do que o primeiro,
Me deixou fraca impressão;
Quis provar inda um terceiro,
Para não jurar em vão.

Mas não quis fruta roubada,
Que mal com ela me dei;
Uma dama delicada
Ofereceu-ma... eu aceitei.

Ai que boa fruta era!
Estava mesmo a cobiçar.
Passar a vida quisera,
Tal fruta a saborear.

Mas no meio da colheita...
Da fruta o dono apareceu;
Zelosos olhos me deita:
Se zelava o que era seu!

Vendo o caso mal seguro
Eu logo ali lhe jurei
Restituir até com juro
A fruta que lhe tirei.

E acaso não discordasse,
Não me parecia mal
Que a ele os juros pagasse,
E à senhora... o capital,

Esta sensata proposta
Em fúrias o arrebatou,
E, por única resposta,
Pra luta se preparou...

Oiço ainda gabar os beijos,
Dizer deles muito bem,
Mas findaram-me os desejos,
Já sei o sabor que têm.

1859.

Nota do Autor. — Desde já afirmo que não fui eu o protagonista da história. Ainda não tive uma indigestão deste gênero de fruta, e nem sei, para falar francamente, se mesmo quando a tivesse, a ficaria abominando para sempre. O caso, enquanto a mim, não foi de natureza que justificasse semelhante aversão; mas enfim há susceptibilidades tais... Não afirmamos, contudo, que a dieta tenha sido escrupulosamente observada.

Nesta espécie de fruta, parece-me que, ao contrário do que se diz para as outras, é a qualidade e não a quantidade que faz o mal.

SEGUNDA PARTE

A J. , ,

Acredita que os anjos também sofrem
Nesta mansão de dores,
E não olhes o mundo lacrimosa,
Quando o vires despido de fulgores.

Mal sabe, a rosa, ao vicejar lasciva
Em plena Primavera,
Que é passageira a quadra; que após ela
Se despoeva o prado e a morte a espera.

O terreno que pisas nesta vida
Oculta um precipício
O caminho, onde ao fim vemos a glória,
Quantas vezes termina no suplício!

Eu já vi, sobre um túmulo isolado,
Um grupo de crianças
Dando as mãos, e travando em chão de morte,
Com risos infantis, alegres danças.

Vi-as também sorrindo descuidadas,
Se piedoso viandante
Parava pensativo e, murmurando,
Uma humilde oração, passava adiante.

Assim também sorris, se melancólico
Eu penso no futuro,
Quando uma sombra vem turbar-me a fronte.
Com elas, ris do meu semblante escuro.

Mas olha, vais saber a história triste
Desses três inocentes,
Que sobre as cinzas frias duma campa
Se entregavam a jogos complacentes.

À noite a mãe, beijando-os, estranhou-lhes
Das faces a brancura;
E um presságio senti; ao alvor do dia
Levava-os todos os três à sepultura.

É que os ares do túmulo dão morte
Em afago homicida;
Nesse ar infecto em que se extingue a chama,
Também arqueja e expira a luz da vida.

Teme pois também tu, cândida virgem,
O ar que aqui respiras;
E não perguntes mais ao viandante
Que pensamentos d'amargor lhe inspiras.

Nota do Autor. — Esta poesia foi enviada ao redactor da *Grinalda*, João Marques Nogueira Lima, assinada com o pseudónimo Júlio Dinis, em 9 de Março de 1861 e publicada no 3.º número daquele jornal. No dia 18 de Março, à **noite**, o Passos elogiou-a, sem saber quem era o autor.

A NOIVA

(NO ÁLBUM DA *EX.^{ma}* SR.a D. ISABEL M. FIGUEIREDO
DE CARVALHO)

Mal as regiões do oriente
A luz da manhã tingia,
Já ao cristalino espelho
A linda noiva sorria,
E a alva flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.

A noite passara à vela
E que noiva a dormiria?
E ao desmaiar das estrelas,
Alvoroçada se erguia.
E a alva flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.

Depois, ligeira, impaciente,
Chegava-se à gelosia
A **ver** se o sol já dourava
Os cimos da serrania,
E a alva flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.

De quando em quando chorava...
E o que chorar a fazia?
Saudades do que passara?
Terroros do que viria?
E a alva flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.

Mas são lágrimas de noiva,
Um só beijo as secaria,
São como gotas de orvalho
Quando o Sol as alumia;
E a alva flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.

Que longo porvir d'amores,
Que futuro de poesia,
Que palácios encantados
Lhe pintava a fantasia,
Quando a flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia!

E ao casto leito de virgem
Dentro da alcova sombria,
A noiva, de quando em quando,
Inquieta os olhos volvia;
E a alva flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.

Por entre o rosai florido,
Que o balcão lhe entretecia
As avezinhas cantavam
Com festiva melodia.
E ela a flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.

Alto ia o Sol, resplendente
Na manhã daquele dia,
Cuja noite... Esta lembrança
Da noiva as faces tingia;
E a alva flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.

A mãe, vendo-a tão formosa,
Julgava um sonho o que via,
Que o vestido de noivado
As graças lhe encarecia,
E a alva flor da laranjeira
Do véu de neve pendia.

Vêm as irmãs, que a contemplam
Com inveja, eu juraria:
Ela baixa os olhos, cora,
O que mais bela a fazia,
E a alva flor da laranjeira
Do véu de neve pendia.

Junto delas, perturbada,
Quase nem falar podia;
So as mães bem compreendem
O que a noiva então sentia,
Quando a flor da laranjeira
Do véu de neve pendia.

As horas passam tão lentas!
E o coração lhe batia,
A mãe chorava, coitada,
Com saudades o fazia;
E a alva flor da laranjeira
Do véu de neve pendia.

A sala já estava cheia;
A noiva achava-a vazia,
Que entre tantos convidados
Ainda o noivo se não via;
E a alva flor da laranjeira
Há muito do véu pendia!

Passa a manhã, e não chega!
Não chega, e é já meio-dia!
Nas varandas, nos eirados,
Se dispersa a companhia;
E a alva flor da laranjeira
Há tanto do véu pendia!

O rosto da bela noiva
Cada vez mais se anuvia,
Não sei que voz misteriosa
Desgraças lhe pressagia;
E a alva flor da laranjeira
Inda do véu pendia.

Fenece a tarde. Eis a noite,
Hora de melancolia.
No rosto dos convidados
Desassossego se lia,
E a alva flor da laranjeira
No véu da noiva tremia.

Tudo é silêncio. A coitada
Uma estátua parecia...
Tão pálida como mármore,
Como ele imóvel, fria;
Só a flor da laranjeira
No véu da noiva tremia.

Abrem-se as portas. «É ele!»
Disse toda a companhia:
Porém ilusória esperança!
Um pajem só aparecia:
E a alva flor da laranjeira
Do véu da noiva caía.

Tristes novas traz o pajem,
Que triste o rosto trazia;
Fêz-se um silêncio profundo
Entanto que ele as dizia,
E a alva flor da laranjeira
Inda por terra jazia.

Dispam-se as galas da festa,
Calem-se os sons da alegria,
Que morto em cruel combate
O noivo... Um grito se ouvia,
Junto à flor da laranjeira,
A noiva no chão caía..

Cercam-na todos... de balde,
O seio já não batia;
Aquele mimosa planta
Sem alentos sucumbia,
Como a flor da laranjeira,
Derrubada ali jazia.

Mal sabia a pobre noiva
Pra que bodas se vestia!
Mal sonhava a desposada
Que a morte esposar devia!
Quando a flor da laranjeira
Ao véu da neve prendia.

Com as vestes do noivado
Para o sepulcro ela se ia;
Em vez do rubor da noiva
A palidez da agonia
E a alva flor da laranjeira
Do véu de neve pendia.

Tantos sonhos que sonhara!...
Tanta esp'rança que nutria!...
Por esposo tinha a morte,
Por tálamo, a lousa fria,
E a flor da laranjeira
Com ela à campa descia.

O DESPERTAR DA VIRGEM

Que é isto? que sentimento
Me faz palpitar o seio?
Meu Deus, meu Deus, porque anseio?
A que aspira o coração?
Que me revela este fogo,
Esta vaga inquietação?

Da vida a clara corrente
Porque é que se perturba?
Porque, fugindo da turba,
Eu só folgo ao ver-me a sós,
Escutando ignotas falas
De não sei que estranha voz?

Inda há pouco me apraziam
Da alegre infância os folguedos;
Hoje não sei que segredos
O coração me prediz.
Enfadam-me as alegrias
Desses tempos infantis.

Às horas do fim do dia,
Quando o Sol no mar declina
E d'áurea luz ilumina
Todo o horizonte ao redor,
Porque me sinto enleada
Num indizível langor?

De manhã, quando nas selvas
O dia desperta as aves,
E mil aromas suaves
Sobem dos campos ao céu,
Porque sinto ante meus olhos
Estender-se húmido véu?

E esta imagem resplendente,
Que sorrir-me em sonhos vejo,
Ai, tão bela que desejo
Sempre mais tempo sonhar!
Quem é que em tão mago enleio
Me faz, sem querer, sonhar?

Este ansiar incessante,
Esta esp'rança inda tão 'vaga
De gozos, que a mente alaga,
Mal lhe sabendo o valor,
Este ignoto sentimento...
Deus do Céu, será o amor?

Amor! que palavra é esta,
Que ela só me sobressalta
E mil sensações exalta
Desconhecidas pra mim...
Que poder mágico encerra
Para me agitar assim?

É o amor o sentimento
Que me faz arfar o seio?
Este gozo por que anseio
É a que aspira o coração?
É pois amor este fogo,
Esta vaga inquietação?

1859.

Nota do Autor. — Não sou por certo eu o melhor juiz da verdade desta poesia, crevi-a de palpito. Julgue-a quem pode.

QUINZE ANOS

(NO ÁLBUM DO MEU AMIGO J. M. NOGUEIRA LIMA)

Que são quinze anos, quando a virgem cora?
Quando, já triste, na solidão vagueia?
Que são quinze anos, se ao surgir da aurora,
A embala em sonhos embriagante idéia?

Se ao fim da tarde, em languidez caída,
Do peito sente o palpitar inquieto,
E aspira, ansiosa, mas ardente vida,
Vida de amores, de paixões, de afecto?

Que são quinze anos, quando um sangue ardente
No peito infunde abrasadora lava?
Quando aos assomos da paixão nascente,
A alma da virgem se submete escrava?

Ai, quantas vezes nesses jovens seios
Se esvai bem prestes a infantil bonança?
Quantas se ocultam juvenis enleios,
Nas aparências de pudor, criança?

Vês a palmeira, que no nosso clima
Arbusto humilde, um vendaval derruba,
Como nas plagas, que o calor anima,
Eleva altiva a majestosa juba?

A mesma vida, que recebe a planta
Nessas paragens onde o Sol dardeja,
O amor, o astro que a existência encanta,
A mesma vida ao coração bafeja.

E tu, que deixas os pueris folguedos,
Como a grinalda que esfolhada viste,
E erras em choro por jardins e olmedos,
Ai, virgem, virgem, já o amor sentiste.

Já o aspiraste, percorrendo a relva,
Entre perfumes de violeta e rosas;
Falou-te dele o rouxinol na selva,
E a estrela em noites de Verão formosas.

Falou-te dele a matutina brisa,
Por entre as folhas sussurrando meiga;
No prado a linfa, que a correr desliza,
E a borboleta nos rosais da veiga.

Falou-te dele esta gentil paisagem,
O azul dos céus, a secular floresta.
Esse o mistério que em subtil linguagem
Às virgens conta a natureza em festa.

Ouvindo, pois, as namoradas falas,
Que eu delirante te falei, donzela,
O que receias? porque assim te calas,
Rubra de pejo, que te faz mais bela?

Esconde a fronte no meu peito, esconde,
Mas não hesites ao dizer-me que amas.
Que são quinze anos, linda flor? responde,
Quando o teu seio se devora em chamas?

O BOM REITOR

Sabem a história triste
Do bom reitor?
Mísero, toda a vida
Levou com dor.

Fez quanto bem podia,
Mas... afinal
Morre, e na pobre campa
Nem um sinal.

Nem uma cruz ao menos
Se ergue no chão!
Geme-lhe só no túmulo
A viração.

Vedes, além, na relva
Junto ao rosai,
Flores que há desfolhado
O vendaval?

Cobrem-lhe a lousa humilde;
A criação
Paga-lhe assim a dívida
De compaixão.

Pobres, que amava tanto,
Nunca, ao passar,
Choram, curvando a fronte
Para rezar.

Nunca, ao romper do dia,
O lavrador
Pára e lamenta a sorte
Do bom reitor.

As criancinhas nuas
Que estremeceu,
Já nem sequer se lembram
Do nome seu.

No salgueiral vizinho,
Ao pôr do Sol,
Vai carpir-lhe saudades
O rouxinol.

Lágrimas... pobre campal
Ai, não as tem;
Só da manhã o orvalho
Rociá-la vem.

Da solitária Lua
A triste luz
Grava-lhe em vagas sombras,
Estranha cruz.

E ele repousa, dorme,
Vive no Céu.
Dorme, esquecido e humilde,
Como viveu.

Há nesta vida amarga
Sortes assim:
Vive-se num martírio,
Morre-se enfim.

Sem que memória fique
Para contar
Às gerações que passam,
Nosso penar.

Quem me escutar, se um dia
Ao prado for,
Ore pelo descanso
Do bom reitor.

Julho de 1864.

Publicada no «Jornal do Porto» Faz parte
do folhetim—«Impressões do campo»
—A Cecília— assinado Diana de Aveleda

INICIAÇÃO

Além, naquela avenida,
De plátanos e salgueiros,
Foi que em teus beijos primeiros
Bebi a primeira vida.

Sob os copados verdes
Daquela frondosa rua,
Mal vistos da própria Lua,
Falávamos nós d'amores.

Todos em nossa procura,
Nós a rirmos escondidos.
Oh! que instantes decorridos!
Oh! que rápida ventura!

«Vai», cusseste-me ao partires,
Que estes beijos te dêem vida.
Adeus, a infância é volvida!
Luta, e... se não sucumbires...»

E a voz faltava-te em meio;
E eu disse com modo brando:
«Se não sucumbir?...» Chorando
Apertaste-me ao teu seio.

«Volta; e a sentida promessa,
Que em meus beijos entendeste,
Cumprida será». Disseste:
«Adeus. A luta começa.»

E começava! Ai, por vezes
Me tomou o desalento;
Porém aquele momento
Lembrava-me nos reveses.

Lutei. E ao voltar agora
Com as lembranças do passado,
Dize-me, anjo, se me é dado
Recordar-te ainda essa hora?

A JOVEM MAE

Vistes a jovem mãe junto do berço
Do filho adormecido?
Que lhe importava o resto do universo?
Tudo o que a mão de Deus nele há disperso
Via ali resumido.

A guerra vai acesa, o sangue corre
Pelas nações da Terra;
Mas todo esse rumor no berço morre:
A aumentar o silêncio até concorre
Que o gineceu encerra.

Um dia, ao **pôr** do Sol, ela embalava
O berço do inocente.
E, com os olhos nele, se entregava
A sonhos de ventura e olvidava
No porvir o presente.

Por um momento a olhou ele e sorria:
Mas que sorriso aquele!
A mãe, que todos os gestos lhe entendia,
Estranhou-lhe o sorrir, que de alegria
Ai, não, não era ele.

O seio a palpitar-lhe, e mansamente
Nos lábios o beijava.
Mas no amoroso ósculo. somente
Recebeu o espírito inocente,
Que a Terra abandonava,

Tendes já visto o mar tranqüilo e unido
Nas praias deslizando,
E depois levantar-se embravecido
Qual o leão, do caçador ferido,
As crinas eriçando?

Tendes já visto o vento pela serra
Gemendo brandamente,
Para depois, em tumultuosa guerra,
Descer aos vales, devastar a terra
Assolador, fremente?

Assim a pobre mãe se ergueu, os ares
Enchendo com seus gritos!
Como a fera a rugir entre os palmares,
Corre a pobre sem tino, os seus olhares
Volvendo ao Céu aflitos.

Ao vê-la, di-la-eis impelida
Por sobre-humana força.
Nem mais veloz, no bosque foragida.
Através das devesas perseguida,
Corre a tímida corça.

De repente parou, como escutando
Uma vaga harmonia.
E um estranho fulgor de quando em quando
Vinha animar-lhe as faces, revelando
Insólita alegria.

Volta ao berço do filho inanimado.
Pára, olha-o, medita.
Depois cingindo-o ao seio angustiado,
Corre à praia do mar, que o vento irado
Então revolve e agita.

«Filho, filho, não partas só da vida,
Espera, eu vou contigo.»
Disse, e nas penhas húmidas erguida,
Com o inocente, na vaga enfurecida
Busca o final jazigo.

Viste a jovem mãe na campa fria
Unido o filho ao peito?
Que lhe importava o mundo, onde o não via?
Como outrora, embalando-o, adormecia,
Mas no funéreo leito.

A VIDA

A alvorada foi risonha;
Ergueste-te como o dia,
Eu fiz, naquela alvorada,
Uma alegre profecia.

Inda radiava fulgente
Vénus, a saudosa estrela,
Ja tu ornavas as trancas
E cantavas à janela.

E dos laranjais vizinhos
Os rouxinóis acordados
Respondiam-te com trinos
Da tua voz namorados.

Dos virentes jasmineiros,
Que a Primavera enflorava,
Vinha cheio de perfumes
O vento que te beijava.

Quem dissera então ao ver-te
Nessa risonha alvorada,
Que a noite, estrela cadente,
Serias inanimada?

TRIGUEIRA

Trigueira! que tem? Mais feia
Com essa cor te imaginas?
Feia! tu, que assim fascinas
Com um só olhar dos teus!
Que ciúmes tens da alvura
Desses semelhantes de neve!
Ai, pobre cabeça, leve!
Que te não castigue Deus.

Trigueira! se tu soubesses
O que é ser assim trigueira!
Dessa artilosa maneira
Porque tu o sabes ser;
Não virias lamentar-te,
Toda sentida e chorosa,
Tendo inveja à cor da rosa,
Sem motivos para a ter.

Trigueira! Porque és trigueira
É que eu assim te quis tanto.
Daí provém todo o encanto
Em que me traz este amor.
E suspiras e murmuras;
Que mais desejavas inda?
Pois serias tu mais linda,
Se tivesses outra cor?

Trigueira! onde mais realça
 O brilhar duns olhos pretos,
 Sempre húmidos, sempre inquietos,
 Do que numa cor assim?
 Onde o correr duma lágrima
 Mais encantos apresenta?
 E um sorriso, um só, nos tenta,
 Como me tentou a mim?

Trigueira! E choras por isso!
 Choras, quando outras te invejam
 Essa cor, e em vão forcejam
 Por, como tu, fascinar?
 Ó louca, nunca mais digas,
 Nunca mais, que és desditosa.
 Invejar a cor da rosa,
 Em ti, é quase pecar.

Trigueira! Vamos, esconde-me
 Esse choro de criança.
 Ai, que falta de confiança!
 Que graciosa timidez!
 Enxuga os bonitos olhos,
 Então, não chores trigueira,
 E nunca dessa maneira
 Te lamentes outra vez.

Abril de 1864.

Escrita no álbum da Ex.mn Sr." D. M. Veloso
 e aproveitada para o romance — *As Pupilas
 do Sr. Reitor* — publicada no *jornal do Porto*
 em 1866 e em volume em 1867.

A INTERCESSÃO DA VIRGEM

(H. HEINE)

I

Jazia o filho no leito,
A mãe olhava o balcão.
— «Não te levantas, meu filho,
Para ver a procissão?»

— «Ai, mãe! se estou tão doente,
Que não posso ouvir nem ver!
Penso nela... a pobre morta...
Como não hei-de eu sofrer!»

— «Ergue-te, filho, e à romagem
Iremos juntos a orar,
Que aos corações doloridos
Sabe a Virgem consolar.»

Já se ouvem os sacros hinos,
Da cruz flutua o pendão;
Em Colônia sobre o Reno
Vai passando a procissão.

E a mãe e o filho acompanham
A turba que segue o andor
Dizendo em coro com ela:
— «Glória a ti, Mãe do Senhor!»

II

Como a Senhora está linda
Com o seu mais rico vestir!
Correm-lhe em chusma os doentes
Muito tem ela que ouvir!

Todos lhe trazem promessas
Com ferventes devoções:
Membros, pés e mãos de cera,
Jazem no altar aos montões;

Quem lhe der um pé de cera,
Logo do pé sarará;
Quem mãos de cera lhe ofereça,
A mão curada verá.

Mancos, que à romagem foram,
Vêm-se na corda saltar;
Outros de mãos aleijadas,
Destros agora a tocar.

Da alva cera duma vela
Fez a mãe um coração.
— «Leva isto à Virgem Maria,
Que te cure essa paixão.»

Gemendo, o filho a recebe,
Gemendo a vai ofertar;
Dos olhos lhe brota o pranto
Do coração este orar;

— «Ó Maria gloriosa!
Serva pura e mãe de Deus:
Virgem, dos Céus Soberana,
Escuta os lamentos meus i

«Em Colônia, onde as igrejas
Se podem contar às cem,
Os meus dias descuidado
Passava com minha mãe.

«E junto de nós vivia
Margarida... a que morreu...
Dou-te um coração de cera,
Cura as feridas do meu!

«Cura minh'alma dorida,
Que eu com devoto fervor
Direi de dia e de noite:
—«Glória a ti. Mãe do Senhor!»

III

Alta noite, adormecidos
Jaziam o filho e a mãe,
E a Virgem mui de mansinho
Entrando no quarto vem.

Pendida sobre o doente
No peito a mão lhe pousou,
E com gesto suavíssimo
Sorrindo se retirou.

Como se através dum sonho,
Tudo isto a mãe percebeu
E acordando alvoroçada,
Junto do filho correu.

Estendido sobre o leito,
Morto, a triste o foi achar;
Andava-lhe a luz da aurora
Pelas faces a brincar.

Vendo-o assim, a mãe piedosa
Juntou as mãos com fervor
E em voz baixa disse, orando:
— « Glória a ti, Mãe do Senhor I »

Abril de 1864.

METEORO

Não a viram passar? Era no Outono;
Quando languesce a flor, quando na selva
Se cala o rouxinol e ao abandono
Jazem as folhas na crestada relva.

Não a viram passar? As altas neves
Revestiam das serras as cumeadas,
E em vez das brisas perpassando leves,
Assopravam violentas as rajadas.

No meio da tristeza destas cenas,
Ela só, muda e pálida, sorria,
O seio a anuviar-se-lhe de penas,
O rosto a iluminar-se de alegria.

Não a viram? Passou. A natureza
É outra vez de galas revestida,
Mas minh'alma é coberta de tristeza
Como naquele instante da partida.

A DESPEDIDA DA AMA

(A meu primo e amigo J. J. Pinto Coelho)

Adeus filho do meu peito,
Que do meu peito nutri...
Parto. Vou deixar-te, filho,
Ai, que farei eu sem ti?!

Adeus! Já quando acordares
Chorando não me verás;
As noites a acalantar-te
Outra voz escutarás.

Que amor te ganhei, meu filho I
Que triste amor este meu!
Se assim tinha de deixar-te,
Pra que tanto te quis eu?

Os teus primeiros gemidos
Tua mãe não quis ouvir;
E a mim, que os calei com beijos,
Mandam-me agora partir!

Pus à volta do teu berço
Todo o amor que um seio tem,
E arrancam-te de meus braços,
Porque eu não sou tua mãe!

Os teus vagidos de infante
Fui eu quem os sosseguei;
Carinhos que semeava,
Para a outra os semeiei !

Parto. Dentro em pouco, filho,
Nem tu me hás-de conhecer;
E assim de pequenino
Te ensinam já a esquecer.

Adeus! Nesta despedida
A alma toda se me vai.
E, sem querer, o meu pranto
Sobre a tua fronte cai,

Que desse sono inocente
Te não vá ele acordar;
Que as forças me faltariam
Então, para te deixar.

Vamos, pobre mulher, vamos
Está finda a criação,
Deste vida a este menino,
Não lhe dês o coração.

O coração? Quem to pede?
Pedem-te o leite, não mais.
Vamos, pobre mulher, vamos,
Que o acordas com teus ais!

Adeus filho da minha alma,
Teus carinhos não são meus,
O choro corta-me a fala,
Mal posso dizer-te... adeus.

NO ALTAR DA PÁTRIA

(Ao meu amigo João Marques Nogueira Uma)

1

Tinge do oriente as serras
O matutino alvor;
E do clarim das guerras
Se ouve o mortal clangor.

— «Ai, grata paz dos lares,
Adeus, força é partir.
Ó sombra dos pomares!
Ó rosas a florir!

«As hostes reunidas
Chamam-me a combater,
Ai, longas avenidas,
Tornar-vos-ei a ver?»

«Adeus, loucos amores!
Adeus, beijos febris,
Adeus, mudos verdores,
Que em sombras os encobris.»

— «Ô mãe, dá-me uma espada
Oíço da Pátria a voz!»
— «Ei-la. É imaculada,
Era a de teus avós!»

— «Pura a trarei, voltando...
Se não morrer ali.»
— «Vai! disse a mãe, chorando,
Eu rezarei por ti.»

— «Filho, meu filho, espera!
Não me ouve já. Partiu!»
E o ardor que a sustivera
De todo se extinguiu.

il

No campo já se escuta
Das alas o marchar.
Que agigantada luta
Além se vai travar?

Dá-se o sinal! Furiosas
Partem as legiões;
Encontram-se raivosas
Bramem como os leões.

Ai, que tinir de espadas!
Que estrépito fatal!
Que vozes angustiadas
Se escutam no arraial!

O sangue rutilante
Inunda e tinge o chão;
Aos ais do agonizante
Responde a imprecação.

Em pé, os combatentes,
Perdidos os corcéis,
Cingem-se quais serpentes
Em pérfidos anéis.

A luta é braço a braço,
A golpes de punhais;
Se caem de cansaço,
Não se levantam mais.

A luta é peito a peito,
Terrível e cruel!
Às cãs não há respeito,
À dor não há quartel!

III

Findou! Tranqüilo é tudo...
Já tudo emudeceu.
O campo é triste e mudo;
É triste e escuro o céu!

A custa de mil vidas
Salvou-se a Pátria enfim!
Mas porque são sentidas
As vozes do clarim?

As hostes vitoriosas
Porque tão tristes vêm?
Ai, que ânsias dolorosas
Sentia a pobre mãe!

Passa a primeira fila...
Mísera, que o não vês!...
Outra, outra mais. Vacila...
Cresce-lhe a palidez!

Olha-as uma por uma,
E a última passou;
E delas em nenhuma
Inquieta o filho achou!

E o céu mais se escurece;
O campo é envolto em pó;
E a triste permanece
Absorta, muda e só I

IV

Que solidão de morte!
Que erma a planície jaz!
Dorme no campo o forte,
Sono de glória e paz.

Dorme a valente raça
De intrépidos heróis!
Cegos, ao sol que passa
Saúdam novos sóis.

Que sepulcral figura
Se adianta além subtil;
Tão cheio de amargura
O gesto e o olhar febril!

À ensangüentada arena
Os passos seus conduz;
Raiou sobre esta cena
Da Lua a tarda luz.

Súbito em desvario
Solta um sentido ai,
Junto a um cadáver frio
Desfeita em pranto cai.

«És tu! és tu? ai, filho!
Ai, como te encontrei!
Como estão já sem brilho
Os olhos que eu beijei!

«Vai, sombra idolatrada,
À tua Pátria, aos Céus!»
Cinge-lhe ao peito a espada;
Morre ao dizer-lhe: < Adeus! »

HINO AO TABACO

No centro dos círculos
De nuvens de fumo,
Um deus me presumo,
Um deus sobre o altar!
Nem doutros turíbulo
Me apraz tanto o incenso
Como o deste imenso
Cachimbo exemplar!

Em divas esplêndidos,
Cruzadas as pernas,
Fuma, horas eternas.
O ardente sultão
Subindo-lhe ao cérebro
O mágico aroma,
Esquece Mafoma,
Houris e Alcorão.

Longe, oh! longe o ópio,
Que os sonhos deleita
Da mísera seita
Dos Theriakis!
Horror ao narcótico
Que vem das papoulas!
E ao que arde em caçoulas
No altar de Caciz!

Que a raça gentílica
Das zonas ardentes
Consuma as sementes
Do arábio café.
Despejem-se as chávenas
Da atroz beberagem
Da cor do selvagem
Da adusta Guiné.

E a tal folha exótica,
Delícias da China,
Por nossa má sina
Trazida de lá,
Servida em família
Num morno hidro-infuso?...
Anátema ao uso
Das folhas do chá!

Nem tu, ó alcoólico
Humor dos lagares,
Terás meus cantares,
Meus hinos terás,
Embora das ânforas,
Vazado nas taças,
Aos outros tu faças,
A língua loquaz.

Cerveja britânica,
De furor espuma?
De coisa nenhuma
Me podes servir.
Quando oiço do lúpulo
Gabarem proezas
Às boas inglesas,
Desato-me a rir.

Nem venha da cânfora
Pregar maravilhas
O das cigarrilhas
Famoso inventor.
Raspail é cismático
E eu sou ortodoxo
O seu paradoxo
Não me há-de ele impor.

Meu canto é da América,
País do tabaco,
Perante o qual Baco
Seu ceptro partiu.
A Europa, Ásia e África
E a Terra hoje toda
Este herói da moda
De fumo cobriu.

Até na Lapónia
Da gente pequena,
Se fuma; e no Sena,
No Tibre e no Pó,
No Volga e no Vístula,
No Tejo e no Douro;
Que imenso tesouro
Se deve a Nicot!

Meus áridos lábios
Mais fumo inda aspirem;
Que os parvos suspirem
Por beijos aos mil.
Não quero outros ósculos,
Não quero outra amante..
Qual mais doudejante
Que o fumo subtil?

Tornadas Vesúvios,
As bocas fumegam
De nuvens que cegam
Vomitam montões.
Fumar! Oh delícias!
Prazer de nababo!
E leve o Diabo
Do mundo as paixões.

TERESA

(A minha sobrinha Ana C. Gomes Coelho)

Era uma criança loura
Quando a conheci pequena;
Mais branca do que a açucena
E pronta sempre a chorar.
Havia naqueles olhos
De um certo azul esvaído,
Não sei que oculto sentido
Que me fazia cismar.

Quantas vezes, ao pé dela,
Correndo-lhe a mão nas trancas,
Eu lhe disse: «Tu não danças,
Como vês dançar as mais?»
Ela olhava-me e sorria,
Sorria, mas suspirava,
E inda mais triste ficava,
Como nem imaginais.

Meu Deus, que criança aquela!
Que tão precoce tristeza!
Dizem-lhe um dia: «Teresa
Sabes? tua mãe morreu.»
Fêz-se pálida de morte...
E, levando as mãos ao seio,
Ia a falar, mas, no meio,
Reprimiu-se e emudeceu.

E desde então nunca a viram
Mais com as suas companheiras;
Ficava-se horas inteiras
À sombra do laranjal.
Surpreendiam-na sozinha
Com os olhos fitos no espaço
E esfolhando no regaço
As rosas do seu rosai.

As brisas, gemendo tristes
Por entre a verde folhagem,
Segredavam-lhe a linguagem
Sonora da solidão.
Essas mil vozes do campo,
Todas ela compreendia,
Que fadado pra poesia
Fora aquele coração.

Ai, que infância tão de gelo!
Que madrugada da vida!
Ai, pobre alma estremecida
Pelas saudades da mãe!
Quantas vezes, alta noite,
A triste julgava vê-la
Em cada fúlgida estrela
Que o firmamento contém!

Um dia, ao cair da tarde,
E de uma tarde de Outono,
Acordou de um brando sono
E pôs-se a rir para mim.
«Já sorris? És salva, filha,
Enfim!» E a beijei contente.
Olhando-me ternamente
Ela repetiu: «Enfim!»

Enfim!... mas que triste acento
Nessa palavra vertera!
Foi como que se dissera
A vida um último adeus.
Era como um grito d'alma,
Rompendo a prisão que a encerra,
E partindo-se da Terra
Pra fundir-se nos Céus.

Iluminavam-lhe as faces
Os raios de estranho fogo.
Ao vê-la compreendi logo
Tudo o que se ia passar.
«Teresa, que tens? Responde.»
Disse, cingindo-a a meu peito;
E ao levantá-la do leito
Assustou-me aquele olhar.

As faces são-lhe de neve
Na frialdade e na alvura.
O sorrir que a transfigura
Dá-lhe um todo divinal.
Por sobre as cândidas roupas
Caem-lhe as trancas douradas,
E nas pálpebras cerradas
Se extingue o alento vital.

Nos lábios já descorados
Que meiga expressão escrita!
O seio já não palpita...
Lânguida a fronte lhe cai...
Uma lágrima saudosa
Pelas faces lhe resvala,
E a vida inteira se exala
Num sumido e extremo ai.

Era uma criança loura
Quando a vi na sepultura,
Da açucena tinha a alvura,
Teve seu curto durar.
Daqueles olhos serenos
De um certo azul esvaído,
Ai, fatal era o sentido
Que me fazia cismar.

NUM ÁLBUM

Se exigirem perfumes às flores
Pra tecerem com elas grinaldas,
Não procurem do monte nas fraldas
A modesta e inodora cecém.
Se igualmente desejas, amigo,
Para aqui mais que versos, poesia,
Antes deixes a folha vazia,
Pois meus versos poesia não têm.

SONHO

(DE H. HEINE)

Sonhando, chorei. Sonhava
Que morta te estava a ver.
Acordei: ardentes lágrimas
Senti nas faces correr.

Sonhando, chorei. Sonhada
Que tu me querias deixar.
Acordei: amargamente
Fiquei depois a chorar.

Sonhando, chorei, Sonhava
Que esse amor ainda era meu.
Acordei: corre o meu pranto
Como ainda assim não correu,

Abril da 1864.

A NOVIÇA

(NO ÁLBUM DA EXMA SR.^a D. JÚLIA ALVES PASSOS)

«Oh! vem, querida irmã, do santuário do templo,
Já desce a receber-te o celestial Esposo.
Vem ser da nossa fé sublime o vivo exemplo;
Vem, deixa sem pesar do mundo o falso gozo.

«Vem; dos círios à luz, ao som de alegres hinos,
Cinge o hábito escuro, emblema da humildade,
E, abrasada no ardor dos teus estos divinos,
Despe, ao entrar no claustro, as galas da vaidade,

«Esposa do Senhor, virgem cândida e pura,
Do teu noviciado expiram hoje os dias.
Não tremas ao fitar as portas da clausura;
Também na estreita cela há brandas alegrias.»

Assim das monjas soa o religioso canto:
Juntas, em procissão pelas extensas naves,
Espalham-se na igreja as vozes do hino santo,
Melancólica voz de aprisionadas aves.

Caído o longo véu por sobre a fronte airosa
Caminha lentamente a pálida noviça;
Nos olhos lhe fulgura uma aura misteriosa,
Um como cintilar de lâmpada mortíça.

Sobre os degraus do altar humilde se ajoelha
E ao culto fervorosa as trancas sacrifica.
«Recolhe-te ao redil, imaculada ovelha,
Teus tesouros d'amor nas aras santifica.»

E o coro ergue outra vez o ritual hosana,
Entre nuvens de incenso, à voz do órgão sagrado;
Responde-lhe o rezar da multidão profana,
Que transpôs curiosa o pórtico elevado.

A cerimônia é finda; a monja de joelhos
Permanece, inclinada a face sobre a terra;
Era no ocaso o Sol; e seus clarões vermelhos
Vinham tingir o altar, tingindo ao longe a serra.

Longo tempo ali estive, as pálpebras descidas.
Imóvel, silenciosa, em êxtase absorta.
Ergueram-na afinal as monjas comovidas:
Doloroso mistério... a pobre estava morta!

Julho de 1865.

O CASTIGO DE DEUS

Terminara a peleja. Ensangüentado
Jaz o campo da atroz carnificina:
Um sinistro clarão avermelhado
Do exército ao longe a marcha ensina.

O incêndio, a ruína e a feroz matança
São as relíquias da já finda guerra.
Ai dos vencidos! Gritos de vingança,
Perseguem os fugidos pela serra.

Ai dos vencidos! A furiosa plebe
Erra nos campos com medonha grita;
Não dá quartel, piedade não concebe;
Um cruento furor a move e agita.

Corre em tropel, corre ébria de vitória,
Arrastando os cadáveres despídos.
Maculando os lauréis da sua glória
Na lama, envolta em sangue dos vencidos.

Num vale retirado, umbroso, oculo,
Estorcia-se um velho agonizante.
Ouve em delírio, um hórrido tumulto,
Qual de demônios infernal descante.

Com o rosto alterado, o olhar extinto,
Pálida a fronte, sem vigor, já fria.
«Ai, que sede cruel esta que sinto!
Água, dai-me água!» diz. Ninguém o ouvia.

«Água, dai-me água!» brada com voz rouca,
Que se lhe prende na árida garganta.
Ao longe, a turba, numa orgia louca,
Hinos blasfemos, implacável, canta.

No delírio violento, que alucina,
Julga-se às vezes de um regato à borda;
Bem-diz, chorando, protecção divina,
Mas ai, que cedo deste sonho acorda.

Acorda, e vê-se à beira de um abismo;
Queimam-lhe os lábios qual ardente frágua,
E a custo, em terrível paroxismo,
Sufocado repete: «Água, dai-me água!»

Como se Deus escutasse
O grito do agonizante,
Surge do velho diante
Uma angélica visão;
Com as lágrimas em fio
Pelas faces cor de neve
Caminha com passo leve
Para o prostrado ancião.

Na brandura do semblante,
No olhar magoado e aflito
Lê-se um poema inteiro escrito
De caridade e de amor.
Corre ansiada e pressurosa
E toda cheia de graça
Em socorro da desgraça
Com piedoso fervor.

Junto do velho ajoelhada
Ergue-o com meigo desvelo;
E as tranças do seu cabelo
Às cãs se vão misturar.
Aproxima-lhe dos lábios
A água que ele pedia;
E ao vê-lo beber sorria...
Sorria... mas a chorar.

E uma lágrima fervente,
Gentil pérola preciosa,
Caiu na fronte rugosa
Do velho, que estremeceu.
E só então, como em sonhos,
Foi que o triste moribundo
Fitou um olhar profundo
Neste enviado do Céu.

Ela sorrindo-lhe meiga,
Ao vê-lo assim admirado
Lhe disse: «Velho soldado,
Bebei, coitado, bebei.
Há dez anos, nestes sítios,
Como vós, velho, ferido,
O meu pai estremecido,
Após a guerra encontrei.

«Como o vi, meu Deus! Já frio,
Já co'a vista embaciada,
A fronte roxa, gelada,
Os lábios em fogo, a arder.
«— Água! — bradava convulso;
— Água! — que de sede morro I»
A fonte vizinha corro...
Cheguei... para o ver morrer.

«Era então criança ainda;
Mas esta cena de morte
Impressionou-me de sorte
Que nunca mais a esqueci.
Sempre, sempre aquela imagem
Muda, pálida, cruenta,
Nos meus sonhos se apresenta;
Vejo-a ainda como a vi.

«Curvei-me sobre o cadáver
A aquecê-lo com meus beijos;
Ai, baldados meus desejos!
Que esse frio era mortal.
Jurei então, pela Virgem,
No fervor da minha mágoa,
De correr sempre com água
Pelas tendas do arraial.

«Quantas vezes à blasfêmia,
Que o delírio ao peito arranca,
Esta água, que a sede estanca,
Bendita por Deus, pôs fim!...
Quantos nobres cavaleiros,
Quantos moços, quantos velhos,
Eu vi cair de joelhos,
Soluçando ao pé de mim!

«A cada sede que estanco,
A cada dor que mitigo,
Pareca-me que consigo
Matar a sede a meu pai,
Àquele velho soldado
Que há dez anos, nesta selva,
Sobre uma cama de relva
Exalou o extremo ai.»

O velho, ouvindo-a, estremece.
«Nestes sítios ! Há dez anos!
Impenetráveis arcanos!
Dedo invisível de Deus!
E és tu quem me socorres ?!
Luz fatal se me revela.
Vingaste teu pai, donzela,
Cumpriste as ordens do Céu!»

E a fronte lívida, exausta
Por extremado cansaço,
Deixou pender no regaço
Da pobre órfã que a sustem.
Um supremo olhar de angústia
Nela por momentos fita;
Nela, que o encara aflita
Como carinhosa mãe,

«Morre em paz, velho soldado,
Por mim meu pai te perdoa,
Se a hora extrema já te soa,
Podes alegre partir.
Que seja esta gota d'água
A que te lave do crime;
Possa esta dor, que te oprime
As tuas culpas remir I»

E ao longe a turba infrene tripudiava
Sobre o cruento campo da matança;
Dos homens a vingança ali reinava.
Reinava aqui de Deus só a vingança.

NO BAILE

Ia o baile a findar. Nas vastas salas,
Que o fulgor de mil cirios ilumina,
Soam da orquestra as notas harmoniosas
A convidar a derradeira valsa.
O seio a arfar, as trancas em desordem,
Os ombros nus, o gesto requebrado.
Como estrelas cadentes, as valsistas
Em veloz turbilhão girando, passam.
Nos dourados espelhos se reflecte
Todo o encanto da cena. Novos mundos
Luminosos, florentes, dali surgem
Longe e ao longe se estendem sem que possa
Encontrar-lhes limite a vista errante.
Tudo se move e agita, aqui e em torno.
Confunde-se a ilusão com a realidade;
Cingem-se ao peito virgens palpitantes,
E vêem-se fugir, fugir, sorrindo,
No fantástico mundo dos espelhos;
Outras se lhe sucedem. Que segredos!
Que segredos d'amor nesses olhares
Lânguidos, desvairados, expressivos!
Que segredos traídos na imprudência
De um aperto de mão involuntário!
Que mudas confidencias eloqüentes!
Que indiscretos suspiros! um momento
Traiu as longas, tímidas reservas
De castas namoradas. No delírio
Em que a valsa lasciva as arrebatava,

Já nem sabem fingir, dissimulando,
Em frias aparências, os ardentes
Estos do coração, rendidos a amores.
Soltam-se-lhes as flores do cabelo.
E esfolhadas no pó, são esquecidas.
Ai, descuidosas virgens, que não vedes
No destino da flor vosso destino!
Esquecidas as tristes! Já sem viço,
Sem os encantos já do aroma e cores,
Quem se lembrará delas? Quem, sensível,
As erguerá do chão, murchas, calcadas,
Se vós as desprezais assim? Mas ide,
Ide, voai, ligeiras borboletas!
Ide, voai nas asas da harmonia!
Embriagadas d'amor, correi... mais tarde,
Como essas flores que por vós... Mas longe,
Longe uma idéia negra, no momento
Em que o prazer vos foge. À valsa! à valsa!
Mais rápida! mais rápida! Nas salas
Já desmerece o refulgir das luzes.
Mais rápida! Convulsos, enlevados
Giram os pares em redor. Que febre!
Que febre de volúpia os alucina!
Mais rápida! A vertigem se apodera
Dos sentidos. Estreitam-se os braços,
E os lábios inflamados, quase, quase
Em êxtase d'amor se tocam. Vede-a!
A alvoroçada turba de formosas,
Louras, morenas, cândidas, lascivas,
Quais rosas soltas de variadas cores.
Em vórtice fatal arrebatadas
De profunda voragem, assim passam!
Que mágico poder as enlouquece?
Em que órbita de luz volvem sem tino?
Que vista as seguirá, que fascinada
Não vacile também? Inda mais rápida!
Mais e mais até que exaustas de cansaço
Caíam, talvez sem vida, as imprudentes.

TERÇA-FEIRA

I

Rompera a manhã sombria,
Destas que fazem tristeza;
Em perfeita calma
Repousava a natureza.

Repousava. As ondas mansas
Vinham quebrar-se na areia.
Que mar tanto de esperanças!
Que enganadora sereia!

O arrais, correndo os palheiros,
«Ao mar!» grita. «ao mar, aos remos !»
«Para as lanchas, companheiros;
Grande safra hoje teremos.»

E a pobre gente da costa,
Essa raça destemida,
Que a morte sem medo arrosta,
Num momento é toda erguida.

Ei-los na praia. Cantando
Se dão à tarefa santa,
Que nesse arrojado bando
Quem mais trabalha, mais canta.

Sao todos? Todos não. Falta
Da companha o mais valente!
Esta nova sobressalta
O peito daquela gente.

«Partir sem ele! Por Cristo,
Que a primeira vez seria.
Em qualquer lance imprevisto
Quem tanto nos valeria?»

Tudo pára, tudo hesita,
Mãos nos remos, mão no leme;
Que o seio a muitos palpita,
Que a muitos a mão já treme.

II

Ora, no pobre palheiro
Do pescador que tardava,
Eis que ao alvor primeiro
Desta manhã se passava:

Ele acordara, e na esposa,
Que ao lado dorme tranqüila,
Repousa a vista amorosa,
E ao despertá-la, vacila.

Vacila — se é tão suave
Aquele dormir! tão brando!
Mas não sei que idéia grave
Lhe está na mente pesando.

Ternamente ao seio a aperta,
E lhe diz com gesto ameno:
— «Mulher, teu filho desperta,
Acorda-me esse pequeno.»

A jovem mãe estremece
— «Que acorde meu filho, dizes!
Deixa-o dormir. Deus lhe desse
Sempre assim sonos felizes.»

— «Acorda teu filho, acorda,
Tal dormir não é para ele;
Tempo é que da lancha à borda
Como os outros também vele.»

— «As lanchas! ao mar!... pois queres?...»
E a mãe empalidecia.
— «Nesta vida de mulheres
Não é que um homem se cria.»

— «Mas tão novo!...» — «Inda mais novo
Meu pai me levou consigo.»
— «Mas... —já se fala entre o povo
«Do rapaz». — Mas ouve, amigo...»

E a voz trêmula e chorosa
Quase em pranto se afogava.
Curvara-se ao mar a esposa,
Mas a mãe, essa, hesitava.

Hesitava, que se lhe ia
A alma toda, dando aos mares
O filho, a sua alegria,
O lume dos seus olhares.

— «Ouve», murmura, chorando
«Por Deus te vou pedir isto!»
E depois, em tom mais brando,
«Em nome de Jesus Cristo!

«Deixa-mo ficar, marido,
Hoje só, ai! hoje ao menos!...
Fraco auxílio o recebido
Dos braços desses pequenos!

«Bem sabes que tudo os cansa...
Sempre sois tão desumanos!
E depois... essa criança
Inda não fez os dez anos.»

— «Agoura-me bem o dia
Para lhe abrir a carreira.»
— «Porém, ó Virgem Maria,
E hoje então que é terça-feira!»

— «Mulher, deixa essas idéias,
Iguais são todos os dias;
Em maus agouros não creias,
Se é que no Senhor confias.

«Apronta teu filho, apronta,
Que hoje há-de entrar na partilha,
E olha que o Sol já desponta;
Anda, acorda-o, minha filha.»

III

— «Filho, filho, ergue-te, acorda...
Para quê, só Deus o sabe...»
E em lágrimas lhe trasborda
A dor que n'alma nao cabe.

— «Sonhavas talvez brinquedos,
Pois que sorrias dormindo;
Verás brincar nos rochedos
Esse mar que está bramindo.

«Vai inda quente do berço,
Inda quente dos meus beijos,
Para um mundo bem diverso
Do sonhado em meus desejos.

«Vai, tu que sempre dormiste
Ao som de minhas cantigas,
Dormitar à canção triste
Dessas ondas inimigas.

«E sorris, anjo querido,
Ao passo que eu choro tanto,
Pois não sabes o sentido
Deste doloroso pranto?

«Não sabes que se me parte
O meu coração no peito
Ao vir assim acordar-te
Do teu sossegado leito?

«Não sabes que minha vida,
Pobre filho, vai contigo,
E que nesta despedida
Trocas pra sempre este abrigo.

«Este abrigo de meu seio,
Por perigos e cansaços?!
Não sei, não sei que receio
Ao tirar-te de meus braços.

«Choras, filho? Ai, não, não chores,
Que me tiras todo o alento;
Já me bastam minhas dores,
Basta-me o meu pensamento.

«Deus é bom. Nem sempre os mares
Se alevantam com tormentas.
Não chores, que se chorares,
O meu pesar acrescentas.

«Sossega. Esta cruz benzida
Leva contigo, e descansa,
Pois quem é tão bom na vida,
Deve em Deus ter confiança.

«Vai, que eu à nossa Senhora,
Àquela Virgem das Dores,
Que é a tua protectora,
Rezarei logo que fores.

«Limpa essas lágrimas, vamos,
Que teu pai tas não conheça.
E a oração que te ensinamos,
Ai, vê lá! nunca te esqueça.»

IV

E viu-os partir. E o pranto
Lhe inunda as faces. Desmaia.
Dos pescadores o canto
Se escuta ao longe na praia.

Oh! que tristeza tamanha!
Que pressentimento amargo,
Quando as lanchas da companhia
Se fazem, remando, ao largo!

Junto à imagem de Maria
Esta outra mãe dolorosa
De joelhos todo o dia
Lhe ergue preces, fervorosa.

«Ó Mãe de Deus, luz divina,
Que alumias nossas almas!
Ó estrela matutina,
Que as tempestades acalmas!

«Baixa à Terra esses olhares,
Nossa única esperança,
E, voltando-os sobre os mares,
Protege aquela criança.

«Compadece-te, Senhora,
Destas lágrimas sentidas;
Estende a mão protectora
Sobre aquelas pobres vidas.

«Vê que me andam sobre as águas
Todos quantos estremeço.
Mãe, que entendes minhas mágoas,
Diz se essas vidas têm preço!

«Pela angústia que sentiste
Junto da cruz, ó Maria,
Vale-me nesta hora triste,
Vale-me nesta agonia.»

No meio de ardente prece
Ergue-se inquieta, palpita,
Fitando o céu, que escurece,
Ouvindo o mar, que se agita.

V

Era ao tempo das Trindades:
As aves, que pressagiam
O chegar das tempestades,
Amedrontadas gemiam.

A mãe segue na carreira
Uma vaga e outra vaga.
«Terça-feira! terça-feira!»
Lhe diz uma voz pressaga.

Já treme. Os olhos velados,
Onde a angústia se revela,
Pelos mares agitados
Não descobrem uma vela.

E as nuvens correm velozes,
E o vento revolve a areia.
Já se ouvem confusas vozes
Na praia de gente cheia.

Velhos, mães, tristes esposas,
Crianças nuas, em choro,
Altas vozes, lastimosas,
Erguem num sinistro coro.

Que cena! e redobra o vento,
E condensa-se a neblina,
E o mar rebrame violento,
E a noite a cena domina.

E à luz de algumas fogueiras
Escassa, tênue, funesta,
Movem-se sombras ligeiras
Como se em diabólica festa.

E ela, a mãe em desatino,
Corre, pára, escuta, chora,
Maldiz o poder divino...
Depois seu perdão implora.

Os olhos na sombra fitos,
Dessa noite escura, escura,
Eleva-os ao Céu aflitos,
E em vão um astro procura.

E o raio, que as trevas densas
De quando em quando devassa,
Mostra-lhes vagas imensas,
Negros abismos, e passa.

VI

Só à luz da madrugada
Se acalma a brava tormenta.
Que noite em ânsias passada,
Tão pavorosa! tão lenta!

O céu reflecte nas águas
A cor azul de bonança.
E vai sanando as mágoas
A branda luz da esperança,

— «Barcas ao longe! nao vedes !
Oh! que alegria tamanha!
Deus abençoou as redes,
São as lanchas da companhia.»

Crianças, mulheres, velhos,
Ao ouvirem este grito,
Todos, todos de joelhos
Cantam piedoso Bendito.

Ei-las vêm! Braços valentes
Afeitos àquela guerra,
Cortando os mares frementes
As impelem para a terra.

Na turba dos pescadores
A mãe com turbado aspecto,
Inda escuro de terrores,
Procura o filho dilecto.

Tudo exulta de alegria;
Cada qual os seus conhece...
E ela só, muda, sombria,
Sobre a praia permanece.

Ei-los enfim! Que transportes,
Que lágrimas os esperam!
Vêem-se chorar os mais fortes
Dos que no mar não tremeram.

Por entre os grupos vagueia
A mãe, trêmula, calada,
De negros agouros cheia,
De vago pavor tomada.

Quase em delírio vê tudo,
Como se através dum sonho;
De repente um grito agudo
Soa na praia medonho.

É que pálido, abatido,
Junto ao mar o esposo vira;
E que terrível sentido
Naquela dor descobrira.

—«Que negro presságio é este
Que leio nos teus olhares?
Do meu filho o que fizeste?»
—«Pergunta-o a esses mares.»

No grito que a triste solta
Vai-lhe a razão, mais que a vida!
Depois para o mar se volta,
Turba, pálida, perdida...

—«Não! não hás-de assim roubar-me
O filho destas entranhas,
Não podem intimidar-me
As tuas iras tamanhas.

«Não vês que tenho no seio
Este amor? Espera, espera,
Ruge! não tenho receio;
Ruge, amaldiçoada fera!

«Ruge!» e sem tino, movida
Da alucinação que a agita,
Rompendo em veloz corrida,
Nas ondas se precipita.

Em vão lhe açodem, que forte
O filho às vagas disputa.
Era um combate de morte!
Era uma tremenda luta!

E na manhã do outro dia
Viu-se na praia arrojada
A mãe, que, morta, sorria
Do filho ao corpo abraçada.

A INGLESA

Foi da pátria de Malvina,
Foi dentre aquella neblina
 Que ela surgiu.
Pobre anjo! tímida ave!
Entre nós, serena, grave,
 Nunca sorriu!

Em vão o sol deste clima
Que no prado a flor anima
 Com seu raiar,
A cercava de esplendores:
Eram sempre as mesmas cores,
 O mesmo olhar!

A cor da alvura da neve
Que às vezes um rubor leve
 Vinha tingir;
O olhar distraído, vago,
O azul do céu como um lago
 A reflectir.

Sobre os vestidos singelos,
Desatados os cabelos,
 Sem uma flor,
Louros, profusos, caíam,
E nas faces reflectiarn
 Dourada cor.

Vulto de tanta poesia
Nem de Ossian a fantasia
 Imaginou,
Quando dos montes na escarpa
Ao som de inspirada harpa
 Os evocou.

Na solidão da devesa
Vinha a delicada inglesa
 Flores colher.
Erguida, de manhã cedo
Passeava já no arvoredo
 Sozinha, a ler.

Se às vezes, raras, cantava,
Saudosa se lhe soltava
 Então a voz
Numa canção das montanhas,
Que impressões fundas, estranhas,
 Deixava em nós!

Ao fim das tardes, no Estio,
Ia bordejar no rio
 Com seus irmãos.
Sobre as águas debruçada,
Na onda em que era embalada
 Banhava as mãos.

E nesses tempos ao vê-la:
«Não vai nuvem de procela
 Pelo teu céu!
Para ti sempre jucundo
Te sorrirá este mundo,»
 Dizia eu.

Engano! Sob a aparência
De uma plácida existência
 Lavra a paixão,
Como sob verdes prados,
Sob outeiros enflorados
 Treme um vulcão.



Na solidão da devesa
Vinha a delicada inglesa
Flores colher

Engano! As águas serenas,
Que uma brisa enruga apenas,
Cedo as vereis
Erguerem-se em altas vagas,
E correrem pelas plagas
Como corcéis.

Se em pranto a dor não se exala,
Se o que padece se cala,
Redobra o mal;
E um dia a lava rebenta,
Prorrompe infrene, violenta,
Cruel, fatal!

De uma vez, na Primavera,
Mais cedo ao parque viera
Com sua irmã;
Como as árvores frondosas
Sussurravam tormentosas
Essa manhã!

Ambas de branco vestidas,
Mãos dadas, fronte pendidas,
Pálida tez.
Ao som da espessa folhagem
Falavam terna linguagem
De amor talvez.

De amor? Pois naquele seio
Esse fogo atear-se veio
Também por fim
De amor? E essa alma dormente,
Como as outras, nutre, sente
O amor assim?

Se o sente! Os gelos do norte
Não ferem assim de morte
Os corações;
Dentre as neves islandesas
Rebentam lavas acesas,
Rompem vulcões.

«Laura!» — à irmã disse, chorando,
Com um ar magoado e brando,
Chamando-a a si:
«Parto e... escuta, irmã querida,
Custa-me esta despedida,
Laura, por ti.

«Mas partirei! É forçoso.
Quando ele era poderoso,
Foi que o amei.
E agora, pobre, abatido,
Hei-de dar-lhe em paga o olvido?
Oh! não. — Irei.

«Irei, Laura; se hesitasse,
Se a este dever faltasse,
Dir-me-ias: — Vai.
Bem vês, Laura, é minha escolha;
Tu ficas, pobre irmã... olha
Por nosso pai.

«Consola-o, se o vires triste;
Ontem chorava, bem viste.
Laura, por Deus!
Sê-lhe tu fiel amiga,
Suas saudades mitiga
Com beijos teus.

«Aflijo-o muito. Conheço;
Mas à lei de Deus obedeço,
Que diz: — Irás,
Segue o homem que escolheste:
Pai e mãe e irmãos por este
Tu deixarás.»

E falando assim o pranto
Era nela tanto, tanto,
De fazer dó!
Laura, a irmã, não lhe responde,
No seio a fronte lhe esconde
E chora só.

Dias depois, ajoelhando
junto do pai venerando
Estas irmãs,
Ouviam do triste velho,
Inspirado do Evangelho,
Doutrinas sãs.

Colhendo a bênção que implora,
Dentro em pouco, mar em fora
Serena **foi**.
Partiu resignada e calma;
Santo ardor lhe inflama a alma,
Alma de herói.

E hoje, ai, hoje por onde erra
Essa filha de Inglaterra?
Quem sabe lá!
Quem na memória a conserva?
Cresce alta no parque a erva
Há tanto já!

Â MEL E PENNOR (IMITAÇÃO)

Longe, longe daqui, nas costas da Bretanha,
Poético país, que um mar sinistro banha,
Vivia, há muito tempo, um pobre pescador,
Que se chamava Âmel, com a mulher Pennor;
Tinham eles um filho, uma criança loura,
Um anjo que o porvir dos pais enflora e doura.
Ao voltarem a casa, alegres todos três,
Na praia os surpreende a noite duma vez.
Subia o mar veloz, medonho, ingente, forte!
Nesse tempo as marés eram vivas. A morte
Sobre as vagas boiava, indómita, cruel!
Olhando para a esposa, assim lhe diz Âmel:
—«Pennor, vamos morrer! A vaga se aproxima!
Viverás mais do que eu! Ânimo! Sobe acima
Dos ombros meus, mulher. Pousa-te bem. Assim.
E ao veres-me sumir... ai, lembra-te de mim!»
Pennor obedeceu. Firmando-se na areia,
Desaparece Âmel na onda que o rodeia.
—«Âmel, bradava a esposa; ai, pobre amigo meu!
Qual de nós sofre mais? — tu, que morres, ou eu,
Que te vejo morrer?» — E a vaga, que crescia,
O corpo da infeliz no vórtice envolvia.
Olhando para o filho, assim lhe diz a mãe:
—«Filho, vamos morrer! Olha a maré que vem!
Viverás mais do que eu! Vá! filho, vá! coragem!
Sobe aos meus ombros, sobe; e ao tragar-me a voragem,

Ai, lembra-te de mim e de teu nobre pai!»
E o mar a submergiu. Chora a criança, e vai
Pouco a pouco afundir-se. À flor d'água revolta,
Apenas já flutua a trança loura e solta...
Uma fada passou sobre o afrontado mar,
Viu aquele cabelo assim a flutuar,
Estende a mão piedosa, e, segurando a trança,
Com ela atrai a si a pálida criança.
E sorrindo dizia:—«Ai, que pesada que és!»
Mas viu cedo a razão: inda segura aos pés
Do filho estremecido, a pobre mãe começa
A erguer da onda também a húmida cabeça.
Sorriu a boa fada ao ver assim os dois!
E repetiu ainda:—«Ai, que pesado sois!»
E que, após a mulher, seguia-se o marido
Estreitamente aos pés da terna esposa unido:
Ao vê-lo, inda outra vez a meiga fada riu,
E leve para a praia o voo dirigiu
Com este cachô vivo, esta humana cadeia,
Cujos elos o amor piedosamente enleia,

1866.

O CARVALHO DA FLORESTA

Havia na floresta um roble cheio de anos,
Vestido de hera anciã, decano entre os decanos
Dos bosques do arredor. Raizes colossais
Prendiam-no à terra; ao ar descomunais
Os braços elevava, e ao vê-lo assim dir-se-ia
Que aos outros vegetais as bênçãos estendia.
Velho, e ainda a Primavera o vinha requestrar;
O Outono desfolhava-o em último lugar;
Opunha ao sol do Estio a fronde espessa e bela;
Respeitava-o no Inverno o raio da procela.
Viu passar gerações após de gerações
Em risos e em pranto, em festas e orações;
Viu crianças pedir-lhe a sombra grata e amena
Que, amantes ao depois, naquela mesma cena
Viu a falar d'amor, e no seu tronco abrir
Duas iniciais que liam a sorrir;
E mais tarde ainda os vira, velhos, encanecidos,
Pedir-lhe em vão alento aos lânguidos sentidos,
A repousar ali. A coma erguida ao céu,
De longe se mostrava envolta inda no véu
De névoas da distância. Ao regressar à aldeia,
Ansiava o lavrador por avistá-lo, e a idéia
De tudo quanto amava o vinha comover:
Do lar, do velho pai, dos filhos, da mulher.
Que olhos de tanto amor, de penas e esperanças
Lhe enviavam também saudosas as crianças
Ao deixarem a casa, a Pátria, irmãos e mãe.
Indo tentar porvir por esse mundo além!

Em que tempo nascera esta árvore gigante?
Que época viu crescer o arbusto vacilante,
Curvando-se por terra a cada viração,
Esse que já nem teme ameaças do vulcão?
Quem o pode dizer? Nas trevas se envolvia
A infância do colosso. E quando acabaria?
Que audaz raio do céu, que convulsão fatal
Por terra lançará o enorme vegetal?
Mas, ai, o que a tormenta e o tempo não consomem
Muitas vezes destrói a ousada mão do homem;
Em vão a tempestade incólume o deixou:
O golpe do machado um dia o derrubou,
E ao braço do homem cai, dos homens o amigo.
Ouvi a narração do caso, que eu prossigo.
É pela madrugada! hora que a amar induz;
Tudo é verdura o campo, o céu é todo luz.
O roble colossal no tronco encarquilhado
Sente a seiva girar. Das aves o trinado
Se ouve na espessa copa, e ao festival clamor
Respondem num sorriso a borboleta e a flor.
Como um velho entretido a ouvir cantar os netos,
Que lhe passam nas cãs os dedos desinquietos,
Assim ele também, vulto austero e senil,
Se compraz a escutar a música d'Abril,
Os trinos e o bater das asas da folhagem,
A turba jovial, da infância alada imagem.
De súbito cessou das aves o cantar;
Param, olham com medo, o chão, o bosque e o ar.
No seio da floresta um som vago se escuta,
Como o rugir do mar quando nas praias luta.
O roble estremeceu, ouvindo: «Que será?
Que sinistro rumor é esse? — Perto já
Se distingue melhor. É um travar de vozes
De alguns homens do campo, alegres e velozes.»
O roble sossegou, e às aves disse assim:
— «Podeis ficar sem medo aqui ao pé de mim,
Sao amigos que vêm, pobres trabalhadores,
Sobre quem eu estendo os ramos protectores,
Quando durante a sesta, o sol ardente cai.
Aves, não receeis. Amigos são, cantai!
Vede, pararam já. Tenta-os a fresca selva,
O machado, o alvião pousaram sobre a relva.
Vão descansar decerto. Ergueram para aqui
O olhar; a gratidão bem claro neles vi.
Cantai, aves, cantai nos ramos da floresta,
Enquanto eu lhes protejo a procurada sesta.»

OS PAIS DA NOIVA

Os sinos da aldeia repicam de festa;
Pra ornar a capela de flores viçosas,
As mães das donzelas despojam de rosas
As sebes dos campos, moitas do vai;
O adro é juncado de funcho e espadanas;
À porta do templo festões de verdura;
Dos ninhos ocultos na verde espessura
Prorrompe das aves a voz festival.

O pároco velho, de pé desde a aurora,
Lidava contente por entre os contentes;
As mãos esfregando, entoava entre os dentes
Antífonas sacras, louvores a Deus.
Trabalha na igreja, trabalha no adro,
Nem sente o gravame de oitenta Janeiros;
Não há nessa turba de alegres festeiros
Mais válidos braços, mais fortes que os seus

Mas qual o motivo de azáfama tanta,
Que, desde a alvorada, se nota na aldeia?
Os velhos da terra, não guardam na idéia
Memória que fale dum júbilo assim.
É Rosa, a mais linda cachopa do sítio,
Que um moço abastado da aldeia vizinha,
Perdido de amores, ao altar encaminha,
E assim os amores conduz a bom fim.

Rosa, única filha de pais, que, já velhos,
Não têm neste mundo mais outra alegria,
Que a adoram, que a velam de noite e de dia,
A pálida Rosa vai-se hoje casar.
Os pais, de joelhos, defronte da Virgem,
Mil graças lhe rendem, sinceras, piedosas;
Mas, junto co'as graças, também vagarosas,
As lágrimas de ambos se vão misturar.

No templo se junta luzido cortejo,
Da gente mais grada daqueles lugares,
Que em honra dos noivos aos sacros altares.
Vestida de festa, com júbilo vem.
O médico, o grave juiz de direito,
O bom mestre-escola, o mestre barbeiro,
Até o fidalgo da encosta do outeiro,
Que às bodas de Rosa não falta ninguém.

O padre co'os olhos nublados de pranto,
Os noivos prostrados no altar abençoa;
E em voz, que no peito de todos ecoa,
Lhes mostra o caminho que devem seguir.
No adro, à saída, confeitos e flores,
Caindo às mãos-cheias, alastram a estrada,
E Rosa, no braço do noivo apoiada,
As últimas bênçãos aos pais vai pedir.

Ai, pobres dos velhos! debalde procuram
Armar de sorrisos o triste semblante;
Aos olhos o pranto lhes sobe incessante;
E o pranto, coitados, não sabem reter.
E Rosa, ela mesma, nos braços dos velhos,
Cobrindo-os de beijos, ao seio os estreita;
Depois apartando-se, em prantos desfeita,
O adeus doloroso mal pode dizer.

Partiu. Era força. Deus manda que a esposa
Do esposo que escolhe partilhe o destino;
Proscrito que seja, sem lei, peregrino,
Por ele lhe ordena deixa mãe e pai.
Partiu. Desce a noite. Nos montes ecoa
Das ave-marias nota plangente,
Por entre os pinheiros a Lua nascente,
Tingindo o horizonte, já rúbida sai.

Mas, ai, a fogueira na casa dos velhos,
Ainda a essa hora no lar não crepita.
Baixará sobre eles a mão da desdita,
E mudos e imóveis nem sabem de si!
Ao lado um do outro sentados à porta,
Não tiram os olhos da esquina da estrada
Que Rosa seguira de pranto orvalhada,
E mudos e imóveis conservam-se ali.

O anjo piedoso, que, ao termo do dia,
Recolhe o perfume das almas saudosas,
Ao ver destes velhos as faces chorosas,
Parou comovido, no voo subtil.
Depois, ajoelhando no trono celeste,
Pedi para eles do Eterno a piedade,
E um brando reflexo daquela saudade
Toldava-lhe o rosto nevado e gentil.

Na igreja da aldeia, volvidos seis dias,
Ouviam-se os sinos dobrar a finados,
E os muros do templo, de crepes forrados,
Das altas tocheiras sorviam luz.
E sobre o ataúde, cercado de incenso,
Ao som dos responsos que os padres diziam,
Ao lado um do outro, tranqüilos dormiam
Os velhos esposos, ã sombra da cruz.

A ESMOLA DO POBRE

Nos toscos degraus da porta
De igreja rústica e antiga,
Velha trêmula mendiga,
Implorava compaixão.
Quase um século contado
De atribulada existência,
Ei-la, enferma e na indigência,
Que à piedade estende a mão.

Duas crianças brincavam
A distância na alameda;
Uma trajada de seda,
Doutra humilde era o trajar.
Uma era rica, outra pobre;
Ambas louras e formosas;
Nas faces a cor das rosas,
Nos olhos o azul do ar.

A rica ao deixar os jogos,
Vencida pelo cansaço,
Viu a mendiga, e ao regaço
Uma esmola lhe lançou;
Ela recebe-a, e a criança
Que a socorre compassiva,
Em prece fervente e viva
Aos anjos encomendou.

Dum ligeiro sentimento
De vaidade possuída,
A criança mal vestida
Disse a do rico trajar:
— «O prazer de dar esmolas
A ti e aos teus não é dado;
Pobre como és, coitado!
Aos pobres o que hás-de dar?»

Então a criança pobre,
Sem mais sombra de desgosto,
Tendo o sorriso no rosto,
Da igreja se aproximou;
E após, serena, em silêncio,
Ao chegar junto da velha,
Descobrimdo-se, ajoelha
E a magra mão lhe beijou,

E a mendiga, alvoroçada,
Ao colo os braços lhe lança,
E beija a pobre criança,
Chorando de comoção.
É assim que a caridade
Do pobre ao pobre consola.
Nem só da mão sai a esmola,
Sai também do coração.

Escrita num álbum em Janeiro de 1869, a
pedido do meu colega Pedro A. Dias.

A TECEDDEIRA

Tecia uma teia nova,
Tecia-a no meu tear,
Quando vi o condezinho
Junto à janela parar.

Era ele moço bem feito,
Cabelo louro, alva cor,
Olhos azuis, voz afável,
Mas... doido em coisas d'amor.

Parou, depois encostou-se,
Sorrindo, ao meu peitoril:
— «Sempre a tecer, tecedeira!
Até em manhãs d'Abril!»

Isto disse ele, e eu calada
A tecer sem lhe falar;
Ele em mim postos os olhos,
Que eu bem lhe sentia o olhar.

— «Então, então, tecedeira,
Nem bons dias me darás?»
— «Pois... bons dias, senhor conde,
E olhe se me deixa em paz.»

— «Vem comigo, tecedeira,
Pára um pouco de tecer;
Há tantas flores no campo
Que apetece i-las colher.»

À Virgem, minha madrinha,
Eu pus-me então a cantar:
— «Nossa Senhora, livrai-nos
De quem nos anda a tentar.»

— «Tentas-me tu, feiticeira,
Tentas-me com teu rigor;
Tens o coração fechado,
A chave... onde a irias pôr?»

— «Meu coração não se abre,
Como vós outros julgais,
Com palavras traiçoeiras,
Com promessas desleais.»

— «Qual é pois, ó tecedeira,
A chave que o há-de abrir?»
— «Tem segredo a fechadura,
Que não há-de descobrir.»

— «Segredo tem que me ocultas
Com cruel ingratidão,
E que irás revelar breve
A qualquer pobre aldeão.»

— «A pobreza não avilta;
Porém se não pensa assim,
Repare bem que eu sou pobre,
Não se chegue para mim.»

— «Tecedeira, tecedeira,
Como hei-de viver sem ti?»
— «Não tem que saber, menino
É viver como até aqui.»

— «Quanto mais és rigorosa,
Tanto mais eu te hei-de amar.»
E, dizendo estas palavras,
Ia a entrar no meu tear.

Eu levantei-me tão séria,
Que ele, sem querer, parou;
— «Mais devagar, condezinho,
Tal confiança lhe não dou.

«Estava sossegada e queda
Tecendo no meu tear...
Fuja d'aqui, condezinho...
E não me venha tentar.

«Para que lhe dê ouvidos
Ponho eu uma condição.»
— «Qual é?» — «Ou hei-de ser condessa,
Ou o senhor tecelão.»

— «Tecelão? Eu te prometo
Que tecelão me farei.
Porque vou tecer tal teia,
Que nela te enredarei.»

— «Teça, teça, condezinho,
Que outro tanto farei eu;
A ver quem faz melhor teia,
Se é o seu tear, se o meu.»

Partiu; mas, ai, com tal arte
Soube ele a teia tecer,
Que nas malhas do tecido
Eu me enredei sem querer.

Mas não me dei por vencida,
Que no meu tear teci
Os vestidos de condessa
Com que depois me vesti.

AO DEIXAR A ALDEIA

Partes! A longas terras
Vais procurar riqueza;
E eu, morta de tristeza
Fico sozinha aqui!
Leva-te destes montes
Uma ambiciosa idéia,
E eu nesta pobre aldeia
Fico pensando em ti.

Tentar fortuna ao longe!
Ó pobre e amado louco!
Não sabes tu que pouco
Basta pra ser feliz!
Porque não hás-de achá-la
E o bem que assim procuras,
Aqui, entre as verduras
Do teu e meu país?

Mas vai, mas parte. É sorte!
Vai; segue o teu caminho,
Ave que deixa o ninho
Onde feliz viveu.
Vai, e dos mares volta-te
As vezes deste lado,
E o meu olhar magoado
Encontrará o teu.

E lá, por outras terras,
Lã, nesse clima novo,
Lembre-te o humilde povo
Em que viveste em paz;
Lembre-te ainda o affecto,
Ai, deixa-me que o diga
Da pobre rapariga
Que nunca mais veras.

Dizem que nessas terras
Há bosques e florestas
Mais verdes do que estas
Que lemos por aqui;
Que há aves mais formosas,
Que há árvores maiores,
E tantas, tantas flores,
Como eu ainda não vi.

Se for assim, quem pode
Ter ainda uma esperança
Que guardes a lembrança,
Sob esses novos céus,
Dos soutos, das devesas,
Dos pássaros, das fontes,
Dos pinheirais, dos montes,
A que disseste adeus?

Porém lembra-te ao menos
Que aqui onde nasceste,
À sombra do cipreste,
Dormem teus velhos pais;
Por longe que tu andes,
Manda-lhe uma prece:
Esquece, embora, esquece
Pra sempre tudo mais.

Toma esta cruz benzida
Para a trazeres contigo;
Crê que em qualquer perigo
Ela te valerá!
Depois... talvez ao vê-la
Te lembres algum dia
Daquela que a trazia,
Da triste que ta dá.

E se passados anos,
Saudoso enfim voltares
De novo a estes lugares
Que deixas amanhã,
Entra no cemitério,
E da erva entre a verdura
Verás a campa obscura
Da tua... pobre irmã.

É força partir! Vamos,
Vai alta a Lua. É tarde,
Há muito já que arde
O fogo no meu lar.
Ai, quantas vezes, quantas
Ali vinhas sentar-te!
E agora... e agora... Parte
E deixa-me chorar.

Perdoa-me este pranto;
É o último que choro.
Vai... vai... não te demoro
Mais com lamentos meus.
Bem vês, já estou contente,
Vai... sê feliz e rico,
E eu... alegre fico
Com minha mãe... Adeus!

A FOLHA SOLTA DO OLMEIRO

Virgens, que cedendo aos estos
Da paixão que vos abrasa,
Deixai a rogos funestos
Os santos lares da casa;

Vós, que ao maternal carinho
Fugis, sem dor nem saudade.
Desfolhando no caminho
As rosas da castidade:

Gravai, gravai na memória
Este conto verdadeiro;
É a dolorosa história
Da folha solta do olmeiro.

Presa na haste vigorosa
Vivia a folha virente,
Mirando-se buliçosa
Sobre os cristais da corrente.

Passavam ventos, passavam
Convidando-a a segui-los;
Segredos que assim trocavam
Não é dado referi-los.

E ela, vendo a borboleta
Livre no espaço, tremia
De paixão, de dor secreta,
De inveja que a consumia.

Inveja de liberdade,
Inveja de espaço e vida,
Um sonhar de mocidade,
Um aspirar de iludida!

«On! goza, insecto ligeiro,
Goza de espaço infinito,
Que eu neste meu cativoiro
Em vão me contorço e agito.»

E ao ver a folha da rosa
Levada pela corrente,
Até dela, desditosa,
Até dessa, inveja sente!

Um dia sopra uma aragem
Mais ardente e perfumada;
Corre do olmeiro a folhagem,
E foge com a namorada.

Ei-la solta; num momento,
Veloz no ar se elevava;
É livre enfim como o vento,
Deixou já de ser escrava.

E agora embriagada, entregue
Toda aos afagos da brisa,
Já do insecto os vãos segue,
Sua ambição realiza.

Que novo viver! Que cenas!
Que existência tão completa!
Mas, ai, momentos apenas
Dura a ilusão da indiscreta.

Um ignoto desalento,
Um como faltar de vida
A toma; e ao sopro do vento
Baqueia desfalecida.

Pálida, murcha, já gasta
A seiva com que partira,
Segue inda o vento que a arrasta
Pelo pó onde caíra.

O que a impelira ao perigo,
Agora a avilta e deprime!
Ai, quanta vez o castigo
Vem de quem nos tenta o crime!

Prossegue a fatal carreira,
Cumpre teu destino inteiro,
Morre entre a grama rasteira,
Aérea filha do olmeiro.

Ai, folha de triste sorte!
Que é do encanto futuro
Que sonhaste? Escura morte
Tens em sórdido monturo.

Virgens, gravai na memória
Este conto verdadeiro,
Que pode ser vossa a história
Da folha solta do olmeiro.

NO TEATRO

Está patente a sala do espectáculo;
Mil lumes a iluminam, reflectindo-se
Nos dourados ornatos, que realçam
Na alvura das paredes. Lado a lado,
Como festões de variegadas flores,
As mais formosas, celebradas damas,
Guarnecidas de rendas e de sedas,
Adornam as extensas galerias.
Enxames de ligeiras borboletas,
Pairando sobre floridos canteiros,
Dir-se-iam os leques agitados
Por mãos tão delicadas e pequenas
Com rapidez nervosa. As pedrarias
Quebram a luz em deslumbrantes Íris.
É esplêndida a vista do teatro;
Em baixo turba inquieta e mais obscura
Já enche a trasbordar a sala. Reina
Em todo este recinto um rumor surdo,
Misto de vozes e de risos, Súbito
Parece estremecer a sala inteira;
É o sinal. Enrola-se a cortina,
Patenteia-se o palco às vistas ávidas,
Principia o espectáculo! O silêncio,
Ou se nao o silêncio, o murmúrio,
Que forma o respirar de tantos seios,
O palpitar de corações ansiados,
Sucede à agitação que ali reinava.
É comovente o drama; as mais fogosas

Paixões que o humano coração disputam,
Ali são facilmente traduzidas
Pelo inspirado gênio do poeta,
E animadas da vida, com que arte
De célebres actores a revestem.
A piedade e o terror em várias cenas
Sucedem-se, e ora lágrimas provocam,
Ora um estremecer d'alma indignada.
Domina a comoção todos os seios,
E em cada rosto clara se revela.
Reparai, vede além aquela dama,
Loura, formosa, lânguida, envolvida
Numa nuvem de rendas vaporosas,
Como recosta a fronte alva de neve
Na mão pequena e débil. Vede-a, aos olhos,
Olhos para amor foram talhados,
Leva o mimoso lenço, que retira
Humedecido de piedosas lágrimas.
Pobre menina! Coração sensível!
Como lhe anseia o peito comprimido!
Que tesouros d'afectos e ternura
Naquela alma puríssima! Pobre anjo,
Se tais prantos concedes a infortúnios,
Ficções sublimes d'arte, na presença
De infortúnios reais teus belos olhos
Cegarão a chorar. Pobre menina!
Mais além. atentai naquele velho,
Homem sisudo e grave, e na aparência
Pouco sujeito a comoção. Pois vede-o;
Olhos fitos na cena, nem percebe
As duas grossas lágrimas, que as faces
Lhe vão sulcando vagarosamente.
Bela alma a desse velho! Não pôde inda
Arrefecê-la o gelo da velhice;
O frio da miséria ali tem certo
Calor a mitigá-lo, alívio pronto.
E esse pálido jovem? Esse ao vê-lo
Tão escravo da moda, tão volúvel,
Suspeitaríeis que inda o sentimento
Pudesse comover-lhe a alma leviana?
Pois para ele reparai. A custo
Consegue disfarçar, desviando os olhos
Da cena, a comoção que forte o oprime.
Caluniam-te, pobre humanidade,
Os que te dizem dura como as feras;
Ainda a piedade vive em tí, nem pode

Exaurir-se essa fonte preciosa.
Olhai, correi a sala, e se encontrardes
Olhos enxutos, corações serenos,
Tereis vencido então; direi que minto.

O drama terminou. A imensa turba,
Que enchia há pouco a refulgente sala,
Rompe, agora, das portas, que mal bastam
Para lhe dar saída. Os corredores,
As escadas, o átrio, tudo inunda
Essa torrente humana num momento.
Tendes visto, soltando à larga presa
Os diques que a água imóvel conservavam,
Como súbito rompe fragoroso
O jorro líquido, e ainda turvo e rápido
Se precipita impetuoso, e cedo
Se espraia pelos campos cultivados?
Assim a multidão que se atropela
Ao findar o espectáculo nocturno.
Corre unida, ao princípio, após, derrama-se
Em várias direcções. Poucos instantes
Decorrerão, será silêncio tudo.
Fora das portas do teatro, a noite
Estende o denso manto humedecido
Das chuvas de Dezembro; os ventos sopram
Com rigorosa violência. Pobre
Do que não tem abrigo em noites destas!
Mas não ouvis um como triste choro
A porta do teatro? Além, na sombra,
Parece que se move um vulto escuro:
O doloroso choro dali parte;
Vejamos de mais perto. Oh triste cena!
Uma mãe e três filhos; um no colo,
Dois cingidos a ela em pé, chorando
De fome e frio; a esqualida miséria
Passou seus magros dedos nessas faces
Que a palidez da morte tinge, e os traços
Gravaram-se bem fundos. Com voz fraca
Pede a mãe para os filhos: «Por piedade!
Lembrai-vos destas pobres criancinhas,
Que me morrem de fome. Pouco basta
Para lhes dar alívio. Deus proteja
Vossos filhos e os livre da desgraça
Em que os meus vivem. Dai-lhes uma esmola.»
Ninguém escuta a voz da desgraçada;
Ninguém lhe estende a mão auxiliadora!

Onde escondeste, ó turba indiferente
Aos gritos da desgraça, aquele pranto
Que há pouco nos teus olhos borbulhava?
Corações comovidos, que maus ventos
Vos gelaram assim, que nem as preces
Duma pobre mulher, mãe desditosa,
Vos consegue abrandar? Porém, espera;
Para aqui se encaminha a loura dama,
Cujo bom coração adivinhamos
Só de vê-la chorar. Já se aproxima
A recebê-la o sumptuoso coche.
Faz chegar tua voz a seus ouvidos,
E atendida serás, desventurada;
Estende a mão, que ampara a custo o filho,
À mão calçada de elegante luva:
Não a retirarás vazia. — A miséria
Assim fez; implorou em voz sentida
A caridade da formosa dama;
Mas, ai! uma resposta fria, fria
Como não se imagina que saísse
De lábios onde amor fogos ateia,
Lhe repeliu a súplica. No coche
Senta-se em mole assento a loura dama;
O coche parte rápido, e a miséria
Fica a segui-lo com a vista ao longe.
Que mentirosas lágrimas choravas,
Jovem sem coração? De que artifícios
Te serves pra simular piedade,
Seio fechado à compaixão e ao pranto?
Passa o grave ancião, que enternecido
Vimos seguindo o drama.—«Por piedade»,
Lhe brada a pobre mãe — «matai-me a fome
A estas criancinhas. Ai, tão pouco,
Tão pouco bastará!» — «Mulher, retire-se;
Não é aqui lugar pra peditórios,
Não pode ser agora!» — e; Prossequindo
O caminho de casa, ia dizendo
O judicioso velho:—«Esta policia
O que é que faz, se à porta dos teatros
Assim nos vêm importunar mendigos?»
Velho, porque choraste há pouco ainda
Perante simulados infortúnios?
Mentiste ao coração, velho, mentiste;
O gelo do egoísmo o cobre há muito.
Em ti não há piedade; agora o vejo.
Salva, pálido moço, salva ao menos

Tu, que também choravas, essa triste,
Desconfortada mãe, que na miséria
Os outros abandonam; tua idade
É a idade de instintos generosos,
De entusiasmos santos. Salva-a, salva-a!
E desafronta assim a humanidade.
Mas nem tu! Ela em vão a mão te estende,
Passas cantando, e distraído afastas
O teu caminho do importuno vulto.
O que é pois a piedade em vossos peitos,
Homens? vós, que chorais fictícias penas,
E contemplais sem lágrimas o quadro
De verdadeiras, hórridas misérias?

Almas sensíveis sob o império da arte,
Porque ficais assim mudas e frias,
Quando passa por vós a realidade,
Trágica, triste como o triste drama
Que vos fez comover? Harpas eólias
Penduradas dos ramos dos carvalhos
Soluçam quando as auras vespertinas
Lhes roçam pelas cordas melodiosas.
Sede vós como elas; ao passarem
Nos ares estas vozes da miséria.
Vibrai com elas, soluçai, mostrando
Que ainda há um coração no vosso peito.

DEVANEIO PENINSULAR

Ai, quem me dera em Sevilha,
Onde a travessa espanhola
Sob a elegante mantilha
As negras trancas enrola.

Na arcada da sé famosa
Vê-la entrar, tal como o sonho!
Entre coquete e piedosa,
Rosto entre grave e risonho;

Mergulhar na água benzida
A mão pequena e elegante,
E entre a turba ali reunida
Distinguir o olhar do amante,

Aos pés do altar, de joelhos,
Os olhares alternando
Com a letra dos Evangelhos
E uns olhos que a estão fitando:

Aos pobres juntos à porta
Dar a caridosa esmola,
O óbolo que conforta,
A palavra que consola;

Passar por os curiosos,
Que se demoram pra vê-la,
Baixando os olhos formosos
Sem se tornar menos bela;

E elevá-los de repente,
Em sítio certo e ajustado,
A encontrar o olhar ardente
Dum ardente namorado;

Seguir as ruas ligeira
Como a andorinha das praias,
Soltando aos ventos, inteira,
A vasta roda das saias;

Agitar na mão nervosa
A rápida ventarola
Com aquela arte misteriosa
Que só sabe uma espanhola;

Entrar na casa, em que mora,
Abrir o quarto elegante,
Orar a Nossa Senhora,
Sorrir à imagem do amante;

Pousar a leve mantilha,
Descobrimdo as negras trancas,
Onde o sol reflecte e brilha
Como sobre as ondas mansas.

Sentada ao piano aberto
Dedilhar uma harmonia,
Enquanto que o olhar incerto
Vai da alcova à gelosia;

Afostar-se de repente,
E, como que por encanto,
Romper febril e impaciente
Em inexplicável pranto;

E na alcova recatada...
Pára, pára, fantasia,
Como ias longe, coitada,
Sonhando da Andaluzia I

EM HORAS TRISTES

Ela vivia só naquela aldeia,
Sem ter um coração que a compreendesse,
Passei um dia ali, falei-lhe, amei-a...
Ai, se esses tempos esquecer pudesse...

E julgou-se feliz! Pobre criança!
Era feliz naqueles curtos dias,
E eu deixei-lhe nascer sem esperança
E sem porvir aquelas alegrias!

Oh! Como é sem piedade a juventude!
Como é cruel a idade dos amores!
Desfolhando as flores da virtude,
Como se fossem verdadeiras flores.

Sopra-se ao coração, que a nós se entrega,
A labareda de violenta chama.
E ao capricho cruel da paixão cega
Sacrifica-se tudo quanto se ama.

E eu fi-la entrever em doce enleio
Dum mundo novo as mal sonhadas cenas;
E sentia-a corar e arfar-lhe o seio,
E delirante respirar apenas!

Parti, jurando amá-la toda a vida,
Pude fazer aquele juramento!
Ela ficou chorando-me iludida,
E eu paguei-lhe a ilusão com o esquecimento.

Perdido dos prazeres no tumulto,
Levado nessa rápida voragem,
Não mais pensei naquele doce vulto;
Nunca mais entrevi a sua imagem.

E ela?... Talvez no coração ferida
Por minha leviandade criminosa,
Vivesse dias de enlutada vida,
Sem ter na terra a sagração de esposa.

Ai, memórias cruéis do meu passado,
Como pungentes me feris agora!
Poupai, poupai-me o coração magoado,
Livrai-me do remorso que o devora.

A ANDORINHA FERIDA

Já despe galas
A natureza
Véu de tristeza
Tudo envolveu;
Desfolha o Outono
No prado as flores,
Densos vapores
Sobem ao céu;

Gemem os ventos
Nas densas matas;
Das cataratas
Dobra o fragor;
Calam-se os cantos
Na umbrosa selva;
Da húmida relva
Cresce o verdor.

Nas nossas terras
O sol desmaia,
O alcíone na praia
Triste gemeu:
Aves viajoras,
Cruzai os mares,
De outros lugares
Buscai o céu.

E as andorinhas
Vão-se juntando,
Bando após bando
Na beira-mar;
Deixam as neves
Já iminentes,
Auras clementes
Vão demandar.

Chama-as o instinto,
Que à turba alada
Indica a estrada
Da imigração.
Mas, ai, na selva
Jaz esquecida
Uma, ferida
Por cruel mão.

Debalde a vítima
Da má ventura
Inda procura
O voo erguer;
Debalde; exânime
Cai na floresta,
Já não lhe resta
Senão morrer.

Ela ouve o canto
Das companheiras,
Vê-as ligeiras
Passar além;
Chama-as, não lhe ouvem
A voz sumida,
Que na fugida
Nada as detém.

«Ó companheiras
De horas felizes,
A outros países
Passais sem mim?
Sob os rigores
Do triste Outono,
Ao abandono
Deixais-me assim?!

«Tu, doce amiga,
Fiel esposa,
Nem tu, saudosa,
Vens ter aqui?!...
Mas vai, que o Inverno
Tardar não deve,
Fugi da neve,
Irmãs, fugi!

«Ide a esse clima
Que vos espera;
Na Primavera
Regressareis;
Voltando à sombra
Desta verdura,
A desventura
Me chorareis.»

Calou-se. Eis súbito
Trazem-lhe os ventos
Débeis lamentos
De triste voz.
Ouve-os, levanta-se,
A dor, esquece,
Canta... emudece
E morre após.

Eis que da moita
Dali vizinha
Uma andorinha,
Gemendo, sai;
Ao ver do esposo
A triste sorte,
Também da morte
Fenda cai.

E sobre os mares
O alado bando
Vai demandando
Outro país.
E cedo a neve
Do frio Inverno
Esconde o terno
Par infeliz.

O JUIZ ELEITO

Como eu gostava de vê-lo!
Aquele ancião venerado
Com seu nevado cabelo,
E com seu rosto corado!

Oitenta anos já contava,
Mas inda firme e direito;
Todos, quando ele passava,
Saudavam-no com respeito.

Se ele era um pai para todos!
O anjo daquela gente!
Ouvia-os com tão bons modos,
Sem dar mostras de impaciente!

Quantas demandas desfeitas
Por seu prudente conselho!
E quantas alianças feitas
Pelas mãos daquele velho!

As raparigas, chorosas,
Confiavam-lhe seus amores;
As desoladas esposas
Seus caseiros dissabores;

Os homens os seus ciúmes;
As mães filiais desgostos;
E ele ouvia esses queixumes,
E alegrava aqueles rostos.

Quando o mal era sem cura,
Inda então lhes dava alento;
Bastava a sua figura
Pra dar paz ao pensamento.

Brincava com as crianças,
Sem nunca mostrar fastio;
Folgava de ver as danças
E os cantos ao desafio.

Mas se as funções exercia
Do seu grave ministério,
Outro homem parecia;
Tornava-se grave e sério.

Com orgulho se ufanava
De ser o juiz do povo,
E cada ano que chegava,
Ele era eleito de novo.

Um dia, uma pobre velha,
Quando terminava a missa,
Aos pés dele se ajoelha,
Bradando a chorar: «Justiça!»

Ele ergue-a com modo brando,
E à pobre mulher pergunta:
— «Diga, porque está chorando?
E o povo à roda se junta.

— «Senhor, a filha que eu tinha,
Doce alma da minha vida,
Única alegria minha,
Minha filha, está perdida!»

— «Perdida?!» — «Juro a verdade!»
— «Como? Fale». — «Ouvi, ouvi-me!
Se há um Deus no Céu, não há-de
Deixar impune este crime.

«Aquele pobre criança,
A tanto custo criada,
A minha única esperança,
Por um vil foi enganada!»

— «E como é que ele se chama,
O que fez tal vilania?»
— «Ai senhor», a velha exclama,
«É seu filho!» E o povo ouvia.

E o juiz eleito tranqüilo
A velha, que o rosto esconde,
Como se temesse ouvi-lo,
Estas palavras responde:

— «Sossegue, mulher; se é certo
O que, chorando, assegura,
O remédio está bem perto
Para essa desventura.

«Já que a ser juiz me atrevo,
Hei-de ser juiz de veras
E em casa exercitar devo
As justiças mais severas.

«De outro modo enganaria
Este povo que me elege:
A mesma lei que a ele o guia,
É a mesma que me rege.»

Logo rompe dentre a gente
Que o juiz escutava em pasmo,
Um brado rijo e valente,
E sobre alto o entusiasmo.

E alguns dias mais passados
A pobre filha da velha,
Junto aos altares sagrados,
Com seu noivo se ajoelha.

Ao acto o juiz assiste,
O povo o vê com respeito,
A noiva tinha o ar triste,
O juiz cingiu-a ao peito.

— «Alegre-se, minha filha,
Erga a cabeça bem alta;
Aqui sou eu quem se humilha,
A menina quem se exalta.

«Sim, sou eu o que me humilho,
Porque esta bênção redime
A si dum erro, e a meu filho
De mais que um erro, dum crime.»

Oh! sim, era um gosto vê-lo,
Aquele ancião venerado!
Que tipo de homem tão belo!
Que character tão honrado I

FIM DE UM SONHO

— «Querida, não sabes um sonho que eu tive?
Mil vezes a morte, que sonho assim!
Sonhei que te via de um bosque no abrigo...»

— «Contigo?»

— «Com outro, sentados além, no jardim.

«Na mão inda tinhas a rosa silvestre,
Que eu ontem, bem triste, te dera ao partir;
Pediu-ta esse homem, tu toda vermelha...»

— «Neguei-lha?»

— «Cedeste-a, olhando com meigo sorrir.

«E então, ele aos lábios a leva ansioso,
Com beijos ardentes lhe murcha o frescor;
Não sei que palavras lhe dizes, e, em meio...»

— «Deixei-o?»

— «Os braços lhe lanças do colo ao redor.

«Então, mais ousados seus lábios ardentes
A rosa deixando, te poisam na mão,
Sentindo-lhe os beijos lascivos de fogo...»

— «Eu logo...»

— «Tu logo lhos pagas com a mesma paixão.

«Depois, que delírio! Calaram-se os lábios,
E os olhos deixaram por eles falar;
E eu via este quadro de amores risonho?»
— «Que sonho!»
— «Terrível, não achas? e quis-me vingar.

«E a adaga que cinjo, convulso apertando,
Corri; a vingança me impele veloz.
Achei-te; o ciúme meu peito povoa.»
— «Perdoa!...»
— «Perdoa!» — dizias com trêmula voz.

«Em vão! teus clamores não ouve meu peito:
No teu níveo seio o ferro cravei.
Vacilas, e o sangue rompendo num jorro...»
— «Eu morro!...»
— «Eu morro!» — disseste. Meu sonho acabei.»

1 de Março de 1860.

Nota do Autor. — Outro crime de lesa-sexo feminino e do qual também me arrependo. É um caso apenas de traição e vingança, de onde não se pode concluir nada. No que me confesso culpado é em ter sido pouco parcial, não hesitando em distribuir nesta cena de fantasia o papei mais antipático, pelo menos para mim, à mulher e não ao homem. Mas é desculpável: espirito de classe.

NO TRÂNSITO DE UMA NOIVA

Quem te foi vestir de noiva,
Aos quinze anos mal contados ?
Quem cingiu de laranjeira
Os teus cabelos dourados?

Que mão conduziu ao templo
Esses passos vacilantes?
Quem te apagou os sorrisos,
Que tinhas nos lábios dantes?

Pobre inocente criança,
Onde vais assim vestida,
Com as lágrimas nos olhos,
Com a cabeça pendida?

Onde te leva essa gente,
Que junto de ti caminha?
Não sei, não sei que desgraça
Meu coração adivinha.

E tremes, pobre menina?!
Oh! inda é tempo, recua!
Não sacrifiques tão cedo
A paz da existência tua.

Tu vais vestida de noiva,
E os olhos humedecidos;
Estanca, estanca esse pranto
Que te humedece os vestidos.

Eleva a fronte graciosa
Coroadada de laranjeira,
Que não te caíam as flores
Pelo chão dessa maneira.

Louca, se vais assim triste
Como a vítima dos altares,
Recua, que é tempo ainda,
Treme de não recuares.

Vais mentir dizendo que amas,
Vais mentir dentro do templo,
E o futuro que te espera
Tem mais do que um triste exemplo.

Recusa essa mão traiçoeira
Que te promete venturas,
Vê que numa só palavra
Tua desgraça asseguras.

Quando voltares da igreja,
Morta verás toda a esperança.
É cedo para seres esposa,
Continua a ser criança.

Repara; as tuas amigas
Convidam-te ainda ao brinquedo,
Espanta-as teu véu de noiva,
Ai porque as deixas tão cedo?!

Dorme inda no teu seio
Um coração de quinze anos;
Respeita-lhe o sono, louca,
Poupa-lhe acres desenganos.

Coração virgem de amores,
Como respondes por ele?
E há uma mão sem piedade
Que a tal abismo te impele ?!

Diante do altar sagrado
Não jures o que não sintas:
É Deus que te ouve, repara,
É Deus que te ouve. Não mintas.

Mas caminhas... não hesitas...
Do altar os degraus subiste.
Meu Deus, que gélida festa!
Senhor! que cena tao triste!

Ontem criança, hoje noiva!
Imprudente crueldade
Que se antecipou aos sonhos
Da ridente mocidade!

Se um dia acordar inquieto
O coração, desditosa?
Se o fogo da juventude
Se atear no seio da esposa?

E escutam-se hinos de festa!
E arma-se o templo de galas!
E brilham de luz e flores
Da noiva as faustosas salas.

Soltaste a fatal palavra;
Dissipou-se o último ensejo.
Parece-me um saimento
O teu nupcial cortejo.

Esse vestido de noiva,
Aos quinze anos mal contados,
É um véu negro lançado
Sobre teus sonhos dourados.

C . . .

Não meças o amor pelo tempo que dura;
Ontem amei-te mais nessa hora tão ligeira,
Senti maior prazer, gozei maior ventura,
Do que ao pé de ti passasse a vida inteira.

Deixa que esta paixão termine com o dia,
Efêmera cecém nascida à madrugada,
E que ao cair do Sol, nessa hora de poesia,
Deixou pender no chão a fronte desfolhada.

Fiquemos sempre assim, um ao outro ignorados
Nestas vagas regiões duma paixão nascente.
Sigamos cada um caminhos separados;
Com uma hora de amor a alma é já contente.

AS ANDORINHAS

Fugi, andorinhas; em mais longes plagas
Buscai outras praias, florestas e o céu;
Que é triste o bramido que soltam as vagas
E um vento pressago nos bosques gemeu.

Fugi, namoradas das flores e estrelas,
Olhai: estes campos sem flores estão,
E cedo os espaços, à voz das procelas,
Sinistros, cerrados, sem luz ficarão.

Fugi, apressai-vos, alados viajantes,
Em bandos ligeiros os mares cruzai.
Por outros países, por selvas distantes
Mais flores e aromas, mais luz procurai.

Deixai estes montes de neve c'roados,
As selvas despidas, e as folhas sem cor,
As grossas torrentes e os troncos quebrados
E os vales cobertos de denso vapor.

E quando, mais tarde, na verde campina,
As rosas voltarem com viço a florir,
E as serras, despidas da intensa neblina,
Virentes, formosas, se virem surgir;

E quando deslizem na praia arenosa
Mais lentas, mais brandas, as vagas do mar,
E das laranjeiras de copa frondosa
Caírem as flores do chão do pomar;

E quando fugirem, informes, pesadas,
As nuvens sombrias que se erguem do sul.
Correndo dispersas e em flocos rasgadas,
Nos plainos imensos de um límpido azul:

Voltai; nova quadra de amores vos chama;
Dos climas distantes pra estes parti;
Então tudo é vida, já tudo se inflama,
Há luz, há perfumes, faltais vós aqui!

Voltai, que de novo serão florescentes
As selvas, os prados, o monte, os vergéis;
Quietas as brisas, as águas dormentes
Nos lagos tranqüilos de novo vereis.

Só eu, que vos sigo com vistas saudosas
Ao vosso desterro, dos mares além,
Já quando no prado brotarem as rosas,
Talvez não reviva co'as rosas também.

Ai, não, não revivo, que o vento do Outono
Gemendo angustiado nas brenhas do val,
Convida-me ao leito do plácido sono,
E as nébias entoa do meu funeral.

Eu morro! Na chama do Sol que declina
Bem sinto o presságio dum próximo fim.
Se um dia voltardes à vossa colina,
Ó doces amigas! lembrai-vos de mim;

Daquele que, triste, vagando no olmedo,
O adeus da partida vos veio dizer.
Quem sabe das campas o oculto segredo?
Talvez vossos cantos eu possa entender.

Talvez que, ao ouvir-vos a queixa sentida
Quebrando das noites a triste mudez,
À sombra dos cedros da escura avenida
Acorde, a escutar-vos ainda uma vez.

1864.

Nota do Autor. — Faz parte do romance «Uma flor de entre o gelo» publicado *Serões da Província*, em 1870.

O PALHAÇO VELHO

«Palhaços! rápidos!
À arena! à arena!
Quer-se uma cena
Que faça rir.
Exige-a o público
Em altas vozes;
Ide, velozes,
Ide-o servir!»

E os *clowns* lépidos
Ágeis, disformes,
Saltos enormes
No circo dão.
Soam frenéticas
Palmas e bravos.
Pobres escravos
Da multidão!

Danças ridículas,
Fingidas lutas,
Jogos, disputas,
Travam-se ali;
Ditos equívocos,
Palavras soltas,
Saltos e voltas...
E o povo ri.

Pertence ao número
Um *clown* idoso,
Curvo, rugoso,
Cheio de cãs;
Os membros trôpegos
De muita idade
Move à vontade
Das turbas vãs.

É ele o último
Dos companheiros,
Que, mais ligeiros,
Deixam-no atrás,
A turba indômita
Com grandes gritos
Ao som de apitos
Assuada faz.

E o velho cômico
Treme assustado
Do desagrado
De seu senhor.
Escusa lágrima
Cai-lhe escaldante...
«Palhaço, adiante!
Coisa melhor!»

E aquele mísero
Truão do povo
Tenta de novo
Fazê-lo rir.
Mas, pobre vítima!
Dos lados todos
Chufas, apodos
Vêm-no ferir.

E o velho, trêmulo,
Não deixa a cena,
Fazia pena
Vê-lo saltar,
Recresce a fúria
Nas galerias...
Velho, não rias!
Nobre é chorar!

Chora, sim, chora-te
Envergonhado
Do teu estado
De aviltação.
No pó olímpico
As cãs rojaste
E nao coraste ?!
Chora, ancião.

Porém, silêncio!
Que o velho fala;
Tudo se cala,
Tudo o escutou.
Em tom de súplica,
Com as mãos erguidas,
Estas sentidas
Vozes soltou:

«Sede magnânimos,
Meus bons senhores!
Que as minhas dores
São infernais!
Chorar no íntimo,
Rir no semblante!
Rir incessante!
Ai, que é de mais!

«Deponho a máscara,
Que vos ilude,
Já que não pude
Fazer-vos rir.
Este cilício,
Que me angustia,
Deixe este dia
De me pungir.

«Tenho família,
Filhos que choram,
Vozes que imploram
Pedindo pão.
Oíço a miséria
Bater-me à porta...
Velho, que importa?
Vai ser truão.

«Sentes decrépito
Tremar-te o braço?
Faz-te palhaço.
Que esperas? Vai!
Loucos escrupulos,
Velho, refreia,
Perante a idéia
De que és... um pai.

«Meu pranto, esconde-te,
Calai-vos, dores:
Estes senhores
Querem folgar.
Segue ao suplício
Os mais escravos.
Oh! dai-me bravos,
Que eu vou... dançar!»

Mas ai, falece-lhe
O alento ao velho,
Dobra o joelho,
Na arena cai.
Erguem-no pálido...
Aos mais palhaços
Decai dos braços
O truão, o pai.

AQUELA VELHA !

Aquela velha! coitada!
Se lhe soubessem a vida,
Não passaria na estrada
Assim desaparecida.

Vive só; mas vive agora,
Que num tempo já volvido
Houve na casa em que mora
Filhos, netos e marido.

Morreu primeiro o marido
Duma morte desastrosa;
Com o coração partido
Rezou por ele, piedosa.

Morreram-lhe os filhos todos
No tempo da epidemia;
Ela com os mesmos modos
Rezou de noite e de dia.

Ficara só com três netos;
Morreram de tenra idade;
E ela viúva de afectos
Venceu, rezando, a saudade.

E ainda vive! O que alenta
Aquele alma atribulada?
É a fé que lhe alimenta
Uma crença inabalada.

Ai, quem me dera esse alento
Nestes combates da sorte!
Que paz para o pensamento!
Que paz na hora da morte I

— «Não se soube dele?»— «Dizem
Que vive rico e contente,
Sem que lhe pese a lembrança
Dessa desgraçada gente.»

— «O miserável!» murmura
O forasteiro sombrio,
O pastor desceu a encosta
E passou pra além do rio.

E quando de madrugada
Conduzia ao monte o gado,
Encontrou na ribanceira
O corpo de um afogado.

Conheceu o forasteiro
Pelas vestes que trazia;
Foi enterrado na aldeia.
Quem era? Ninguém sabia.

NA MADEIRA

Vi-a chegar. Nas faces descoradas
Trazia escrito o seu fatal destino.
Nem o sol destas plagas perfumadas
Pôde corar-lhe o rosto peregrino.

Vi-a chegar. Um mar d'águas serenas
Trouxera-a no regaço brandamente,
Manso, tão manso, embalando-a apenas
Como se embala um berço d'inocente.

Pobre criança pálida e formosa
Já condenada a inevitável sorte!
As auras desta ilha milagrosa
Não te podiam defender da morte!

Ao princípio, um clarão ae vaga esperança
Raiou em seu olhar amortecido;
Mas ai, que breve rápida mudança
Deu a essa ilusão um desmentido.

Nós todos, que corríamos a vê-la
Fitando o mar com olhos lacrimosos,
Nós todos, exilados bem como ela,
Rodeamos-lhe o túmulo saudosos.

Queríamos-lhe tanto! àquela vida
Dir-se-ia que as nossas se ligavam:
Era como que a filha estremecida
De todos, porque todos a adoravam.

Vi-a partir. As pálpebras cerradas,
Pálido e frio o rosto peregrino,
Sobre o nevado seio as mãos cruzadas,
E em tudo um raio do clarão divino.

NO RIO

(A uma Criança)

Algumas há como as terras onde as flores
Aspiram uma seiva envenenada;
Onde à sombra de pérfidos verdores,
Cai nas selvas a ave inanimada.

Têm elas um excesso de amargura
De que se nutre cada pensamento;
Nas mais ridentes cenas de ventura,
Fere-as um doloroso desalento.

Ontem inda o senti. Bela era a cena,
Deslumbrante a paisagem;
Nossa barca leva-nos serena
A vela solta, em plácida viagem.

Tu, criança inocente, debruçado
Nas cristalinas águas,
Sorrias de prazer, e eu, a teu lado,
Sentia exacerbar as minhas mágoas.

Tu só vias na límpida corrente
Os verdores da margem,
E o sol, a repetir-se resplendente,
Nos mil reflexos que o fulgor lhe espargem,

As águas, a teus olhos, retratavam
 Ura segundo universo,
Outro céu, que outras aves povoavam,
Outro mundo, outro sol, na onda imerso.

Eu também, como tu, me reclinara
 Do baixei sobre a borda;
Mas a vista das águas, que fitara,
Idéias mais amargas me recorda.

Talvez, pensei, que a linfa que, assim via
 Tranqüila e adormecida,
Ocultasse no seio uma agonia,
A extrema convulsão de um suicida.

E em lugar desse júbilo expansivo
 Que o olhar te animava,
Era um pungir cruel e aflitivo
O que meu coração atormentava.

Ai, quantos como tu, pobre criança,
 Sobre as vagas da vida
Vêm debruçados, reflectir-se a esperança,
E se iludem com a cena reflectida!

Quantos, sem o saber, sobre este abismo
 Mal pensam, descuidados,
Que a seus pés, em tremendo paroxismo,
Lutam, ânsia da morte, uns desgraçados?

Mas os que já não têm, pobre inocente,
Essa doce ignorância apetecida,
Vêm através da plácida corrente
Cruéis mistérios deste mar da vida.

DISPERSAS

As riquezas deste mundo
Para mim não têm valor;
Eu sou rica nos teus braços,
Sou rica do teu amor.

Uma Família Inglesa.

Dorme, filho, que eu vigio,
E enquanto dormes, sorri;
Que a tua porção de lágrimas
Eu as chorarei por ti.

Uma Família Inglesa.

Aquele que tanto amei
Esqueceu meu pensamento
Como o rio esquece as rosas
Que retratou um momento.

Justiça de Sua Majestade.

O amor que me juraste
Bem cedo o vi acabar,
Foi fumo de labareda
Que já se desfez no ar.

Justiça de Sua Majestade.

O teu amor era falso,
Teve pouca duração.
Mas deixou mágoas eternas
No meu pobre coração.

Justiça de Sua Majestade.

Flor dos campos, flor singela,
 Pra quem guardas tuas cores?
 Deus criou-te entre verdores
 Só pra os campos enfeitar?
 Desconhecem-te a beleza
 Outras flores que ta invejam
 E as brisas, se te bafejam,
 Não o sabem revelar.

Há tanto que corro os prados
 Por sobre viçosas relvas!
 Tantas flores pelas selvas,
 Tantas no monte encontrei!
 Há tanto! e porque só hoje,
 Alva cecém da campina,
 Quis a minha ingrata sina
 Que te encontrasse? Não sei.

Não sei. O peito agitado
 Seus segredos não revela.
 Se ao ver-te foi minha estrela,
 Se é sorte pensar em ti...
 Pensarei, sim; tua imagem
 Há-de seguir-me incessante,
 Em ti só, flor vicejante,
 Pensarei, já que te vi.

A noite nos arvoredos
 Onde formas vaporosas
 Vagueiam misteriosas,
 Irei procurar-te, a sós.
 De manhã, quando no outeiro
 Surja a chama matutina,
 Já o teu nome, Paulina,
 Repetirá minha voz.

Publicada no conto *As apreensões de uma mãe,*
dos Serões da Província.

Mais vida! meu Deus, mais vida!
 Que a chama inda arde violenta!
 E a alma, de viver sedenta,
 Outros sonhos concebeu.

Das Apreensões de uma mãe.

Vem livrar-me com teus olhos
Que eu por eles me perdi;
Dá-me a vida com teus beijos,
Ja que por beijos morri.

As Pupilas do Sr. Reitor.

Caçador, que vais à caça,
Muito bem armado vais;
Os olhosavas por armas,
E, em vez de tiros, dás ais.

Singular caçada a tua,
Arrojado caçador,
Que, em lugar de penas de aves,
Só trazes penas de amor.

As Pupilas do Sr. Reitor.

Meia-noite, tudo dorme;
Só eu nao posso dormir;
Pois não me deixa este amor,
Que me fizeste sentir.

Este amor, que é minha vida,
Vida do meu coração,
Atrás do qual meus suspiros
E meus pensamentos vão.

As Pupilas do Sr. Reitor,

Se estás mais perto do Céu
Nestas alturas da serra,
Ai, porque tens, peito meu,
Inda saudades da Terra?

Em vez de erguer os olhares
À luz deste firmamento,
Desço-os à sombra dos lares,
Onde tenho o pensamento.

A Morgadinha dos Canaviais.

TERCEIRA PARTE

UMA EXPLICAÇÃO PRÉVIA

Prefácio do autor ao seu álbum manuscrito de poesias intitulado: «*Tentativas poéticas — colecção de versos de Júlio Dinis*» (Joaquim G. Gomes Coelho).

necessário ter uma grande força de vontade para resistir hoje à tentação de rimar alguns versos e cantar, bem ou mal, os sentimentos que nos dominam em certas épocas da vida. Por muito tempo lutei e soube vencer este espírito tentador, que, em horas de melancolia, em momentos de entusiasmo, em instantes de prazer, na presença do belo, do grande, me antolhava, demônio enganador, o campo da poesia, fascinando-me com promessas risonhas, que nunca eu tinha de ver realizadas; afinal sucumbi e o resultado da derrota é isso que hoje reúno neste livro de onde espero nunca sairá. Viverá sempre isolado e escondido de vistas estranhas, pois nem maiores pretensões ele tem.

Mas, como ninguém pode calcular todas as eventualidades futuras, devo dar uma satisfação àqueles a quem por acaso, e mau grado meu, este livro possa chegar.

Escrevi-o só para mim. Queria-o para um museu das minhas impressões que me recordasse no futuro esses devaneios e fulgentes fantasias, que constituem a mais apreciável riqueza da juventude, segundo dizem os que já estão fora dessa quadra da vida. ' Não me arguam, pois, não analisem estes versos; o seu autor melhor que ninguém sabe que eles não suportam a análise.

Não me custaram muitas vigílias, impressões de momento, quase de momento foram escritos.

' Tinha Júlio Dinis ao escrever esta «Explicação prévia» 20 anos apenas.

Deles não sou responsável perante ninguém, pois que a ninguém imponho a sua leitura, ou, se o fizer, será só aos poucos de quem posso esperar que os olhos benévolos do amigo não vejam os defeitos patentes às vistas desapaixonadas do leitor.

Dezembro de 1859.

SONHO OU REALIDADE?

Encantada visão, que me apareces
Por alta noite, em sonhos deleitosos,
Aonde vives tu? Onde encontrar-te
Posso, ó virgem? Acaso neste mundo
Em que o vício domina, acaso habitas?
Ou tens tua morada em áurea estrela,
Que, de noite, contemplo cintilando
Com trêmulo fulgor? Onde é que vives,
Virgem dos sonhos meus? Onde resides?
És tu, és sempre tu que me apareces
Quando cansado de afanosa lide,
Eu peço à fantasia um lenitivo;
Então vens-te sentar junto a meu lado,
Compreendes meu penar. Saudosa, meiga,
A sofrer me convidas, apontando-me
Num risonho futuro, mil venturas,
Pra compensar-me as dores. Teus suspiros
Vêm casar-se com os meus, e dos teus olhos
Manam raios de luz, que secam n'alma
A fonte dos desgostos. Em ti, anjo,
Só em ti, eu encontro um seio amigo,
Onde confio meus cruéis tormentos;
E no teu colo reclinando a fronte,
Deixo livre correr o pranto amargo,
Que todo o dia conservei suspenso
Para o esconder dos olhos indiferentes.
Nesses instantes de inefável gozo,
Todos os meus sentidos enlevados

Me fazem conceber tua existência,
Como se humanas formas te vestissem.
Figura-se-me ver teus negros olhos,
Belos, saudosos, para mim olhando
Com uma tal expressão, que é toda encantos,
Que é toda amor, que a alma me extasia.
Parece-me sentir arfar-te o peito
Em suave ondulação. Os teus cabelos,
Brandamente agitados pela brisa,
Meus lábios vêm tocar, como exigindo
Que em suas ondas de formoso ébano
Um beijo deposite. Então me falas,
E que falas, meu Deus! São harmonias,
Que nem os anjos no celeste império
Tão ternas as entoam. Meus ouvidos
Distintamente as ouvem; responder-lhes
Porém não posso; delirante escuto,
E sem que eu fale compreender-me sabes;
Revelados te são meus pensamentos,
Sem que em palavras os traduza. Sinto
Tuas mãos entre as minhas. Enleado
Por teus mimosos braços me conservas.
Teu hálito em delírio me arrebatava,
Em delírio de amor, tão puro e casto,
Qual o dos anjos na mansão divina.
Que momentos aqueles em que sonho!
E que triste é depois a realidade!
Por um instante de supremo gozo
Tenho, em troca, o amargo desespero
Duma terna ilusão desvanecida.
Porventura, meu Deus, nunca esta imagem
Terá realidade? Não existe
No mundo essa mulher, que eu imagino?
Que só contemplo em meus dourados sonhos?
Esta sombra, este anjo que me fala,
Que me sorri e que me dá conforto
Quando em jardim de fadas delicioso,
Errante me vagueia a fantasia,
Essa virgem, de amor, criação risonha,
Acaso tem por pátria o nosso mundo?
Oh! se tem, Deus supremo, faz que em breve
Eu a possa encontrar. Senhor! permite
Que na Terra entreveja a paz que os justos
Gozam na alta morada onde habita
Tua celeste essência. Oh! possa eu vê-la
Essa formosa imagem de donzela,

Que, enquanto o corpo dorme e a mente livre
Vagueia em regiões desconhecidas,
Eu vejo ao lado meu... possa encontrá-la
Em breve nesta vida; e, se negada
Me for esta ventura, devo acaso
Noutro mundo melhor gozá-la, ao menos?
Ser-me-á dado sonhar eternamente?
Ver então sempre esse anjo e adorá-lo,
Com o amor, que na Terra guardei sempre
Reprimido no íntimo do peito?
Sereis acaso, ó sonhos, fiéis quadros
Da imensa dita que então lá me espera?
Se assim é, anjo meu, leva-me cedo
Para a tua morada aonde goze
Essa felicidade por que anelo
E que encontrar em vão busco na Terra,

1857.

Estes noventa e tantos versos foram os primeiros que me saíram da pena com pretensões a poesia. Por isso os transcrevo. O assunto é digno da idade em que os escrevi.

Quem aos 17 anos não tenha sentido alguma coisa de semelhante e experimentado o desejo de a exprimir, melhor do que eu o pode fazer, é homem de cujas afeições e sentimentos permitir-me-ão duvidar.

NAO TE AMO
(CANÇÃO)

Amo as noites de luar.
Amo a Lua, o Sol, o Céu.
Amo as estrelas e o mar;
Mas não amo o rosto teu.

Amo das aves o canto,
Dos bosques o sussurrar,
Na voz da brisa acho encanto;
Mas não amo o teu cantar.

Amo a cor da branca rosa
Entre as flores bela flor,
Da violeta a cor mimosa;
Mas não amo a tua cor.

Amo o brilho das estrelas
Que fulguram lá nos céus,
O da Lua em noites belas,
Mas não o dos olhos teus.

Arno toda a natureza,
Tudo nela me sorri,
Em tudo encontro beleza;
Mas nao sinto amor por ti.

1857 (17 anos de idade).

Em vez de canção, melhor lhe chamaria cantiga. Não tem, nem poderia ter outra aspiração. A pessoa a quem ela se refere ó uma pessoa imaginária, ou antes, era-o quando isto escrevi, pois falando verdade, mulheres tenho encontrado que estão no caso de se lhes poder oferecer estas cinco quadras e não se deverem dar por ofendidas. Mas basta de notas para uma coisa tão pouco notável.

PENSO EM TI!

Surge a manhã! Tudo é festa
Tudo no campo é prazer,
Trinam aves na floresta
Hinos do Sol ao nascer.
Nestas horas misteriosas
Em que dos jasmíns e rosas
Sobem perfumes aos céus,
Nestas horas de magia
Em que tudo tem poesia,
Meus pensamentos... são teus.

Leva o Sol seu curso em meio,
Tudo inunda em clara luz
E só das selvas no seio
Branda sombra se produz,
Mal se ouvem os zumbidos,
Dos insectos e os gemidos
Da fonte caindo além;
Nesta hora de ardente calma
De amor só me falta a alma
E este amor... é teu também.

Já vai desmaiando o dia,
Aumenta o grato frescor
E na alameda sombria
Gorjeia o alado cantor;
Soltam-se os diques às presas,
Da rega é a hora, e às rezas
Convida o bronze cristão;
Cede o trabalho ao descanso;
Nestas horas de remanso
Meus pensamentos teus são.

Noite é já. A Lua alta
Dos ares causa a amplidão,
Longe, ao longe, o mar exalta
Aos céus a vaga canção;
E do arvoredos a folhagem
Quer, na sua linguagem,
Seus bramidos imitar;
O sono a terra domina
E tua imagem divina
Me enleia em brando sonhar!

Penso em ti a toda a hora,
De manhã, pelo arrebol,
Depois, quando à luz da aurora
Sucede o fulgor do Sol;
Penso em ti na hora amena
Em que a tarde vai serena
Envolver-se em ténue véu;
Penso em ti de noite escura,
E é toda a minha ventura;
A mais não aspiro eu.

1858.

Aspirar, aspiro, mas... Esta poesia (perdoem-me o nome) não é um simples Jogo de fantasia. O que ela é. escuso de o dizer. Os que a entenderam dispensam explicações. Os outros não sei se felizes se infelizmente para eles, nem com um volume inteiro de notas a entenderiam melhor.

Em quanto a este tique que nela figura, se me perguntarem quem é. colocam-me em sérias dificuldades. Não saberei responder talvez satisfatoriamente.

CISMANDO

Ontem à sombra dos plátanos
Daquela extensa avenida
Sentia-te comovida.

Tremer... corar.

Ia a falar-te mas — Cala-te —
Disseste, com voz maviosa,
— Quero, nesta hora saudosa,
Quero cismar.

EVOCAÇÃO A TEMPESTADE

Vinde! Soprai furiosos
Ventos de tempestade!
Ergue-te, majestade!
Ergue-te, ó vasto mar!
Correi, legiões de nuvens,
Velai o céu de estrelas,
Ó gênio das procelas
Vem! Quero-te saudar!

A luz fatal do raio
Guie o meu barco apenas
E rujam como hienas
As vagas ao redor;
Pairem nos ar's fatídicos
As aves de carnagem,
E cave-se a voragem
Com súbito fragor.

Surjam do fundo do abisma
Os pavorosos vultos
Dos náufragos sepultos
Dos mares da amplidão;
Responda à voz das águas
Frementes, agitadas,
O silvo das rajadas,
Os brados do trovão.

Do arcanjo do extermínio
O gládio chamejante
Ostente-se radiante
De ameaçadora luz;
Da tempestade às fúrias
Assistirei sorrindo
E bradarei: Bem-vindo!
Ao gênio que a conduz.

Bem-vindo, sim, que eu sinto
No seio mais violenta
Uma cruel tormenta,
A luta das paixões.
Procuro o mar furioso
Como um seguro asilo,
Arrosto-o e não vacilo
Das ondas aos baldões.

A ROMEIRA

Onde é que vais tão garrida,
Lenço azul, saia vermelha;
Pareces-me mais crescida
Ai, filha, fazes-me velha!

Mas... inda agora reparo,
Cordão novo e arrecadas!
Onde vais nesse preparo
E com estas madrugadas?

— Onde vou? a romaria
Da Senhora da Bonança.
Querem ver que não sabia
Que era hoje? Ai que lembrança!

— Que queres tu, rapariga,
Se toda a minha canseira
É fiar a minha estriga
Ao canto desta lareira.

Ora o Senhor vá contigo.
— Fique em paz minha madrinha.
— A casa voltes sem perigo.
Olha lá, vem à noitinha!

— Ai venho, logo às trindades,
Que é que quer que eu lhe traga?
— Como me levas saudades
Traz-me saudades em paga.

Pois trarei e até à vinda,
Adeus que há muito amanhece.
— Vai, que romeira tão linda
É que lá não aparece.

CANTARES

O campo já não tem rosas,
As noites não têm luar
E as andorinhas medrosas
Atravessaram o mar.

A sombra de uma ramada
Um dia inteiro passei
Colhendo uvas e beijos,
Quais mais gostosos não sei.

O meu mal já não tem cura
Porque é já mal de raiz;
Desde o berço à sepultura
Tenho de ser infeliz.

No Céu se pagam os males
Que no mundo se fizeram;
Se assim é, esses teus olhos
Grandes castigos esperam.

Quem se rí está contente,
Quem está contente é feliz,
Mas cala-te, coração,
O que sentes não se diz.

PRECE DO CORAÇÃO

Ludibrio das vagas, que agita a procela,
Em noite de trevas, do oceano ao fragor,
Na terra uma praia, no espaço uma estrela,
O nauta, prostrado, te pede, Senhor!

Que, se é triste a morte, mais triste é por certo
Se, no último instante do nosso existir,
Olhando o horizonte, de nuvens coberto,
De esp'rança urna estrela não vemos luzir.

Nas vagas da vida, meu barco perdido
Errante navega, sem norte, sem luz,
Não sei por que ventos me sinto impelido,
Não sei a que praias o mar me conduz.

Sulcando estas ondas, eu vejo a meu lado,
Cruzarem-se afoitos mil outros também;
Os ventos dirigem seu curso apressado,
Na esteira que eu sigo... mas passam além.

E eu... Que viagem! Que triste destino!
Que vida, ai, que vida meu fado me deu!
Vogar incessante, sem rumo, sem tino!
Rodeado de trevas, na Terra e no Céu!

Senhor ! novo nauta no oceano da vida,
Se as águas furiosas me têm de tragar,
Oh! dá-me que em antes da extrema partida,
A estrela que eu sonho me venha animar.

Que o veja um momento, no espaço fulgindo,
O astro dourado, que em sonhos eu vi!
Quem não amou nunca, da vida partindo
Mal pode, ao deixá-la, dizer: já vivi!

MELANCOLIA

Em paz, deixai-me em paz, meus pensamentos,
Não me faleis nos tempos que lá vão.
De que serve pensar nesses momentos?
Volvidos para sempre eles não estão?

Oh! deixai-me esquecer o curto instante
Em que mãe e irmãos no mundo vi!
Não achais triste e amarga ainda bastante,
A amarga solidão que passo aqui?

Que pretendeis falando do passado?
Que quereis? que exigis ainda de mim?
Lágrimas? Não vos bastam as que hei chorado?
Pra que as saudades me avivais assim?

Eu vejo os outros anelar ansiosos
Prazer, orgias, festas sem cessar;
Eu não, que invejo mais suaves gozos,
Gozos que a morte me impediu de gozar.

E assim me corre a vida! só comigo,
E a memória do tempo que passou,
E sem um coração, um peito amigo
Que a sorte, a sofrer só, me condenou.

O homem primeiro, do Éden desterrado,
Triste, rojava a fronte pelo pó;
Mas ele tinha ao menos a seu lado
Um ente que o amava e eu... estou só!

Que a solidão não é erma de gente,
"Té no meio da turba a pode haver.
Pois que nos vale a turba, quando um ente
Não vemos, que nos saiba compreender?

Quase tudo que amava, emurchecido
Pelo sopro da morte cair vi.
Como entre ruínas, mausoléu erguido,
À destruição dos meus sobrevivi.

E para quê, Senhor? Qual é meu norte?
Que missão nesta vida hei-de cumprir?
Oh! antes, antes me levara a morte,
Pois que assim, é tormento o existir.

Sombra da campa! que te tema aquele,
A quem ventura, ou um amor sem fim
Da vida ao seio e do amor impele.
Teu frio leito não me assusta a mim.

Foi-me o passado instante de ventura,
É-me o presente um século de dor;
E o porvir, envolvido em noite escura,
Que me reservará? Morte ou amor?

Se o anjo que em meus sonhos imagino,
Eu tenho de encontrar, quero viver.
Mas... se não... corre, apressa-te, destino!
Abre-me a campa; tarda-me morrer.

Em paz, deixai-me em paz, meus pensamentos,
Não me faleis nos tempos que lá vão.
On! deixai-me esquecer esses momentos,
Já que volvidos para sempre estão.

1859,

Só quem não soubesse nada da minha vida. me poderia pedir explicações desta poesia. Se, para uma produção desta natureza ter merecimento, bastasse ser escrita sob a impressão aos sentimentos que nela se exprimem, podia esta ser uma obra-prima. Infelizmente há mais algumas condições a satisfazer.

NAO POSSO

Pedes-me um canto, anjo?
Ai não, não sei cantar-te,
Hinos para elevar-te
Não sabe a minha voz.
Os grandes sentimentos
As majestosas cenas
Sentimo-las apenas;
Que mais podemos nós?

Qual é a linguagem,
Que as sensações exprime
Dessa hora tão sublime
Das confissões de amor?
Se um ente amado expira...
Junto ao lutuoso leito,
Do que nos vai no peito
Quem pode ser cantor?

Nas praias do oceano
Ao som dos seus bramidos
Enlevam-se os sentidos,
Escuta o coração.
E as horas passam rápidas,
Delícias sonha a mente...
Mas, o que então se sente
Cantar se tenta em vão.

Sob as arcadas tristes
De templo sacrossanto
Sobe, com fervor santo,
O pensamento a Deus.
Da fé íntima e pura
A alma aí se inspira...
Porém pode a lira
Cantar nos hinos seus!

Ai não me peças cantos!
O sentimento é mudo,
Diga o silêncio tudo
Quanto eu não sei cantar
Mas, se amas... se no peito
Íntima voz te fala,
Tudo o que a lira cala
Lerás num meu olhar.

Novembro de 1859.

Se esta poesia tem um leve fumo de verdade, ele é tão fraco e desvanecido, que não me atrevo a alistá-la entre as verdadeiras, em quanto ao facto; pois em quanto aos sentimentos, sustento que o é; e julgo não ser o único nesta crença.

Estes versos talvez me justifiquem de arguições futuras. É uma poesia de prevenção. Olhem-na como tal.

AURORA DE ARREPENDIMENTO

Fugi, fantasmas lividos!
Fugi, lúgubres sonhos!
Espectros tão medonhos
Deixai-me em paz! parti!
Não vedes como fúlgida
A Lua do Sol já surge?
Deixai-me; o tempo urge,
Nas trevas vos sumi!

Há muito que a ave lúgubre
Calou seus tristes hinos;
E, ao longe, a voz dos sinos
Vos diz — eis a manhã!
E vós, negros espíritos,
Travando estranha dança,
Me murmurais: Vingança!
Vingança?... Sombra vã!

Esperais que ao som horrífico
De vossos mil clamores,
Pungindo de terrores
Me roje pelo chão?
Que ao ver as minhas vítimas
Surgir da sepultura
Cedendo a atroz tortura
Eu clame por perdão?

Sob as arcadas tristes
De templo sacrossanto
Sobe, com fervor santo,
O pensamento a Deus.
Da fé íntima e pura
A alma aí se inspira...
Porém pode a lira
Cantar nos hinos seus!

Ai nao me peças cantos!
O sentimento é mudo,
Diga o silêncio tudo
Quanto eu não sei cantar.
Mas, se amas... se no peito
íntima voz te fala,
Tudo o que a lira cala
Lerás num meu olhar.

Novembro de 1859.

Se esta poesia tem um leve fumo de verdade, ele é tão fraco e desvanecido, que não me atrevo a alistá-la entre as verdadeiras, em quanto ao facto; pois em quanto aos sentimentos, sustento que o é; e julgo não ser o único nesta crença.

Estes versos talvez me justifiquem de arguições futuras. É uma poesia de prevenção. Olhem-na como tal.

AURORA DE ARREPENDIMENTO

Fugi, fantasmas lívidos!
Fugi, lúgubres sonhos!
Espectros tão medonhos
Deixai-me em paz! parti!
Não vedes como fúlgida
A Lua do Sol já surge?
Deixai-me; o tempo urge,
Nas trevas vos sumi!

Há muito que a ave lúgubre
Calou seus tristes hinos;
E, ao longe, a voz dos sinos
Vos diz — eis a manhã!
E vós, negros espíritos,
Travando estranha dança,
Me murmurais: Vingança!
Vingança?... Sombra vã!

Esperais que ao som horrífico
De vossos mil clamores,
Pungindo de terrores
Me roje pelo chão?
Que ao ver as minhas vítimas
Surgir da sepultura
Cedendo a atroz tortura
Eu clame por perdão?

Cingi o vosso sudário,
Voltai ao frio leito,
Que dentro do meu peito
Não despertais horror.
Dormi o sono gélido
Que a morte vos prepara
Deixai pra turba ignara
Imagens de terror!

Eis o sombrio préstito
Das vítimas sangrentas!
As faces macilentas,
Tintas de sangue e pó!
Rojando as alvas túnicas
No sepulcral lajedo
Caminham, como a medo...
Infundem pasmo e dó.

Entoando um canto fúnebre,
Qual último gemido,
Dos ossos ao ruído,
Acercam-se de mim!
Formam-se em vasto círculo,
E erguendo-se horrível grito,
Bradam-me: Sê maldito,
Qual já o foi Caim!

E de medonha abóbada
Os ecos despertando,
Seu grito continuando,
Repetem-me: Caim!
Oh! que mortal angústia
Este suplício eterno!
E nem no próprio Inferno
Se penará assim!

Mas não... não tremo .. rio-me
Dos vãos terrores da turba;
Só ela se perturba
Com téticas visões.
Eu não, que desde a infância
Travei ardentes lutas,
E, qual as rochas brutas,
Sorri aos furacões.

E, se me vedes trêmulo,
Perante vós curvar-me
E a fronte rociar-me
Um frígido suor...
Embora! a alma intrépida
E forte permanece,
O corpo é que parece
Ceder a um frio horror!

Sob o lençol funéreo
Que os membros vos recobre
O meu olhar descobre
Os traços de um punhal.
E o sentimento do ódio
Que o vosso aspecto exprime
Traz-me à memória um crime...
Um estertor mortal!

E eu vos fito impávido!
A ti, ancião primeiro;
No instante derradeiro
Louvavas o teu Deus,
Tentaste opor-te às fúrias
Da minha ardente coorte
Foi negra a tua sorte!
Caíste aos golpes meus!

Do templo no vestíbulo
Severo te elevavas
E anátemas lançavas
Tremendos contra nós;
Ao grito de sacrílegos
O bando estremeceu,
Sem mim talvez cedera
Em breve à tua voz.

E tu, mancebo? Adiantas-te
Com pálido semblante?
Pra libertar a amante
Voaste a combater;
Cego! que no teu ímpeto
Tolheste-me a carreira!
Exangue na poeira
Cedo te fiz volver.

Menos do que tu, misero,
O incauto viandante
Se se encontrou diante
Do carro que ágil vem;
No seu giro mais rápido
Que o próprio pensamento
Esmaga-o num momento
E livre, passa além.

E tu que me olhas túrbida
Qual rábida leoa
Que o boscoso que o ar atroa
Chamando os filhos seus;
Num maternal delírio
Ao veres-me, furiosa,
Ergueste-te raivosa
A defender os teus.

Mas qual a onda tímida
De encontro à rija fraga,
Mas qual a fina adaga
De encontro ao forte arnês,
Dobrou teu corpo lânguido
Ao encontrar meu peito,
Caindo em pó desfeito...
Nem vacilar me fez!

E tu que ergues, pálida,
Coroadada de alvas flores?
Na quadra dos amores
Pendeste, flor, pra o chão.
Crestou-te as lindas pétalas,
De embriagador perfume.
O fogo do ciúme,
A lava da paixão l

Enquanto nos meus êxtases
Contigo eu só sonhava,
Teu seio se agitava
Pensando noutro amor;
Então... em minha cólera
Perdida toda a esperança.
Jurei cruel vingança;
Cumpri-a com rigor.

Volvi aos frios cárceres,
Ao sepulcral jazigo,
Onde buscais abrigo
Quando desponta o Sol.
É os rostos cadavéricos
Aos matutinos raios,
Espectros, ocultai-os
No funeral lençol.

Mas outro se ergue súbito!...
Que vago horror me infunde!
Que estranha luz difunde
Se eleva o seu olhar!
Descobre o rosto, fita-me...
Que vejo! é ele, o infante
Que num fatal instante
Na campa fiz rolar.

No teu suspiro último
Que triste melodia!
Na hora da agonia
Sorraste para mim!
Esta lembrança punge-me,
É dor que não se exprime.
Ai! nunca a voz do crime
Me fez sofrer assim.

Ai! foge, foge, poupa-me
O horror da tua vista.
Que força há resista
A um tormento igual?...
Oh! que vergonha! Lágrimas!
O lúgubre cortejo
Sorrir-se ufano vejo
Com júbilo infernal.

Embora! Espectros, ride-vos,
Sou fraco, anseio tremo.
Nem no momento extremo
Se pode sofrer mais!
Fogem-me as forças, cansa-me
A luta, caio exausto;
Ó meu destino infausto
Que dores me guardais?!

De mim ei-los já próximos
E os descarnados braços
Agitam nos espaços
Soltando imprecações,
E ao som dos seus anátemas
Mil sombras pavorosas
Me arrastam às tenebrosas
Sombrias regiões.

À chama dos relâmpagos
Já treme a própria terra;
E qual enorme serra
O mar se eleva aos céus,
Eis a mansão dos réprobos
E os fogos infinitos
Onde ardem os proscritos
Da habitação de Deus.

Oh! longe este espectáculo!
A morte, antes a morte!
Talvez então a sorte
Conceda ao morto paz.
Talvez transportando os pórticos
Da sepulcral morada
Não reste do homem nada
Além do pó que jaz.

Então, qual som da Pátria
Soa o proscrito ouvido,
Meu último gemido
Me soará também;
Mas... quem me diz que as ânsias
Deste cruel tormento
Têm fim no pensamento
Não vão da campá além?

A vida é me um martírio;
Minha alma outrora forte
Ao sopro de agra sorte
Vergou, pendeu pró chão;
Nem mesmo a paz do túmulo
Me resta! No seu seio
Penar inda receio
Pra sempre ! Deus perdão I

Mas... que suave bálsamo
O peito me serena?
Que luz tão grata e amena
Nas trevas me luziu?
Qual desesp'rado náufrago
Em tão negra procela
Nos céus um'alva estrela
Longínqua me sorriu!

Acaso é dado ao ímpio
Erguer as mãos manchadas
Ainda ensangüentadas
A celestial mansão?!
Pode ainda a sua súplica
Chegar aos pés do Eterno?!
Da beira já do Inferno
Clamar inda perdão?!

Supremo Deus! atende-me I
Na Terra o meu castigo!
Porém, quando o jazigo
Se abrir ao pecador,
Quando em gelado féretro
A fronte já cansada,
Pousar extenuada,
Perdoa-lhe, Senhor.

Novembro de 1859.

Escusado é dizer que nao sou eu quem fala neste canto de remorsos. Conquanto pecador, como todos os filhos de Adão, ainda não está tão cheio o meu cabaz de culpas. Aqui usei da liberdade, que nos dá a lira, boa ou má, de exprimir, não só os nossos sentimentos, mas também os dos outros. Se bem ou mal o fiz, desta vez, não o sei, e espero **ter** juizes que o possam saber melhor do que eu.



AS MULHERES
(RECORDAÇÕES DE UM VELHO)

Tenho oitenta anos contados
Dos meus cabelos nevados
Bem poucos me restam já;
Tem-me ido até agora a vida
D'amor pr'amor impelida,
Até quando... Deus dirá.

Tinha dez anos apenas,
E já nas tardes serenas,
Ao declinar do calor,
Me agitava o pensamento
Como agita as flores o vento
Uma idéia só — *amor*.

Na aldeia em que eu residia
Defronte de mim vivia
Quem tal amor me inspirou.
Uma criança era ainda,
Porém nunca flor tão linda
Os olmedos enfeitou.

Uma manhã, como a visse
Junto de mim, eu lhe disse
Coisas que me lembram mal;
Ela, ao passo que me ouvia,
Baixava os olhos, sorria...
E deu-me um beijo, afinal.

E desde então por diante
Fiquei sendo seu amante
E fui amado também.
À sombra dos arvoredos,
Dizíamos mil segredos,
Que nunca entendemos bem.

Tempos assim decorreram,
Felizes tempos que eram!
'Té que pra cidade eu vim.
Chorámos na despedida
Mas supondo-se esquecida,
Ela esqueceu-se de mim.

Outra vida, outros amores
Da cidade entre os fulgores,
Tinha quinze anos, amei.
Era uma virgem trigueira
Olhos negros, prazenteira,
Doido por ela fiquei.

Os livros abandonava,
Horas e horas passava
Com ela, sem o sentir;
Meu tio franzia a testa,
Porém, à hora da sesta,
Costumava ele dormir.

Ia então pra junto dela,
Chamava-lhe meiga, bela,
E o que é costume chamar.
Ela ouvia-me, corava,
Na costura continuava
E deixava-me falar.

Duma vez, pedi-lhe um beijo,
Ela mostrou algum pejo,
Mas enfim... sempre mo deu;
Atrás deste, outros vieram
E o bem que me eles souberam
Nunca depois me esqueceu.

Mas numa noite de festa,
Para mim noite funesta,
Todo este amor se extinguiu;
Toda esta nossa ternura,
Que eu julguei de tanta dura,
A um capricho sucumbiu.

Todos no baile dançavam,
E às valsas se entregavam
Com furor; faltava eu só.
Como dançar não sabia,
Para um canto me metia,
Triste que fazia dó;

Ora, é coisa bem sabida,
Que a dança cá nesta vida,
Não se dispensa a um rapaz;
Adeus amores, se não dança...
Neste mundo mais alcança
Quem mais cabriolas faz.

Por não dançar, fui deposto
E, como após um Sol-posto,
Se levanta um novo Sol.
O que pra par a tirara
Logo ali me arremessara
Dos esquecidos para o rol.

Fiquei livre; mas em breve
A minha cabeça leve
Me envolveu noutra prisão.
Estava escrito em meu destino
Que havia de errar sem tino
De afeição em afeição.

Tinha vinte anos. Um dia
Pra ver se me distraía
Num teatro me meti;
Mal no palco os olhos prego
Que perdi o meu sossego
Desde logo conheci.

Estremeci de surpresa
Ao contemplar a beleza
Com que brilhava uma atriz!
Perdido fiquei a vê-la!
Nunca vi mulher tão bela!
Nem uns olhos tão gentis!

Cai o pano, as palmas soam
E por toda a parte ecoam
De poetas mil canções.
Tudo isso me revela
Que a muitos os olhos dela
Incendiaram os corações.

Abandono a sala, corro,
Quero vê-la, senão morro,
Quero ver os olhos seus,
Quero dizer-lhe que a adoro
E que em chamas me devoro,
Contar-lhe os tormentos meus.

Entro no palco, perdido,
Doido de todo... varrido,
Vejo-a, lanço-me a seus pés.
Disse amá-la como um louco,
E, como achasse isto pouco,
Repeti-lho muita vez.

Ela olhou-me com um sorriso,
Como nem no paraíso
Um sorriso assim se vê;
— «Se tem um amor como o pinta,
Que o futuro o não desminta.»
Me disse ela. — E tenha fe.

Voltei para casa exaltado
Quase meio embriagado,
Coisas que o amor produz.
Mas dormir debalde tento,
Impede-me o pensamento,
Toda a noite olho não pus.

Já quarenta anos eu tinha
Quando, por desgraça minha,
Tornei no engodo a cair;
Foi uma rica matrona
Que me meteu nesta fona
Donde me custou a sair.

Viúva de três maridos,
Tinha intentos decididos
De ainda mais outro matar.
Se a pensar nisto me ponho,
Um destino tão medonho
Me faz hoje arrepiar!

Mas enfim o amor é cego
E amava-a, não o nego,
A razão não a sei eu.
Por isso talvez influísse
Pra cair nesta doidice
O que ela tinha de seu.

Fiz-lhe um dia três sonetos,
Falei-lhe nos meus affectos,
Ela ao lê-los me sorriu.
E, respondendo-me em presa,
Prometeu ser minha esposa
E um beijo me permitiu.

Com ela as tardes passava,
Em sua casa merendava
Chá com leite e pão-de-ló.
Jogava-se à noite o quino
E aturava-lhe o menino
Com paciência de Job.

Nada mais apetecendo,
Assim íamos vivendo
Um com outro em santa paz;
Já se marcava o momento
Para o nosso casamento...
Quando tudo se desfez.

Foi o caso que num dia
Chegou, vindo da Baía,
E lhe lançou o anzol,
Um ricaço brasileiro,
Que cheirando-lhe a dinheiro,
Casou ele e pôs-me ao sol.

Causou-me um vivo desgosto
Ver-me assim, sem mais, deposto
Por este sensaborão...
Mas então? Tinha dinheiro,
Em breve o vi Conselheiro
E pouco depois Barão.

Abandonar os amores
Que se pra os mais só tem flores
Eu por mim poucas lhe vi.
Jurei, mas quis meu fadário,
Que a cruz levasse ao Calvário,
Que remédio obedeci.

Já no inverno das idades
Eu entrava, e as verdades,
Que então a vida nos diz,
Pra mim não se revelavam,
Os cabelos me nevavam
Quando eu outra asneira fiz.

E desta vez o objecto
Do meu sensível affecto
E das minhas afeições
Era uma velha provecta
E que já inha uma neta
Capaz de inspirar paixões.

Chamei-lhe rola, gazela,
Comparei os olhos dela
Com as estrelas dos céus.
Ela, como bem-criada,
Não só não ficou calada
Mas disse o mesmo dos meus.

Uma noite, à luz da Lua
Eu... beijei-lhe a face sua
A sua enrugada tez.
E ela a modo que gostava,
Mostrou que não estranhava,
Pois nem corada se fez.

Tinha, sim, ela um defeito?
Mas no mundo, amor perfeito
Só em flor, é que se vê.
É que, por mais que eu teimava,
Nunca ela se deixava
De me tratar por você!

Era destas formosuras
Que é melhor ver às escuras
Que na presença de luz.
Quantas mais trevas a cobrem
Mais dotes se lhe descobrem
E mais amor nos seduz.

Já o Verão principiava
E com ele começava
O tempo dos arraiais;
Quis que a uma acompanhasse
E como tal recusasse
Deixou-me pra nunca mais.

Se há caprichos nesta idade,
Como é que havê-los não há-de
Na estação juvenil?
A mulher é caprichosa
Como é fragrante a rosa
E florido o mês de Abril.

Livre, fiquei com a rosa
Livre, como a mariposa
Como a rã pelos paus;
Fiquei livre como os ventos
Que espalham nuvens aos centos
Pelos espaços azuis.

Já do que tendes ouvido.
Podeis ver como Cupido
Se fez comigo taful.
E, com um gênio assim feito,
Para viver tinha jeito
Num serralho de Istambul.

E pra que tudo vos conte
Dir-vos-ei que aqui defronte
Descobri esta manhã
Uma velhinha sem dentes
Muito rica e sem parentes 1
Vou requestá-la amanhã.

Porém eu cá já estou certo
Que, apesar dos cem bem perto,
Caprichos ela há-de ter.
Mas, embora, paciência,
Da mulher é essa a essência...
O que se lhe há-de fazer?

E mal pra eles iria
Se lhes desse na mama
Seus caprichos desterrar.
Crede, meus alvos cabelos
Um dos seus dotes mais belos
É mesmo esse caprichar.

Julho de 1859.

Desta poesia eu sou apenas uma espécie de editor, mas não responsável. É um velho que fala, e eu não afirmo, pela minha parte, que penso exactamente como ele neste assunto. O sexo feminino me perdoe portanto estas sextilhas. Estou pronto a contradizer a ilação que delas se pretendeu tirar.

Debaixo do ponto de vista em que o nosso octogenário encara as mulheres, eu devo confessar que não tenho motivos para lhes querer mal nenhum. Ele julgou-as severamente, mas é certo que também não valia mais do que elas. As feridas do coração cicatrizavam-lhe com uma rapidez espantosa e, em quanto a mim, estes corações são no amor uma calamidade e não merecem sorte melhor que a que ele teve.

Já vêem que sou imparcial.

EXALTAÇÃO

Vida! quero viver! quero em prazeres
Sequioso saciar-me!
Deste frio letargo em que hei vivido,
Quero, enfim, libertar-me!
Pra longe o manto da indiferença! Aos gozos!
Eia! aos festins da vida!
Os mais convivas se sentaram há muito.
Dai-me a parte devida.
Pra longe pensamentos de tristeza,
Gelado desalento!
Vou embriagar-me nas ardentes taças
Beber nelas o alento.
Mundo, dá-me o prazer que aos mais concedes!
Da isolação estou farto.
Adeus, ó solidão, adeus repouso.
Adeus... pra sempre eu parto!
Os rumores da turba escuto ao longe
No seio dos folgares;
E só eu, frio, cruzarei os braços,
Não buscarei seus lares?
Oh! não; é tempo, as alegrias chamam-me.
Antes de exausta a taça
Corramos a beber nela, que o gozo
Co'a juventude passa.
Amigos, esperai, eu já vos sigo.
Louco do que se isola?
Nem se torna melhor, nem suas penas
Na solidão consola.

Vamos ao menos no rumor das festas
Sufocar este grito
Que nos brada: — Padece, que de lágrimas
Foi teu destino escrito.
Vamos... ao menos no fulgor dos bailes
Fascinemos a vista.
Talvez aí se encontre o esquecimento,
Talvez o gozo exista.
Quebrems esta lápide marmórea
Que nos cingia em vida.
Ressuscitemos! Eia, ó alma acorda
Desta feral jazida.
Vamos!... às festas, ao prazer, aos cantos,
Às flores e harmonias.
Taças a trasbordar, luzes fulgentes,
Delirantes orgias!
E, então, no meio do delírio férvido,
Perdido, embriagado,
Talvez encontre a paz que em balde tenho
Na solidão buscado,

Abril de 1860.

Esta exaltação, como quase todas, terminou em nada. Não cheguei a incomodar os convivas dos festins da vida para me darem lugar, e espero que nunca os incomodarei. Meu caminho é outro. Divirtam-se em paz.

UMA CONSULTA

—Dá licença? — Entre quem é.
— Muitos bons dias. — Olé,
Por aqui, minha senhora?
Desculpe vossa excelência
Se a não conhecia agora.
— Sem mais... À sua ciência
Recorrer venho.—Deveras?
(Senhor me dê paciência!
Nunca tu cá me vieras).
Então que temos? — Padeço.
— Sim? porém de que doença?
— Essa é boa! acaso pensa
Que eu porventura a conheço?
— Ah! não conhece? — Quem dera!
Então não o consultava.
— (E eu que muito estimava).
Mas diga, então? — Eu lhe conto...
Oíça bem. Não perca um ponto.
— Nem um ponto hei-de perder.
— Ai, doutor, doutor, meu peito...
— É do peito que padece?
Quem havia de o dizer!
— E Jesus, doutor, parece
Que me quer interromper?!
Não era a isso sujeito.
— Nem o tornarei a ser...
Vamos lá. — Ora eu começo...
Atenção é o que lhe peço;

Diga-me: que lhe pareço?
 Não me acha muito abatida?
 — Assim, assim; mas às vezes
 A vista pode enganar.
 — Não, não. Pode acreditar
 Que há já um bom par de meses
 É um tormento esta vida.
 — Então que é o que sente?
 — O que sinto? Ora eu lhe digo:
 O doutor é meu amigo?
 — Oh! senhora... — E é prudente?
 Oiça, pois: Eu dantes era
 Fera e rija, que era um gosto!
 Ou em Dezembro ou Agosto
 Correr o mundo pudera,
 Sem no fim me achar cansada.
 — E hoje? — Não lhe digo nada,
 Nem comigo posso já.
 — Mau é! — Quer saber, doutor?
 Só para vir até cá,
 Que tormentos não passei!
 — Diga-me, se faz favor.
 Que idade tem? — Eu nem sei...
 Eu sou mais nova três anos
 Que o reitor da freguesia.
 — (É grande consolação!)
 — Tenho ainda outros dois manos
 Que mais velhos do que eu são,
 Porém, como eu lhe dizia,
 Doutor...—Que mais sente então?
 — A vista sinto estragada,
 Até já me custa a ler,
 De mais a mais sou nervosa.
 Isso não lhe digo nada!
 Olhe, estou sempre a tremer.
 — Faça idéia. — Andava ansiosa
 Por consultar o doutor;
 Eu tenho em si muita fé.
 — Lisonjeia-me. — Outra queixa...
 Que eu soffro também... Qual é?
 — É dum forte mal de dentes.
 Todos me caem. — Bem, bem.
 — E os que restam, mal assentes,
 Qualquer dia vão também.
 — É provável. — Ai, doutor!
 Que cruel enfermidade!

Não acha? — Acho e o pior...
 — Há-de curar-me, nao há-de?
 — E então nao sente mais nada?
 — Nada... ai, sim, tem-me parecido,
 Porém, talvez me iludisse...
 •— Diga. — A semana passada,
 Como ao espelho me visse...
 Pareceu-me ter percebido...
 — O quê? — Que a pele não era
 Como dantes, tão macia.
 —• E então? — Quem visse dissera
 Que eram rugas. — (Eu dizia)
 E é isso o que padece?
 — Ainda pouco lhe parece,
 Doutor? — Por certo que não.
 — Então que doença tenho '
 — Em sabê-lo muito empenho
 Sempre tem? — Eu? Pois então?
 Para isso o procurei.
 — Bem, então sempre lho digo
 Mas julgo não ficarei
 Por isto, seu inimigo.
 — O meu doutor! — O seu mal
 É, senhora, de algum perigo.
 — Ai Jesus! — E muita gente
 Dele morre. — Oh santo Deus!
 Por quem é não diga tal!
 E... morre-se de repente?
 — Conforme. — Pecados meus?
 E então é isso o que pensa!
 Porém ainda me não disse
 O nome dessa doença
 E eu sempre o quero saber...
 — O nome?—Sim.—É. . velhice!

 — E o remédio? — Morrer.

Janeiro de 1860,

A lembrança não é minha absolutamente. Foi-me sugerida de um caso semelhante que me contaram.

PROFISSÃO DE FÉ

Se vires a lira entoar alegrias,
Prazeres e orgias, das festas à luz,
Não creias as vozes que solta; mentida
É toda essa vida, que nela transluz.

Se a vires cantando felizes amores,
Perfumes de flores parecendo aspirar,
Não creias; minh'alma surgir não viu ainda
A aurora bem-vinda de grato raiar.

Se vendo no mundo somente ímpias cenas,
Pérfidas apenas, funestas paixões,
De escárnio e desprezo soltar os seus cantos,
São falsos; que em prantos lhe vão ilusões.

Porém, quando triste, falar da saudade,
Em grata ansiedade fitar o porvir
Em sonhos de esperanças, talvez que mentidas,
Soltar seus gemidos, temor exprimir;

Se a ouvires falando de chamas ocultas
Que n'alma sepultas encobrem seus véus,
Quais fogos acesos ao ar elevados,
Ardendo ateados, numa ara sem Deus.

Se a vires nos cantos falar magoada,
Da luta travada no meu coração,
Que muito deseja, que tanto empreende
E em vão se defende da ignota prisão.

Ouvindo-a em segredo, soltar suas queixas
E em tristes endeixas sentida gemer,
Chorar o passado, odiar o presente
E ao longe somente fulgores entrever.

Então crê os hinos que ouvires à lira,
O peito os inspira, do peito eles vem,
A mão indiferente suas cordas não pulsa
Febril e convulsa se agita também.

22 de Abril de 1980

Esta é como indica o título, uma profissão de fé. Por ela avalie-se a verdade de todas as poesias que fazem parte deste álbum íntimo. Se o meu modo de pensar fizer mudança a seu tempo virá nova profissão. Até aqui; é esta que regula.

UM PARECER

As minhas flores dilectas
Não se encontram nos jardins
Por entre estátuas erectas
De mármore e labirintos,
Das estufas nos recintos,
E avenidas de alecrins.

Não ornam os toucadores
De feminis gabinetes,
Não perdem as suas cores
Brilhando à noite entre sedas
De manhã às horas ledas
Desmaiando nos tapetes.

Nas jarras não se acumulam
Dos vastos salões de festa;
Em grinaldas não emulam
No fulgor a pedraria,
A luz que o baile alumia
Não é a luz que as cresta.

Não; as minhas, as que eu amo
Não as procurem por aí
Pois que eu prefiro ao ramo
Das flores mais presumidas
As singelas margaridas!
Que nas campinas colhi.

As camélia: peónias
 Que o jardim ostenta ufano,
 E outras destes hierarquias,
 Prefiro a rara violeta,
 E a rosa ~~que~~ vegeta
 Pelos campos todo o ano.

E, como as flores , as donzelas
 São iguais nos agostos meus,
 Pois para mim as mais belas
 E aos olhos mais aceites,
 Não são as p em mais enfeites
 Encobrem os dotes seus.

Não são. Eu quero a beleza
 Sem tão presumida arte;
 O que vem da natureza
 Tais atavios dispensa.
 Mulher, atede-me e pensa
 No conselho que vou dar-te:

Feia ou bela para longe
 Desterra tanto : aparato.
 Não faz o habito o monge
 Sem ele a bela se enfeita
 E nada à feia aproveita
 Esse tão caiado ornato.

Que pedras mas preciosas,
 Que enfeites de mais valor
 E que flores ~~mas~~ mimosas
 Do que uns olhos radiantes
 Um as tranças abundantes,
 Uns lábios dizendo a m o r ?

E vós, feias se a beleza
 Vos negou seu galardão,
 Não fujais da singeleza,
 Não busques e extremo oposto.
 Deixai de ~~adornar~~ o rosto,
 E adornai o coração

Maio de 1860.

Vox clamantis in deserto.

APARÊNCIAS

Sempre o riso em teus lábios! Na alva fronte
Nem uma sombra apenas!
Nem uma nuvem só no horizonte
A ameaçar-te com futuras penas!

É possível haver inda no mundo
Quem viva e não padeça?!
Num vale de agonias tão profundo.
Quem haverá que em júbilos se esqueça!

Se hoje os dias teus correm amenos,
Olha para o passado.
Ele saudades te dará ao menos
Dos que à beira do túmulo hás deixado.

E nem um só instante de tristeza
Te dão essas memórias?
Teu passado é estéril? Não te pesa
Uma só dessas cenas transitórias?

Pois bem; encara as trevas do futuro
E dize se as não receias?
Fitando esse horizonte ignoto e escuro
São ainda de prazer tuas idéias?

Dizem que a taça do praze.- na vida
 Contém sempre o absinto,
Mas tu, só de alegrias envolvida
Não sabes o amargor... Que digo? Minto!

Tudo isso é aparência. Se eu puder
 Ler-te no pensamento
Quem sabe se até mesmo estremeceira
Ao deparar co'um íntimo tormento?!

Quem sabe quantas vezes é mentida
 Dos lábios a alegria!
Quantas vezes no peito comprimida
Nos devora latente uma agonia!

E morto o coração inda persiste
 Um sorriso aparente,
Simulando um prazer que não existe,
Fingindo uma ilusão que a alma não sente.

Este vislumbre de mentido gozo
 Que nos lábios se estampa
É como as flores do vergel viçoso
Que nos encobrem a hediondez da campa.

8 de Julho de 1860.

DESALENTO

É força descrer. Na vida
Sucumbe toda a ilusão
Como a flor da haste pendida
Murcha ao sopro do tufão.

Fantasia vãs da infância
Deixai-me; sois mentirosas.
Pintáveis-me a vida estância
Coberta de mirto e rosas.

E, ao perto, o mirto e as rosas
Em espinhos se tornaram.
Essas horas venturosas
Bem amargas se mostraram.

Descrer é fatal destino
Que espera o homem na vida.
E não há poder divino
Que lhes sirva de guarida.

Descrer? descrer! muito custa
Quando o peito é de vinte anos,
Quando a alma inda se assusta
Ao clarão dos desenganos.

Pobre alma! pobre seio!
Ai que martírio sofreste.
Inda ontem de ilusões cheio
E hoje já quantas perdeste!

E agora que mais me resta?
Qual, ó alma a tua sorte!
Já que a vida é tão funesta
Aspira somente à morte.

6 de Agosto de 1860.

DESESPERO

O dia fenece. Co'a luz purpurina
Que tinge o ocidente, que aromas não vem!
O Sol vacilante no oceano declina,
Eleva-se a Lua nos montes d'além.

Por entre a ramagem de densa espessura
Semeada de aljôfar's por lânguida luz
Mil aves modulam com meiga ternura
Seus hinos que a aragem aos montes conduz.

Que mágicas cenas! que aromas na brisa!
Que sons! que harmonias se elevam daqui !
Ditosa a existência que mansa desliza
E a quem esta cena de graças sorri.

Mas; ai, de que valem belezas de selva,
Das aves os hinos, perfumes de flor?
Que importa o arroio gemendo na relva
E a Lua surgindo com grato palor?

Que importa o silêncio que vai na campina
A quem dentro d'alma rebrame a paixão?
Que importa a folhagem que adorna a colina
Se dentro palpita medonho vulcão?

Oh! antes mil vezes ouvir agitadas
As vagas lutando com as nuvens do céu.
Olhar as florestas brilhando incendiadas
E o raio rasgando das noites o véu.

Em vez do murmúrio das brisas suaves,
O vento com raiva no bosque a bramir
Em vez do mavioso descante das aves,
Das feras o torvo, medonho rugir!

Então, nos horrores de tanta tormenta
Talvez meus martírios eu visse extinguir,
Então, como o infante que a mãe acalenta,
Ao som das rajadas pudera dormir.

Mas não; ainda mesmo que todo o universo
Desabe em ruínas em torno de mim
No caos informe, que fora seu berço,
Achando o seu leito de morte por fim.

A rude tormenta que o seio me agita
Inda há-de mais alto suas fúrias erguer,
Que vagas ardentes de lava maldita
Eu sinto violentas no peito ferver.

E os risos do campo, de escárnio parecem,
Os sons das florestas, insultos à dor.
Mal hajam as galas que o prado guarnecem,
Mal haja esta noite de paz e de amor!

Oh ! vem, negro gênio da guerra e tormenta
Teu facho terrível sacode no ar
E todo o universo de guerra alimenta,
Dos homens na terra, das ondas no mar!

E em vez desta noite risonha e tranqüila
Suscita os horrores do dia final;
Cidades e povos, e a vida aniquila
E eleve-se o trono do gênio do mal !

13 de Agosto de 1860.

O DESTINO DAS FLORES

Um dia em que ambos nós, sobre a mesa do estudo
Numa noite hibernai, da lâmpada ao clarão,
Ele curvado a ler, eu a escutá-lo mudo,
Seguíamos com pausa, atentos, a lição.

Inda me lembro bem! Falávamos das plantas,
De sua curta vida e sua amena cor,
Tantas pelos vergéis e pelos montes tantas,
Que vivem, fenecendo após aberta a flor!

— «Triste destino o seu», disse ele com voz lenta,
Pousando com tristeza a fronte sobre a mão,
— «Deus as manda florir, de seiva as alimenta,
Mas cedo com as flor's caem murchas no chão.»

Triste destino o teu, ao delas semelhante,
Pobre alma de poeta! On! que destino o teul
Deus te mandou cantar e o canto vacilante
Na Terra principiado acabaste-o no Céu.

FALSOS AMIGOS

Como a sombra, amigos temos,
Que nos segue em claro dia;
Mas que da vista perdemos
Assim que o Sol se anuvia.

Outra versão:

Vós sois a minha sombra
Se o Sol me luz brilhante..
Atrás, ao lado, adiante,
Encontro-a junto a mim !
Porém se nuvem negra
A luz do Sol me tira,
A sombra se retira...
Vós sois também assim.,.

ORAÇÃO DO REITOR

A noite era de Inverno, húmida, escura e fria.
Soprava nos pinhais furiosa a ventania,
Imitando o bramir dum tormentoso mar.
Os sinos do mosteiro ouviam-se vibrar.
E, contudo, ninguém subira ao campanário.
A alameda do adro e o morro do Calvário,
Onde se ergue imponente o sacro emblema — a Cruz —
Rasgando o negro véu, enchiam-se de luz
Quando do céu pesado o raio fuzilava:
Luz sinistra, fatal, como de ardente lava.
A aldeia repousava em plácido dormir;
Sono que não perturba esta ânsia do porvir
Que à vida nos consome, aos filhos das cidades;
Este sonhar sem fim, estas vagas saudades
Sempre, sempre a fugir dum fantasiado bem
Que à nossa cabeceira acalentar-nos vem.
A aldeia repousava. As cinzas da lareira
Onde há pouco inda ardia a paternal fogueira
Cujo grato calor as horas do serão
Ajudara a passar, frias, extintas são.
Porém na residência um homem inda vela,
Pois que uma frouxa luz, através da janela,
Parece estar dizendo ao povo que adormece:
— «Dorme, que o teu pastor de velar não se esquece !»

O pároco velava. As venerandas cãs
Pendentes sobre um livro. Em orações cristãs
Iam-se, muita vez, assim, noites inteiras...
As contas do rosário eram-lhe companheiras.

Julgava-se ele então, o bondoso reitor,
Mais próximo do Céu, mais junto do Senhor !
E, Moisés do seu povo, ouvindo mais de perto
A palavra da lei que, no árido deserto,
O devia guiar por grandes provações,
Sentia então mais fé nas suas orações !
A estância humilde e nua do velho cenobita
Parece receber misteriosa visita
Sempre que, como agora, embevecido e só,
Lê, de David, um salmo, um lamento de Job.
Páginas imortais dos Santos Evangelhos !
Pois houve quem o viu, caindo de joelhos,
Erguer, cheio de ardor, os olhos para o Céu,
Como se, descerrando o impenetrável véu,
Que, aos olhos dos mortais, cobre o mistério augusto,
Lho deixasse encarar sem turbacão nem custo.
Vivera a fazer bem. Envelhecera assim.
Eram-lhe distrações as flores do jardim,
O ensino da infância, a esmola aos indigentes
E o salutar conselho aos jovens e imprudentes.
Logo pela manhã, mal sentia o arrebol,
Ia-se para o monte, a ver nascer o Sol,
E voltava a almoçar mais leve do que fora,
Que a esmola o acompanhava e é grande gastadora.
Não sabia, o bom velho, há muito resistir...
Cedia-lhe sorrindo... Abençoado sorrir !
Sempre sóbrio e frugal. o santo sacerdote,
Quisera, muita vez, entesourar um dote
Para as filhas de Deus, órfãs de pai e mãe !
Socorria a chorar! Pois chorava também,
Sempre que chorar via, ou de prazer ou pena.
Em tudo reflectia aquela alma serena,
Como lago tranqüilo, ao tombar do escarcéu,
As nuvens reproduz que perpassam no céu...
Com que amor acolhia alguma alma perdida
Que o vinha procurar, um dia, arrependida !
Com que sentida fé lhe falava da Cruz,
Prometendo o perdão em nome de Jesus !

Quando à missa do dia, ao povo que o escutava,
Com voz trêmula já, da religião falava,
Na prática singela havia tal unção
Que vinham gravar-se fundas, no coração,
As palavras de amor, de paz, de tolerância.
E o povo procurava ouvi-lo com instância.

Ora naquela noite, que parecia sem fim,
Com fé ardente e pura, o velho orava assim:

«Senhor! Que, generoso,
Todas as aves nutres,
Os pérfidos abutres
E os brandos rouxinóis !
Que juntas nos espaços,
Às nuvens das procelas,
Os raios das estrelas,
A luz de imensos sóis I

«Que à borda dos abismos
Fazes brotar a planta;
Da flor que nos encanta
A áspide fatal;
E a plácida corrente
Tornas, num simples gesto,
Em vórtice fremente,
E a brisa em vendaval!

«Senhor! quem pode, ousado,
Sondar os teus mistérios?
Sombras dos cemitérios,
Acaso o podereis?
Mas nós, cegos ainda,
Na sombra intensa, espessa,
Curvemos a cabeça
A tuas santas leis !

«Por isso, se no mundo,
Olharmos, surpreendidos,
Os bons aos maus unidos,
Unido o mal ao bem...
Que os lábios se não manchem
Na imprecação maldita !
É lei que está escrita
Em letras de ouro, além...»

«Além, por essa abóbada,
Alta, sublime, imensa,
Onde a alma do que pensa
Se perde a meditar...
Abramos, pois, os braços
A todos igualmente.
A Deus, a Deus somente,
Compete esse extremar.»

uma canção que o interrompe:

«Pobre flor que, nos campos nascida,
Entre moitas de humildes violetas,
Tão saudosa no campo vegetas,
Sem um raio de fúlgido sol!
Pobre flor, solitária, ignorada,
Só a estrela do céu te namora,
Só te beija o rocio da aurora
E te fala o subtil rouxinol !

«Ai, se um dia escutares, atenta,
Essa voz, ó violeta da aldeia,
Essa voz que embriaga, que enleia,
Qual suave harmonia do Céu,
Nova luz se fará na tua alma"...
E, chamando-te à vida os sentidos
Te abrirá os países floridos
Que inda envolve um tenuíssimo véu.»

A canção cessou e o velho reitor segue com a prece:

«Senhor ! Bendito sejas
Na tua majestade !
Por toda a imensidade
Teu nome escrito jaz !...
E tu, soberba humana,
Lembra-te que és poeira...
E, na hora derradeira,
A sê-lo voltarás...»

EXCERTOS

*Epístola a meu primo José Joaquim
Pinto Júnior no dia dos seus anos,
20 de Outubro de 1859.*

Dos orientais jardins da bela aurora
Foge, a lançar-se no cerúleo espaço,
Um grato sol d'Outono. Poucas flores
Lhe oferece a terra já, mas pendem frutos
Das árvores, vergadas sob o peso
Tão grato ao lavrador, que mil riquezas
Ufano estende nas patentes eiras,
Ou em fartos celeiros acumula
Para as guardar do Inverno. Os atavios,
Com que se adorna a quadra, mais semelham
Modestas galas de gentil esposa,
Que, junto ao berço de seus ternos filhos,
Despiu as louçainhas de solteira,
Os seus trajes garridos de donzela,
Pra quem a vida é só jardim florido,
Belo e viçoso, mas sem frutos inda.
Outono! Fértil quadra — tão querida
Do povo agricultor! se eu possuísse...

.....Onde iria
Mendigar expressões pra celebrar-vos,
Loiras searas, agradáveis ceifas,
Serões risonhos a que amor preside,
Onde se trocam abraços mil, mil beijos,
A cada *milho-rei*? Não sei cantar-vos,
Verdes relvas, de orvalho rociadas,
Sussurrantes arroios das campinas,
Copados, odoríferos pomares...

Tudo isto eu escrevia há pouco tempo,
Após ter aspirado os mil perfumes
Do ar do campo, às horas matutinas.
Que alegria na aldeia !... Que fervores
Nos trabalhos agrícolas!... Mas hoje...

Que importa à mole que o vapor impele,
O fim pra que trabalha? Reconhece
Uma força maior, e indiferente
Segue o impulso. Sejamos como...

O nosso pátrio Douro que sombrio,
Em torturado leito se revolve,
Nem sempre ao levantar a húmida frente,
Depara montes íngremes e aspérrimos
Que o fazem suspirar, de angustiado.
Aqui e ali, a natureza amena
Com ele se mostrou. Risonhos vales,
Gratas colinas, sinceirais formosos,
Verdes campinas que interceptam veias
De límpido cristal, lhe ornem as margens...
Aí, um brando enleio voluptuoso
Vence o soberbo rio, namorado
Dos verdores que o circundam. Brandamente
Se deixa adormecer, acalentado
Pelas canções que entoa a leve brisa,
Ao som das folhas dos virentes olmos,
Então, ferventes beijos deposita
Nas enfloradas margens, que perfumes
Lhe dão em troca. A frente majestosa
Desenruga, olvidando seus pesares,
Lascivo, espraia as suas frescas ondas
Em mais ameno leito. Já não geme,
Não brame enfurecido, maldizendo
As enormes montanhas que o oprimem
Em apertado espaço. Canções ternas,
Canções de amor, que só quem ama entende,
Enlevado murmura em brandas notas.

Amo-te sempre, ó Douro, quer em fúrias
Invistas contra as rochas, quer sereno
Deslizes, retratando em tuas ondas
Os alamos das margens. Ou turvado
Te rojes em lodoso, áspero leito,
Ou em praias extensas desenroles

Tuas ondas mais límpidas, és sempre
O Douro, cuja voz me acalentava
Nos áureos sonos da passada infância.

Mas de novo me acorre o pensamento
Atrás de idéias tristes. E a tal ponto
Que me custa trazê-lo a bom caminho.
Ante o Sol se interpôs uma outra nuvem
E desta vez bem negra. Mas desculpa
Se, quase a meu pesar, eu fui levado
Na torrente de idéias tão sombrias...
Deixa o país fantástico que habitas
Pra fazer excursões impetuosas
Armado de palavras. Tão difícil
É repressar-lhe as fúrias, como peias
Tentar opor às convulsões tremendas
De furioso vulcão. A minha idéia,
A predilecta, a que na mente afago,
Que, quando só, vem povoar de imagens
A minha solidão, é a da família.
Prefiro-a à glória, a prazer's, a honras !
Peço a Deus, com fervor, nas minhas preces,
Mil vezes, no seu templo, ajoelhado:
— «Senhor, lhe digo, por piedade, ouvi-me !
Povoi-me esta aridez da minha vida,
Como na infância a vi; pelo passado
Conformai meu futuro; já que o homem
Retrogradar não pode em seu caminho.»
A súplica é sincera e Deus piedoso.
Escutada será? Não sei que esp'rança,
Não sei que frouxa luz, bem frouxa ainda,
Parece divisar no horizonte...
Talvez não creias que, sincero falo
Nestas aspirações do meu futuro?
Ah ! Sinceras são elas, podes crer-me.
Assim reais as vira ! Os mil prazer's
Que a juventude sequiosa anseia,
De boamente, em holocausto, os dera
A santa paz da vida de família.
Talvez; mas seja embora um sonho apenas,
O sonhar e um bem, se o sonho é grato.
É milagroso bálsamo que sara
As feridas mais cruéis da realidade.

Os frades já lá vão. Esses ao menos
Souberam amenizar a agreste vida,

Estéril de afeições, do homem solteiro,
 Desfrutando as delícias da preguiça,
 Nas confortáveis celas dos conventos,
 Templos só consagrados à mandriice.
 Onde nada teria que notasse
 O mais importante dos vassallos
 Da rainha Vitória. E mais é gente
 Que, no que diz respeito à boa vida
 E em muita coisa mais, a custo cedem
 A qualquer outra, o grau de preferência.

Se entre os teus me não vires, acredita
 Que por lá me esvoaça o pensamento
 Assistindo ao 'spectáculo bendito
 Dos prazer's de família. E, quando os, brindes
 Se elevarem em glória deste dia,
 Se nao com os do corpo, com os da alma,
 Misteriosos sentidos, ouvir podés,
 Associar-se ao coro das mais vozes,
 Uma voz a saudar-te; é essa a minha !
 E disse. Cai o pano. E finda a epístola.

*

*Da segunda carta de Júlio Dinis a seu
 primo José Joaquim Pinto Coelho*

Eis a idade dos vinte anos,
 Tão celebrada em poesia,
 Em que a ardente fantasia,
 Cria mil visões de amor !
 Voa a alma atrás dos sonhos,
 No seu seio se embriaga,
 Como a abelha que divaga
 Poisando de flor em flor.

Saudemos pois esta hora
 Se ela é hora de esperança !
 O isolamento cansa,
 Não amar, é não viver !
 Na floresta as aves cantam,
 Quando alveja a madrugada,
 Se a aurora d'alma é chegada,
 Cantemos-lhe o amanhecer.

Mas a própria natureza
 Quis saudar-te neste dia,
 E num sorriso te envia
 Sua grata saudação.
 Ela fenece, declina,
 Já se despe de verdores;
 Tu na quadra dos amores
 Colhe as flores da estação.

«Colhe-as, viçosas se mostram
 No teu extenso horizonte.
 Exulta pois, ergue a fronte,
 Que a tua hora enfim chegou i»

1860.

*

* *

*Cartas a meu primo José Joaquim
 Pinto Coelho.*

«Venho uma vez ainda, movido de ansiedade
 Dos teus, às alegrias, meus júbilos unir;
 Queimar débil incenso nas aras da amizade,
 Lembrar-me do passado, falar-te do porvir.

«Lembrar-me do passado, desviando a escura tela
 Que as cenas dessas eras aos olhos nos cerrou...
 Falar-te do futuro, mostrando-te essa estrela
 Que para a juventude sempre nos céus radiou...

«Parar, onde a planície se espraia, vasta, imensa?
 E a perspectiva se orna de flores e de luz?
 Parar, pendida a fronte, sem ânimo, sem crença,
 Vergado sob o peso de imaginária cruz?

«Isto nos nossos anos, isto na nossa idade,
 Tão cheia de futuro, de alento e de fé !
 Oh, não ! Pra nós a esp'rança; deixemos a saudade !
 Deixemos a flor murcha que outra em botão já ó l

«Saudemos o futuro, como a risonha aurora
Que tinge o alto dos montes de purpurina cor !
Saudemos o futuro à voz consoladora,
Que nos fale, em segredo, duma época melhor !

«Da lira pelas cordas correndo as mãos nevadas
Tira sentidas notas duma imortal canção...
Nem das harpas eólias, nos olmos pendurados,
As extrai tão sonoras, da noite, a viração...

«Não são da Terra as notas da música maviosa
Que escuto, não; são ecos de música no Céu...
Co'a citara dos anjos, em nuvens cor-de rosa,
Esta visão celeste junto de nós desceu.

«Cantando, pouco a pouco, seu rosto se ilumina...
Nos lábios tudo é risos; é tudo vida o olhar...
Como, na madrugada, se despe de nebrina
A risonha paisagem que o sol vem animar.

«Falou na paz dos justos, falou na recompensa
Que espera os virtuosos na celestial mansão...
Para os Céus apontando, disse inspirada:—Crença!—
Abandonando a Terra, disse saudosa:— Irmão !—

1862.

*

«Sim, às vezes, não sei fugir ao desalento
Que baixa sobre mim, qual nuvem tempestuosa;
Nem posso desviar o curso ao pensamento,
Que desce sem parar, em senda tenebrosa.

«Então, se olho o porvir, vejo-o sombrio e escuro,
Como quando no céu se forma a tempestade,
E em torno do baixei, que voga mal seguro,
Uma neblina densa o espaço todo invade.

«Ontem inda sentia esta tristeza vaga
Que pesa sobre nós, mais cio que um férreo jugo;
Sinistra cerração que nos sufoca e esmaga
Como o laço fatal de invisível verdugo !

«Vem, surge, ó Sol luminoso,
Doura os cumes da alta serra,
Inunda de luz a Terra,
Vem reflectir-te no mar...
Acorda as aves no bosque,
Chama os insectos às balsas,
Onde em doudejantes valsas
Vão as flores namorar...

«Penetra nas espessuras,
Nesses retiros aonde
A flor silvestre se esconde
Para sozinha florir.
Dá-lhe o calor dos teus raios,
Desperta-a do fatal sono
Em que as nebrinas do Outono
Já a faziam dormir...»

1863.

«Dai-me do campo as mais festivas flores,
Não as quero saudosas;
Quero-as alegres, de risonhas cores,
Como os cravos e as rosas.

«Deixemos a violeta, essa morena
Habitante das relvas.
A delicada, a pálida açucena,
Deixemo-la nas selvas.

«Uma é negra, traz vestes de tristeza,
Vem de luto trajada;
Outra, lembra nas cores da pureza,
Virgem inanimada.

«Não as quero, que podem essas flores
Renovar na memória,
As mal curadas, as pungentes dores,
Duma recente história.

«O caminho da existência
É então grato e florido.
Ai ! Bem fácil é o olvido
De tudo o que a alma sofreu !
Como à roseira da várzea
Que todo o ano floresce,
A cada flor que fenece
Uma outra flor sucedeu.

«Uma outra flor, e mais bela
E cada vez mais viçosa.
Uma outra flor, outra rosa,
Ou antes, outra ilusão.
Nunca, nunca o desalento
Extingue o fogo sagrado
Que arde no altar consagrado
Que se chama o coração.»

1864.

«A saudade, a fada amiga
Que nos renova o passado,
Como em jardim encantado,
Por seu mágico condão...
Os prazeres da criança,
Alvos sonhos de inocência,
Os fogos da adolescência,
O nascer do coração...

«A saudade, a ama dilecta,
Que o sono nos acalenta,
E junto de nós se assenta
A falar-nos com amor!
Essa fiel guardadora
De nossas gratas memórias
Que sabe as longas histórias
Da nossa vida, de cor!

«A saudade, a irmã bem-vinda,
À noite, às horas quietas,
Em que amantes e poetas
Livre curso à mente dão;
A virgem pálida e triste,
De branda melancolia,
Que as penas nos alivia,
Que nos mitiga a paixão!

«Tens ao teu lado a saudade
Falando-te em voz dolente.
Duma memória recente,
Duma luz que se apagou...
Luz que tomaste por guia
Para termo da viagem;
Mas que o sopro duma aragem,
Brandas, apenas, apagou.»

1865.

*

- «Veste-se a planta de flores
Quando a Primavera assoma;
E a espessura de verdores
- Perfuma com seu aroma.

«Mas nem sempre a mesma vida
Transluz nas flores abertas;
Uma seiva empobrecida
Só lhes dá cores incertas.

«Todos os anos floresce,
Ao despertar este dia,
A planta que, ignota, cresce,
Da minha pobre poesia.

«Porém, desta vez, roçada
Do mal, pela mão funesta,
Uma flor só, desmaiada,
Abriu para a tua festa.

«Mas seja o tributo pago,
Embora com pobre oferta;
Essa mesma aí a trago,
Desbotada e mal aberta.»¹

1866.

¹ Última carta em verso que Júlio Dinis dirigiu a José Joaquim Pinto Coelho. Era desta maneira que festejava os aniversários de seu primo,